

Semana

REVISTA DA

Nº 37 — 13 de setembro 58 — Cr\$ 10,00



**O BRASIL RECEBE
GIOVANNI GRONCHI**

**DESFILÉ MILITAR
DE 7 DE SETEMBRO**



**Orfeu do Carnaval já
encontrou sua Eurídice**



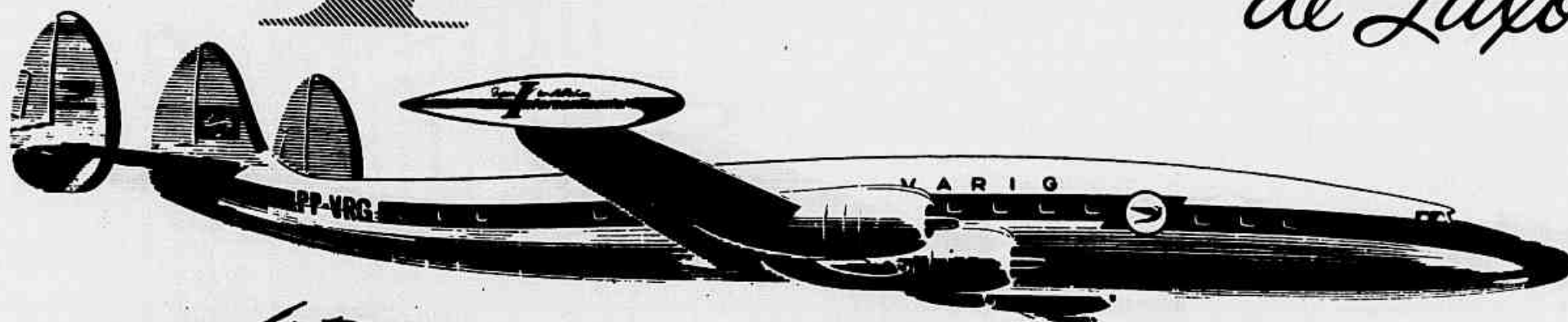
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super Constellation Intercontinental de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas espaçosas e um esmerado tratamento a bordo.

* Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

A CAPA

Marpessa Down (Kodachrome Alberto Ferreira)

REPORTAGENS

O Presidente Gronchi no Brasil	4
Contrabando, negócio da china para fiscais	19
Americana de Paris sem Euridice no Rio	32
Ballet Concreto: Mistificação ou Paranoia?	44
Bandeira da Misericórdia tira o laço e crimi- nosa	48
A Parada do Sete de Setembro	59

CINEMA

Polly Reed (noventa e nove de busto)	11
Anna entre dois Anthony	54

CONTO

Desafio	14
---------	----

NOVELA

Os Galhos do Cedro	28
--------------------	----

MODAS

Originalidade e Elegância	40
---------------------------	----

SOCIAIS

As Verdades de Mariquinha Maranguape	43
--------------------------------------	----

POLÍTICA

Trapézio	52
----------	----

SEÇÕES

Puxe pelo Cabelo	10
Palavras Cruzadas	51
Bilhete de Minas	57
Humor (Ambrósio)	58

CRÔNICA

Um Livro há vinte e cinco anos	66
--------------------------------	----

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. Diretor-Comercial: Jolir Amado. Diretor-Secretário: Aluizio Alves — Rua Visconde de Maranguape n.º 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revistas». Telefones: Diretoria — 22-2822; Redação — 22-6570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5402. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior, Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00 — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chingaglia Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas n.º 502 — 19.º andar. Telefones: 43-6087 e 32-3575. Rio de Janeiro.

CONTATO

RECEBE o Brasil, pela primeira vez, um Chefe de Estado italiano. Acompanhado da esposa, Giovanni Gronchi chega ao Rio na quinta-feira, onde é recebido com tôdas as honras oficiais. Sua presença simpática foi saudada pelo povo que ladeava a Avenida Rio Branco, empunhando festivamente bandeirinhas tricolores. Os pavilhões nacionais do Brasil e da Itália, entretanto, erguidos ao longo das ruas por onde passaria o desfile presidencial, perdiam-se num curioso emaranhado de faixas eleitorais, transtornando, pitorescamente, o figurino das homenagens ao estadista visitante. Neste número, completa reportagem fotográfica das homenagens prestadas ao presidente italiano.

PELA primeira vez uma revista brasileira entrevista Marpessa Down, a bela "colored" americana que fará a "Euridice" do filme francês "Orfeu do Carnaval", em preparo no Rio. A reportagem da RS segue o itinerário de um passeio de Marpessa pela cidade (foram Hugo Sérgio Koatz — repórter, e Alberto Ferreira — fotógrafo, os seus bem-aventurados acompanhantes) descobrindo na graça de seu temperamento um gosto sincero pelas nossas coisas. De sua beleza — tema da mais alta relevância e digno de sambas e panegíricos, poderão os leitores ter uma idéia bem expressiva desde a capa, e confirmá-la na reportagem às págs. 32 e seguintes.

MAIS uma vez — a data máxima nacional. Como nos outros anos, as comemorações do Sete de Setembro se apresentam com a sua já tradicional imponência, e levam uma multidão ao centro da cidade. As homenagens ao dia da Independência são ainda mais valorizadas com a presença do presidente italiano Giovanni Gronchi, que, no palanque oficial armado diante do Ministério da Guerra, é alvo de manifestações populares.

TRINTA e seis anos depois da famosa "Semana de Arte Moderna", que veio insuflar sangue novo na arte e na literatura nacionais, a frase se repete: "Mistificação ou Paranoia?" A pergunta se apresenta, agora, a propósito do revolucionário ballet concreto concebido por Lígia Pape, Reinaldo Jardim e Gilberto Mota, há pouco levado no Teatro Copacabana, e que teve, como principal inovação, a audaciosa substituição de bailarinos por formas geométricas — cubos e cilindros dançantes. Ainda é cedo para dizer se se trata ou não de loucura. Entretanto, tal ballet já começa a ganhar repercussão internacional, pois será brevemente encenado na Alemanha, onde se encontra, aliás, um dos maiores focos do concretismo.

No presente número, o depoimento dos jovens que conceberam o Ballet Concreto, bem como as contraditórias opiniões de personalidades que a êle assistiram.

"POR que não acabam com a moamba no Brasil?" As páginas 18 e seguintes, nos traz Hélio Polito a revelação melancólica, bem expressiva dos tempos que atravessamos: o negócio da China em que se transformou o contrabando para os nossos fiscais aduaneiros. Explica por que, embora sejam as mercadorias quase sempre apreendidas, o contrabandista permanece inexplicavelmente impune. E dá, como exemplo, a frase de um fiscal aduaneiro:

— "Acabar com o contrabando? Deus me livre! E a minha parte nas apreensões?"

NO SETE DE SETEMBRO

O BRASIL COMEMORA, MAJESTOS M



MENTE, 136 ANOS DE SOBERANIA

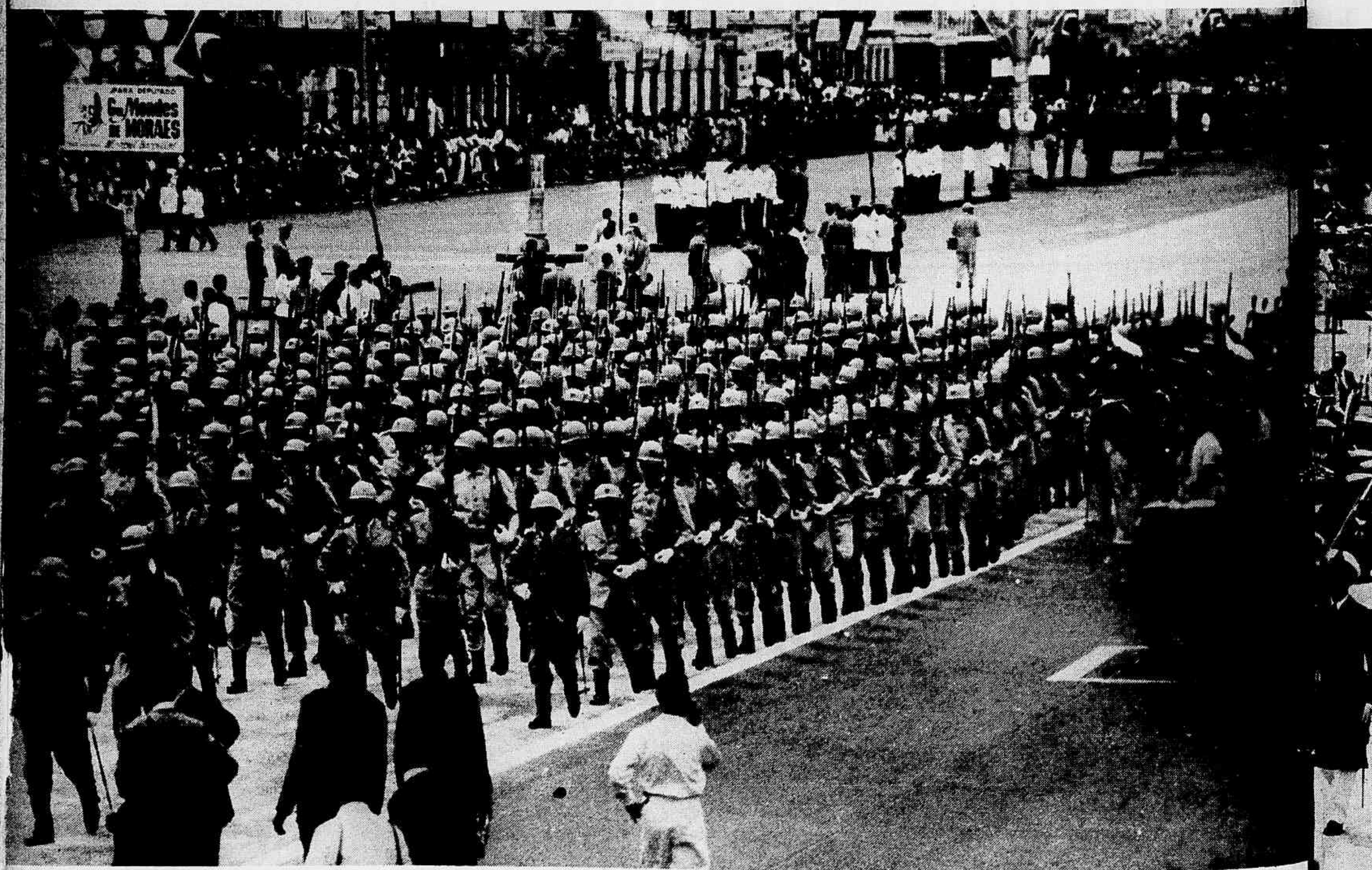


Mais uma vez o povo afluiu às ruas e vibrou com a majestade do desfile do dia da Independência.



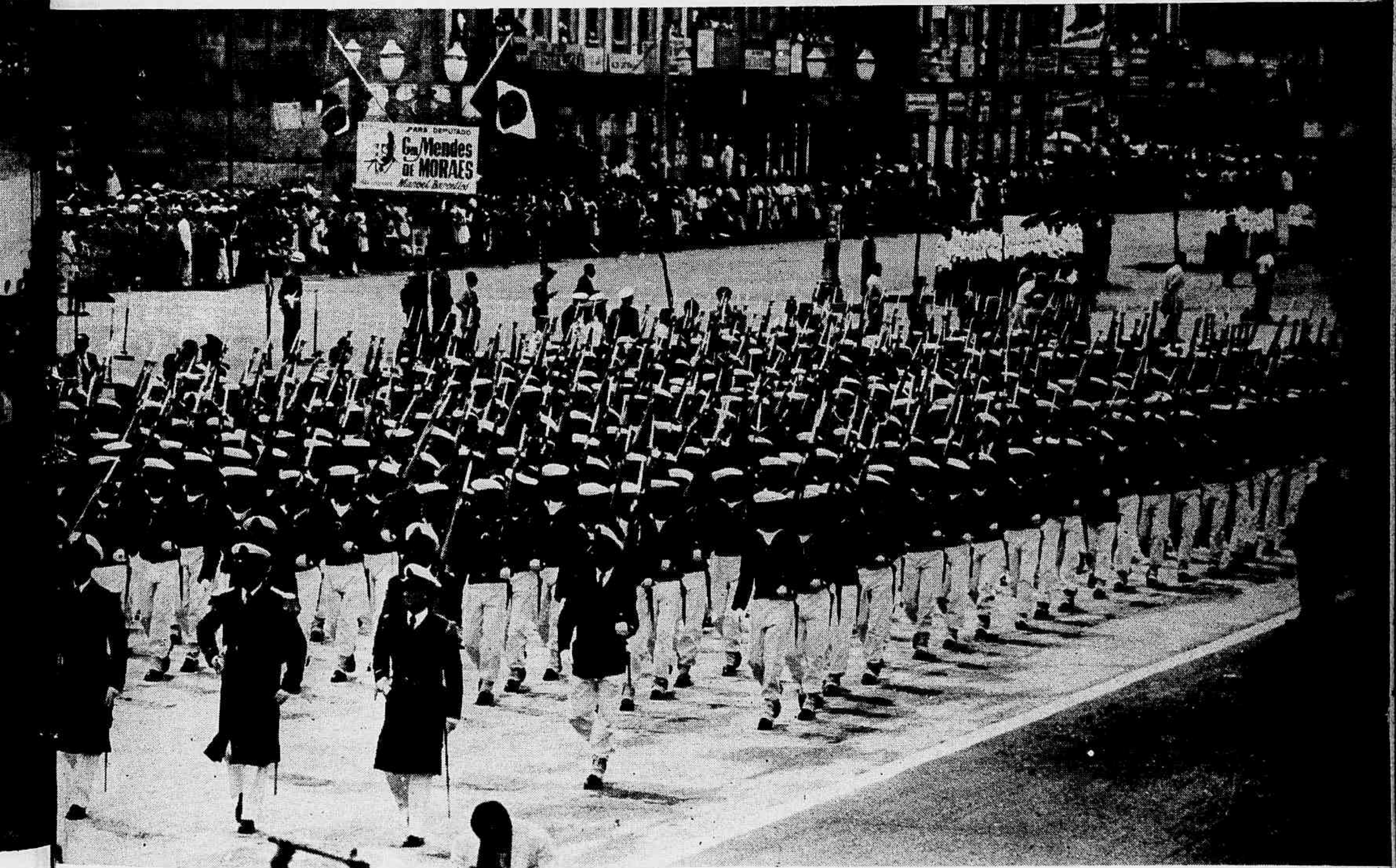
No palanque presidencial, ao lado de Juscelino Kubitschek, o pre

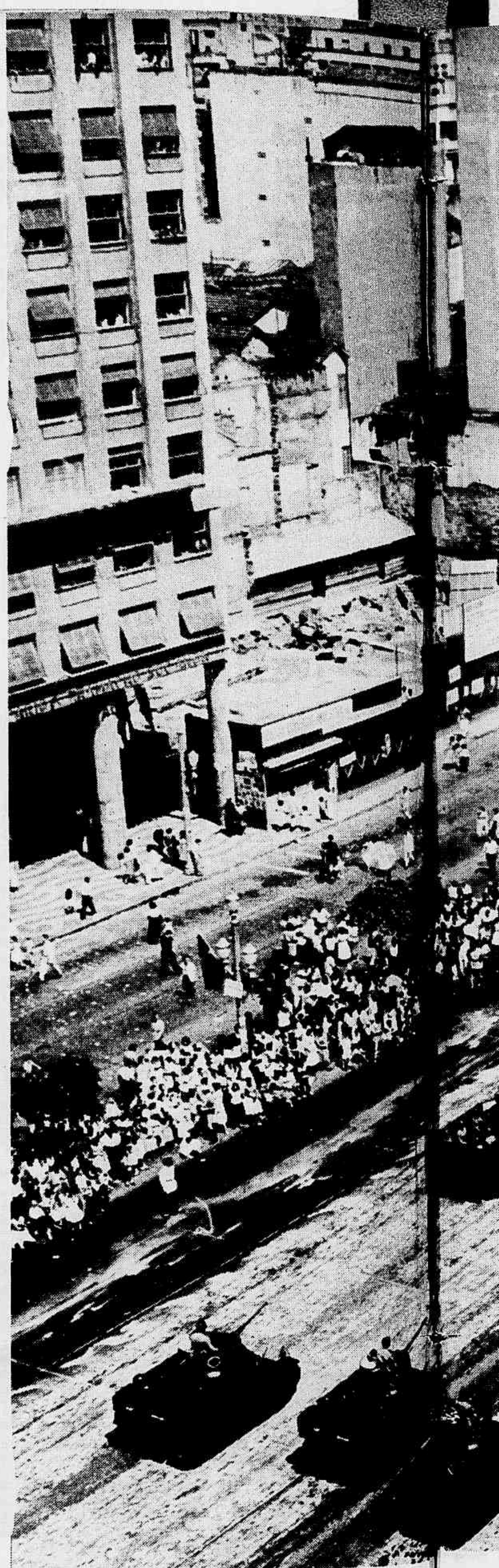
sid





pre
sidente Gronchi assistiu, impressionado, à imponente parada militar.





Ao som dos hinos patrióticos, sob as aclamações do povo, trinta mi

NUM BELO DOMINGO de sol, o 7 de setembro de 58 comemorou 136 anos da Independência do Brasil. Os Presidentes do Brasil e da Itália, chegando ao palanque oficial, foram saudados pela famosa "esquadrilha da fumaça", que abriu assim o desfile em continência aos dois chefes de governo. Seguiram-se as tropas das Escolas de guerra — Militar, Naval e Aeronáutica — e logo após os Regimentos de Infantaria, Artilharia, Pára-Quedismo, as

Fôrças Blindadas e os Grupamentos Motorizados. O aspecto mais impressionante da Parada Militar deste ano talvez tenha sido vivido com a passagem das Fôrças Motorizadas do Regimento de Obuses Floriano, cujas peças participaram da campanha na Itália na última Grande Guerra. O Presidente Gronchi pôde assim ver — batizadas com os nomes das batalhas campais do Brasil em solo italiano — as armas que lhe evocavam a grande luta de sua terra



nta mil homens prestaram sua homenagem ao Sete de Setembro.

para livrar-se do jugo do fascismo. O desfile dos pracinhas brasileiros, entretanto, representando o homem, o soldado brasileiro que combateu em defesa da liberdade dos povos — e, no caso, especialmente do italiano — proporcionou o toque de maior emoção das solenidades deste ano, em que o Brasil e Itália congratam-se festivamente. Encerrando a Parada, desfilaram algumas das Corporações mais tradicionais: o Corpo de Bombeiros, a

Polícia Militar e os "Dragões da Independência". Logo em seguida, o General Odylo Denys, Comandante-Chefe do Desfile, apresentou-se aos dois presidentes; finalmente foram ouvidos os hinos nacionais do Brasil e da Itália, após os quais se retiraram os chefes de Governo, em direção ao Ministério da Guerra, onde o Presidente Giovanni Gronchi foi homenageado com um banquete pelas Forças Armadas.

Funcionário municipal

- ★ Sua família
pode receber
a pensão em
TRINTA DIAS

Basta, para
isso, que
você faça
a

HABILITAÇÃO PRÉVIA

MONTEPIO DOS EMPREGADOS
MUNICIPAIS

AV. PRESIDENTE VARGAS, 1248



GULA HOJE

FASTIO AMANHÃ



Para que tal não aconteça VENTRE-LIVRE deverá estar presente. VENTRE-LIVRE é o grande amigo da meninada, tendo já se tornado convidado obrigatório nas festinhas infantís dentro de muitos e muitos lares! As mães experientes não se descuidam, com efeito. Elas recorrem sempre a este valioso remédio, de gosto agradável, cuja ação segura previne e corrige as indigestões e a prisão de ventre, aliviando logo os penosos sintomas dos distúrbios gástricos, que tão facilmente podem diminuir o brilho alegre dos olhos das crianças.

Não esquecer nunca:

VENTRE-LIVRE não é purgante.

PUXE PELO CÉREBRO

Contagem dos pontos: 9 perguntas certas — excelente; de 6 a 8 — muito bom; 4 e 5 — bom; 3 — fraco; 1 e 2 — medíocre; 0 — o fim.



- 1 — A foto mostra "A Catedral"
— escultura de:
— Humberto Cozzo?
— Rodin?
— Moore?

- 2 — O adjetivo pertransido significa:
— Atravessado de lado a lado?
— Oscilatório?
— Desmoralizado?

- 3 — A Gruta Cantante das Hérbidas (ilhas da costa ocidental da Escócia) deu inspiração para uma das maiores composições de:
— Tchaikowsky?
— Mendelssohn?
— Sibellius?

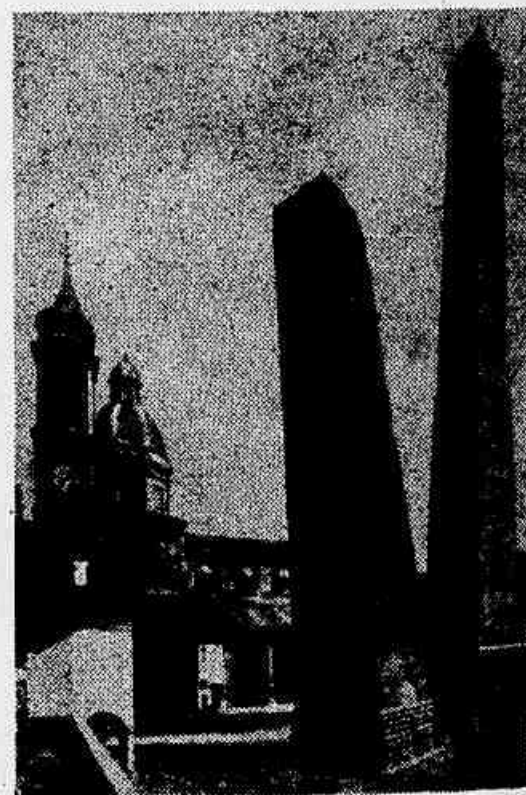
- 4 — Abelardo e Heloísa, famoso par amoroso da história, tiveram como triste desfecho de suas ligações:
— Um pacto de morte?
— Reclusão em conventos separados?
— Dupla morte numa guerra?

- 5 — A ilha de Lesbos lembra:
— Afrodite?
— Circe?
— Safo?

- 6 — Florence Nightingale — o "anjo de piedade" que deve sua fama, principalmente, pelo seu trabalho como enfermeira na guerra da Crimeia, nasceu na:
— Inglaterra?
— Itália?
— Estados Unidos?

- 7 — O planêta Marte dista da Terra:
— 50 000 000 kms?
— 72 000 000 kms?
— 147 500 000 kms?

- 8 — "Menopse" quer dizer:
— Que só tem um olho?
— Um grupo vocálico com apenas um som?
— Resumo?



- 9 — A foto mostra as tôrres Asinelli e Garisenda, na cidade italiana de:
— Milão?
— Florença?
— Bolonha?

RESPOSTAS DO TESTE: 1) Rodin; 2) atravessado de lado a lado; Mendelssohn: a sua famosa "As Hérbidas"; 4) reclusão em conventos separados; 5) Safo; 6) Itália, em Florença (de onde o seu prenome); 7) 72 000 000 kms; 8) que só tem um olho; 9) Bolonha.

DOLLY REED (NOVENTA E OITO DE BUSTO) QUER SER PERSONAGEM DE CALDWELL

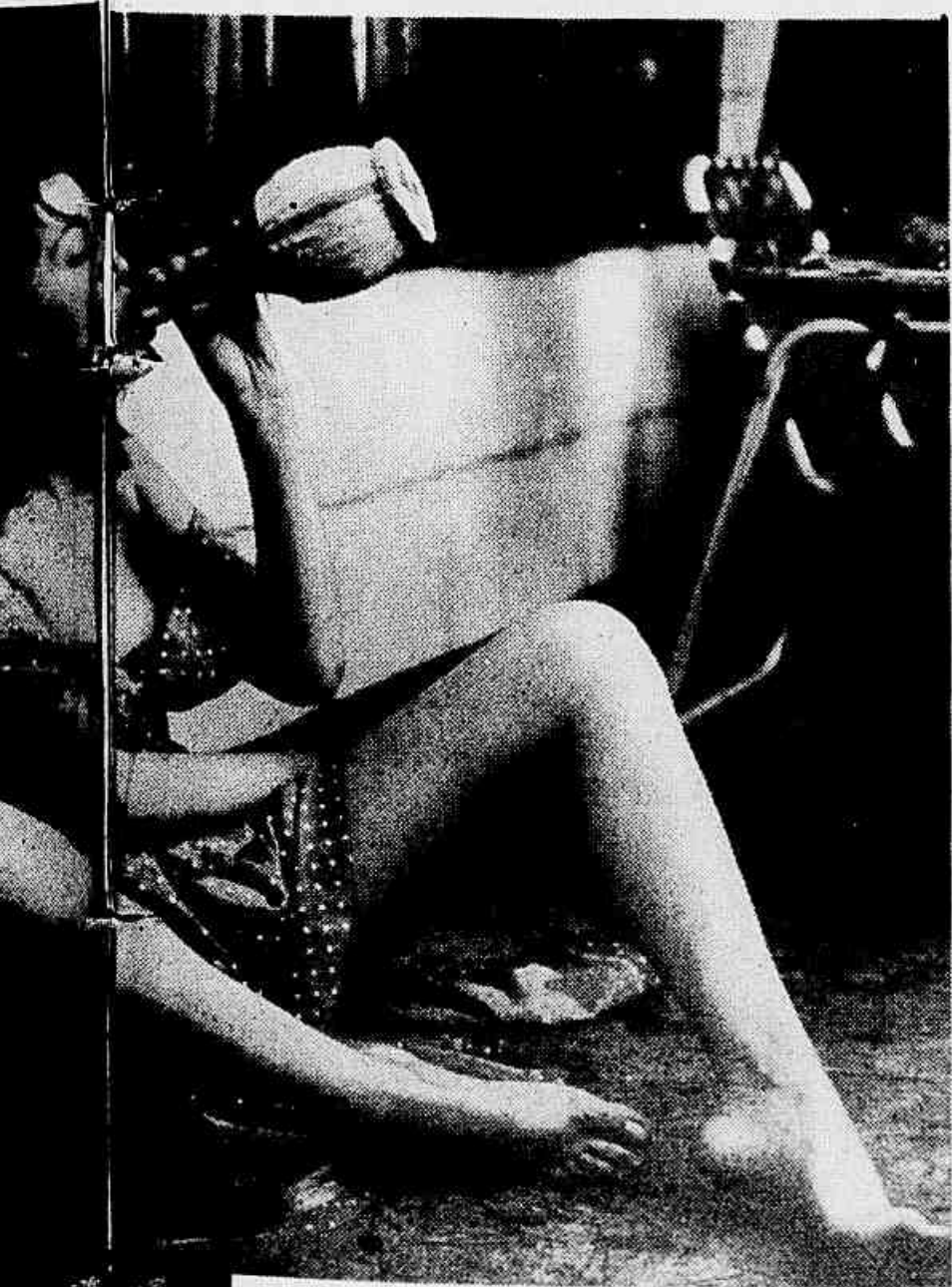


44 POLEGADAS de busto, 27 de cintura e 38 de quadris são as expressivas medidas muito bem distribuídas no corpo de Dolly Reed — essa morena de 24 anos, nascida em Detroit (Michigan) que, depois de iniciar-se na vida como modelo, caminha seriamente para o estrelato de Hollywood.

Mas não são apenas aqueles números que fazem de Dolly uma garôta-espetáculo. Outros elementos muito bem encaixados no todo (como os seus olhos azul celeste e o seu quente sangue índio-irlandês) tornam-na um monumento de sexo que desorienta o

Mais uma para a equipe de Loren,
Russell e Mansfield.
Lolobrigida, Dolly formou o quinteto.





cavalheiro mais circunspecto. Isso, sem falar nas suas qualidades de mergulhadora, de nadadora submarina e amazona, de sua classe no desenho e na costura. Dizem, até, que ela trabalha muito bem, e que o desempenho que teve em *Hit and run*, para a United Artists, onde fez uma alegre domadora de leões, foi uma promessa muito séria, e lhe deu boas possibilidades para a sua carreira cinematográfica.

Na verdade, seu tipo moreno e exótico, a lembrar mais o latino, é algo não muito comum nos Estados Unidos, e os produtores não ignoram que têm nela um material que pode ser muito bem aproveitado. A própria Dolly sabe o que quer, e o seu grande sonho é interpretar uma daquelas exóticas personagens de Eskine Caldwell, novelista por quem se apaixonou desde que leu "Tobacco Road" e visitou as regiões do sul, cenários de seus romances. Considera-se Dolly, pelo seu tipo e temperamento, bastante identificada com aqueles humildes e pitorescos heróis do autor de "God's Little Acre" — e na verdade participou do concurso promovido nos estúdios de San Goldwyn para a filmagem desse livro famoso. Não sabemos se ganhou. Mas, se não ganhou, Hollywood também não. E muito menos nós...

VOCE VAI ESTRANHAR, Vera, que depois de um silêncio — que se prolongava inexplicavelmente entre nós — eu lhe escreva para contar estas coisas tão íntimas. Mas, vivendo como nós vivemos, querida, em completa identificação — numa fase da vida em que as impressões se tornam indelévels — permanecemos, submetidas ao tempo e ao espaço, aquelas mesmas inseparáveis estruturas de outrora, não é verdade? (Lembra-se de que, por isso, nos apelidaram de "Romeu e Julieta"? E como fomos perseguidas no internato pela malícia das freiras, deturpada que foi nossa afeição, considerada como uma daquelas anatematizadas "relações particulares", tão comuns nesses ambientes? E o que mais nos revoltou foi a hipocrisia delas, pois verificávamos cotidianamente a existência de tais amizades entre mestras e

O certo, Vera, é que da última vez em que nos vimos — e passaram-se anos! — eu não pude me abrir completamente com você. Meu ar abatido, exausto, alheiado quase, foi a princípio atribuído ao trauma do parto recente e às exageradas preocupações com o bebê. Mas, quando à sombra daquelas mesmas mangueiras da fazenda de papai, onde trocâramos tantas confidências, nossa conversa voltou a ter a costumeira intimidade, você arregalou os olhos, atônita diante do que ouvia. Não me esqueço de sua reação: tapou os ouvidos com as mãos trêmulas e salu correndo — como se minhas palavras fôssem labaredas que lhe queimassem a pele de seda. (Querida, agora — longe do meu olhar vago, dos meus gestos nervosos — espero que leia esta carta até o fim!).

Compreendi muito bem aquela evasão, Vera, pois antes não

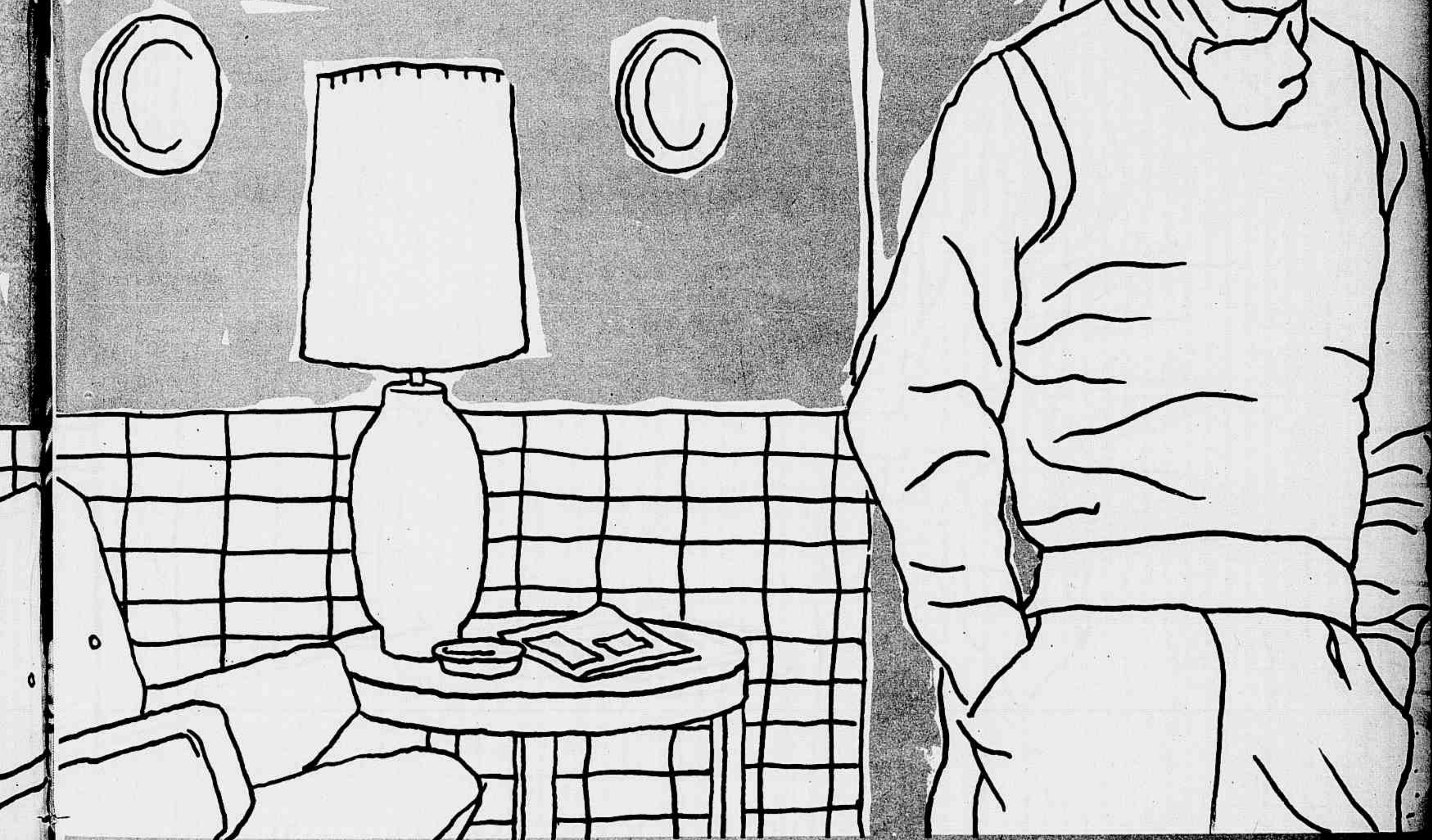


LEILA MARISE

D E

vivera você mais minha vida do que a sua própria? Os laços do sangue tornavam-se frouxos diante da afeição profunda que nos uniu desde a infância, diante daquela confiança recíproca que fazia de nós, dois seres à parte.

Sabe, ainda posso ver-nos, meninas, sentadas no banco do jardim do Largo da Matriz, abismadas perante o mistério do mundo, dos seres e das coisas. Os raros transeuntes da pacata cidadezinha, onde todos se conheciam, tornavam-se para nós motivo de mirabolantes considerações. E, sobretudo, como ficávamos perplexas diante daquela coisa misteriosa, pressentida pedra angular num elementar sistema de vida: o sexo. Quando passaria pela cabeça dos grandes que as duas garotinhas, na sua infantil concepção de vida, aceitassem ver rapazes entrarem "naquelas casas" e se perturbassem profundamente quando — tangidas por



ESAFIO



"Ao sentir em mim os vivos movimentos daquele ser,

invencível curiosidade, passando pela rua onde elas se localizavam — viam homens casados fazerem o mesmo.

Quantas vezes presenciávamos a mulata Isoldina — molambo humano — bêbada, apontar com grandes gestos os rapazes que iam procurá-la no seu rancho... Alguns, encabuladíssimos, com o rosto em fogo, apressavam o passo, viravam a primeira esquina. Que tinha a ver aquilo com o amor decantado pelos poetas? E com os romances em que a heroína, alva e esguia como um lírio, ouvia, sob o luar, juras de amor eterno? E por que as moças tinham que ir para o casamento em estado de graça? Por que aquele dualismo?

CRESCEMOS APREENDENDO tudo com rara acuidade. Você, sempre atemorizada pela minha liberdade mental — que a religião do terror, pregada pelos padres e freiras, não conseguiu refrear — mas recebendo o calor daquela selvagem alegria de viver. Meus triunfos escolares talvez tenham sido mais seus do que meus. Nas aulas de Literatura, quando lia trabalhos ou respondia a questões que a classe ignorava, ficando o professor e eu muitas vezes alheados, num diálogo animado, recebia imediatamente sua comunicação, Vera. Ao me virar, enternecia-me o fulgor dos seus olhos claros. Ainda ouço sua gargalhada quando eu, toda fanfarrona, dizia que, para contrariar o filósofo misógino, as mulheres tinham cortado os cabelos e encompridado as idéias.

Inexplicavelmente, você não namorava, mas como se divertia com a trapalhada que fazia com meus "flirts", que a tomavam como confidente. Por isso, ao brincarmos de poses estatuárias, eu fazia sempre a "virgem louca" e você, a "virgem prudente".

Até na dolorosa incapacidade de expressão artística nos irmâvamos: você ao violino, eu ao piano; tecnicamente nunca chegamos a nos realizar como almejávamos na exaltação que se apoderava de nós, ouvindo nossos bem-amados Bach e Beethoven.

A SITUAÇÃO DE INFERIORIDADE social da mulher, as humilhações revoltantes que observara em casa e na comunidade, fizeram com que o casamento não entrasse em minhas cogitações. Lembra-se Vera, dos comentários? "E' este o resultado de suas leituras!". E quando — transpirando Oscar Wilde por todos os poros — respondi ao questionário de uma colega o que achava do casamento, foi um verdadeiro escândalo. "E' uma moça com quem se pode conversar" diziam os rapazes. Mas não deixavam também de atirar pedras à ingênua que, confiando na superioridade intelectual deles, fazia, sem reservas, apreciações sobre os livros lidos. Como desceram no nosso conceito aqueles anões mentais! Isto a aborreceu tanto quanto a mim. E chegamos à conclusão de que o homem, no geral, só respeita a reputação da mulher que se tornou sua propriedade particular. Mas (recorda-se?) o que me fez capitular talvez tenha sido mais a preocupação de minha família ao ter conhecimento dos comentários provocados por aquela atitude desabusada.

Ninguém melhor do que você, sabe que fui para o casamento rondada pelo desencanto, mas ao mesmo tempo, com a secreta esperança de acertar.

Tôdas as teorias absorvidas nos livros científicos e nos romances realistas, que eu surripiara das estantes de meu cunhado médico, não me livraram do impacto da realidade. Com que amargura eu lhe digo hoje, Vera, que a tão decantada lua de mel talvez seja a maior inimiga do casamento — pois chegando a ele com larga experiência sexual, o homem nesses primeiros meses, não sabendo dosar suas emoções, satura-se logo. E quando a mulher começa a despertar, podendo então acompanhá-lo, ele já se desinteressou.

QUERIA QUE ME VISSE ENTÃO — você que me considerava uma criatura quase alada — aprisionada à rotina doméstica num melo, não digo hostil, mas de autêntico "far-west". Para quem possui apurado senso estético, a gravidez é prova terrível, muito mais do que calculávamos! Depois, ele, absolutamente, não estava preparado para as eventualidades do casamento. Seu desconhecimento de psicologia feminina, a falta de tato, a ausência de finura de trato, tornaram tudo mais doloroso. Segregada, confinada entre quatro paredes, sentia-me rebaixada, animalizada, uma fê-

mea qualquer. Onde ficara aquela moça com tanta ambição intelectual? Teria sido ela mesma a eleita, por unanimidade, oradora do grêmio literário? E aqueles amarelecidos recortes de jornais, realmente escrevera aquilo? Em cada mulher bonita e elegante eu enxergava uma inimiga em potencial, pois ele não escondia seu desagrado por me ver assim deformada. Os últimos meses foram piores ainda, pois o calor me fez cair numa espécie de torpor físico e mental. De manhãzinha, mal acordada, percebendo o sol penetrar, implacavelmente, pelas frinchas da veneziana, sentia vontade de cobrir a cabeça e de gritar de desespero. Frequentemente tinha alucinações, Vera, visualizando o calor como um gigante negro que chegava arrastando pesadas correntes besuntadas de graxa. Manietada por ele, como vencer aqueles dias que se prolongavam, prolongavam... Eu julgava um requinte de crueldade, minha amiga, quando ele exigia que eu me levantasse quando o meu desejo era passar o dia ali, com as janelas fechadas, sem tomar conhecimento de nada. Muitas vezes telefonava da rua somente para perguntar à criada se eu estava de pé.

A natureza exige muito de nós, Vera. Como me revoltava ver meu marido, todo lépido, usando seus ternos elegantes, entrar e sair, numa roda viva de ocupações, quando eu ia ficando cada dia mais deformada, sem coragem para sair, sem saber mais o que vestir para disfarçar aquele horror. E parece que ele se envergonhava de sair comigo, pois não tinha ao menos a delicadeza de me convidar.

Ao sentir os vivos movimentos daquele ser, ficava aterrada, Vera, pensando ter gerado um monstro. E quando ouvi seu primeiro choro, sentei-me eletrizada, para averiguá-lo. Mas lá estava ela nas mãos do médico, perfeita, linda, com os traços do pai. Ainda assim, não fiquei despreocupada, recomeçando as indagações, nessa inquietude que me tem acompanhado sempre. Tinha, por acaso, o direito de impor a vida a um ser? Que herança espiritual lhe transmitiria? Teria capacidade para guiá-la na vida, sendo tudo tão incerto e aleatório? Desta tremenda responsabilidade você foi naturalmente eximida, Vera, pois não se casou e leciona em um curso superior.

ELA NOS ENCANTOU, minha amiga, mas foi traço de união entre nós, como era de se esperar. Eu a criei em um mundo todo nosso. As vozes impuras do ambiente só penetravam nessa atmosfera arefeita quando ele surgia trazendo consigo ecos de ruídos, de brados de revolta, de gritos, de estertores! Mergulhei nos livros, doce amiga, descobrindo novos e fascinantes horizontes literários e artísticos. Renovava minhas emoções através da sensibilidade dos poetas — que me devolviam, na palma das mãos, vibrações adormecidas. Se ele me encontrava com um livro de versos, olhava-me de modo estranho como se eu fôsse evadida de um hospício. Seu comentário sobre as belas reproduções de Renoir, Cézanne, Van Gogh, Gauguin, que eu dependurara nas paredes, era sempre este: "qualquer dia vou completar estes quadros que esses idiotas esqueceram de acabar!"

Eu não podia compreender, Vera, como um homem, que fizera curso superior, num grande centro, pudesse ser tão reacionário.

O divórcio espiritual se acentuava dia a dia. E antes que eu chegasse ao estado de espírito atual, atravessasse oceanos de amargura. Todos, Vera, deviam considerar um pouco antes de proferir palavras ferinas, pois elas nem sempre "voam", como diz o provérbio, permanecendo como brasas encobertas; a um leve sopro da lembrança reavivam-se em toda a sua malignidade. Fico perplexa quando me recordo da agressividade de algumas delas e da passividade com que as ouvia. Mesmo quando estalou a primeira bofetada no meu rosto, não reagi, não chorei. A atitude foi invulgar: olhei-me imediatamente ao espelho, pois julgava impossível não tivesse havido transformação profunda na minha fisionomia. Surpreendi-me com o meu brilhante olhar desafiador. Mas eu sabia Vera, que aquilo submergira depressa demais. Eu tenho medo, Vera, dessa reação que, elaborada subconscientemente, surgirá implacável um dia! Tenho certeza.

A esta altura, sei que você estará se perguntando: "Como Marina pôde continuar vivendo esta vida?"

Novamente capitulei, Vera, e desta vez vergonhosamente. Um

ser, pensava ter gerado um monstro."

misto de pudor (queria a todo custo ocultar meu fracasso sentimental) e temor (principalmente pelo futuro de minha filha) fez com que sua altiva Marina se submetesse. Não queria também entristecer meus pais, que já têm tido tantos dissabores na vida.

Evadi-me através dos livros e daquela imaginação poderosa (que você tachava de exaltada) que sempre me proporcionou todo o desejado...

Passel, acintosamente, a ignorar a vida de meu marido. Por isso, causou-me grande surpresa sua insistência para que eu o acompanhasse numa de suas idas à fazenda.

A cultura do rami e o seu desfibramento constituíam novidade para mim. Minha nunca adormecida alma telúrica deixou-se arrastar...

O que lhe vou contar agora, Vera, talvez lhe pareça alucinação, mas se passou exatamente assim:

Fazia um dia lindo; antes que o sol esquentasse demais, começamos a percorrer as plantações. As instalações para o desfibramento do rami ficavam no fundo de um vale; assim, depois que presenciamos todo o complicado processo, montamos para voltar à sede. Ao iniciarmos a subida mais íngreme, ele me fez apegar para apertar o arreio, que, segundo ele, estava meio frouxo. Ao montar novamente, percebi que ele se ria da minha falta de agilidade. "Projete o corpo para a frente; firme-se bem nos estribos", gritou ele quando reiniciamos a subida.

LIVREI-ME DA MORTE CERTA, justamente porque não me firmara "bem nos estribos", do contrário, com os pés presos nêles, quando o arreio escorregou pelas ancas do animal, teria sido arrastada por um caminho de pedras. Ainda pude ver o cavalo, que se assustara, em desabalada carreira, arrancar chispas das pedras ponteagudas.

Quando ele me alcançou, eu batia o pó de minha roupa. Ao levantar a cabeça para responder que estava bem, percebi tamanho despontamento no seu olhar que fiquei estarelecida. Olhei-o friamente, traindo-se, então, ainda mais pela perturbação que se apoderou-se dele. Disse-lhe apenas que fôsse procurar o cavalo transviado e que eu seguiria a pé.

Calcule você em que estado de espírito subi minha "via crucis". Via-me arrastada, dilacerada, arrebatada, morta... No alto do morro, restava de mim uma massa informe de sangue e terra. E nesta miserável condição, seria encontrada por meus pais e meus irmãos, quando chegassem para o enterro.

Chorei, Vera, sobre meus pobres despojos, mas ele não pôde sustentar meu olhar desafiador, quando, ao almoço, nos sentamos frente à frente.

Desde então, minha amiga, venho observando-o atentamente. Nada escapa ao meu olhar perscrutador (e percebo que isto o irrita profundamente); sei até quando sai para se encontrar com ela...

"Onde a leva a imaginação!" exclamará você. No entanto, Vera, talvez nenhuma outra mulher saiba tanto da "outra" quanto eu. E por ela própria!

E' uma tolinha que soube envolvê-lo na sua exuberância temperamental, mas que não soube se esquivar ao meu amistoso e hábil interrogatório.

"Perturbação dos sentidos e da inteligência". Se houvesse suspeita e processo, minha amiga, naturalmente invocariam esta chapa que devolve à sociedade tanto criminoso. E eu, para sempre, impossibilitada de denunciar o quanto o acidente fôra premeditado! Mas, aqui estou bem viva, testemunha inexorável de crime inconsumado. Não o temo e sei o quanto ele teme esta mulher que o fita, desdenhosamente, bem nos olhos. Procurou explicar-me aquela ligação, queixando-se de minha indiferença. Como, Vera — percebendo que era tomada quase que por obrigação — eu podia me entregar?

Apesar de tudo não me separei dele, certa de que minha presença será o seu castigo cotidiano. E talvez, remorso!

Bem vê, minha amiga, que a Marina na adversidade continua a ter aquela mesma atitude desafiante que você ao mesmo tempo invejava e temia. Não sofra por mim, e escreva-me contando de sua vida, de seu trabalho — que teria sido o meu também, se não tivesse capitulado!

SOCIEDADE ENGENHARIA LIMITADA

Av. Treze de Maio, 23 - 5.º Telefones: 32-7113 e 52-4373
RIO DE JANEIRO — BRASIL Telegramas: ENGINEER

INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS E MÁQUINAS

INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS

Projetos, instalações e montagens.
Transporte e manutenção mecânica.
Pontes rolantes.

MÁQUINAS EM GERAL

Máquinas em geral, motores Diesel, ferramentas, peças e acessórios para máquinas.

INSTALAÇÕES ELÉTRICAS

Projetos, instalações e montagem, de centrais hidro e termoeletricas, linhas e redes. Grupos geradores. Transporte.

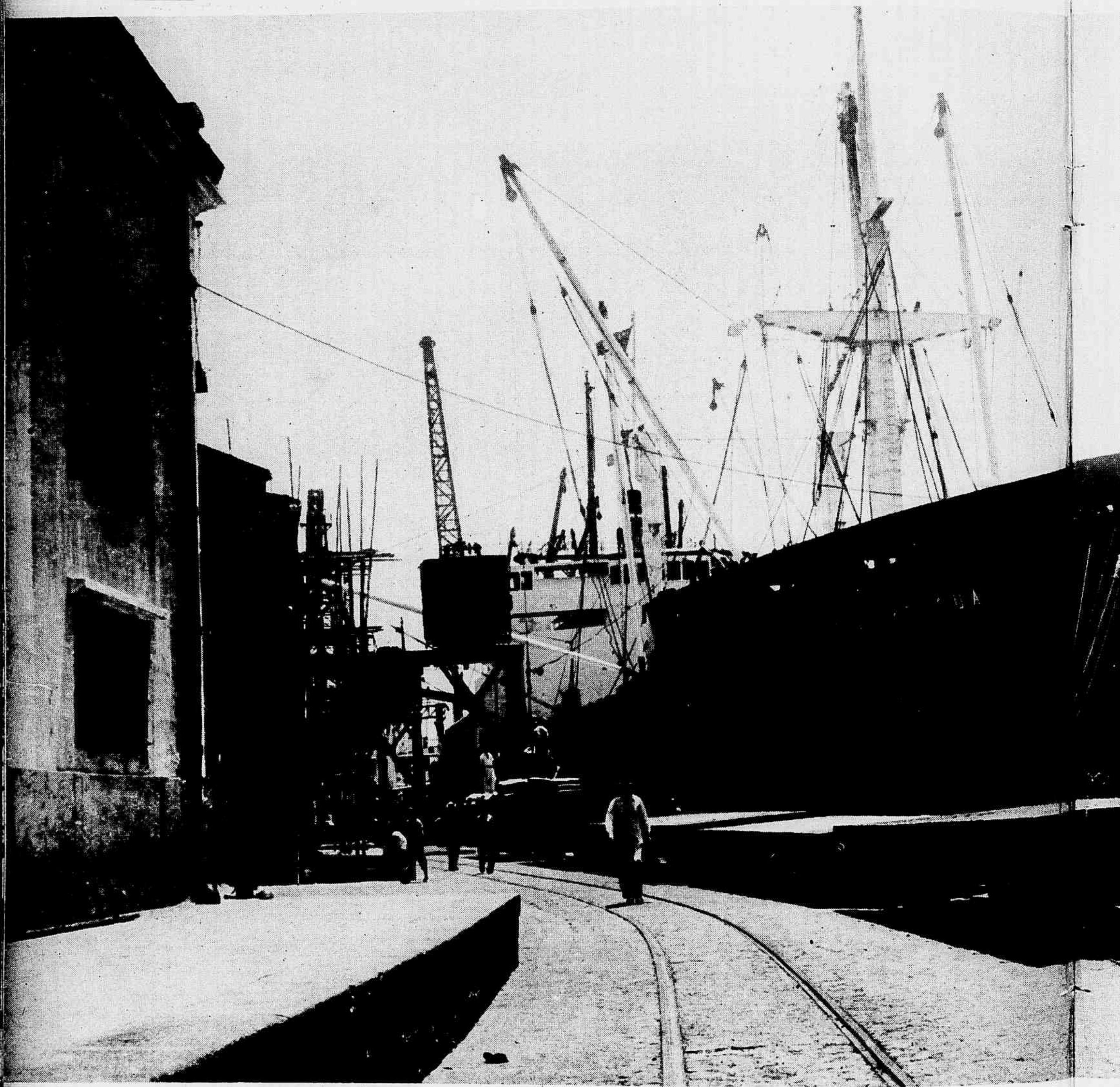
MINERAÇÃO

Beneficiamento de minerais e de minérios: extração, britagem, moagem, separação, concentração e instalação de pedreiras.

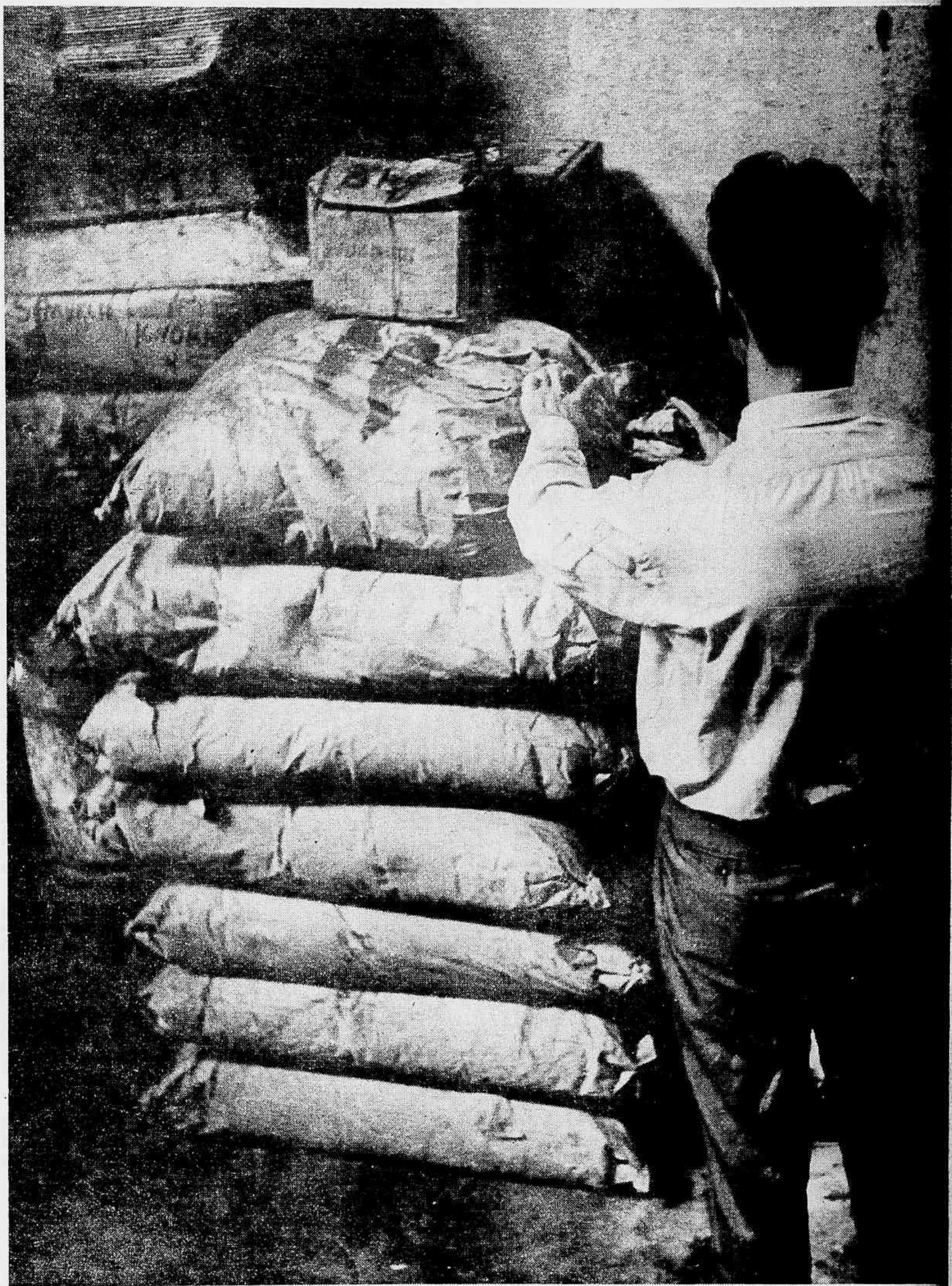
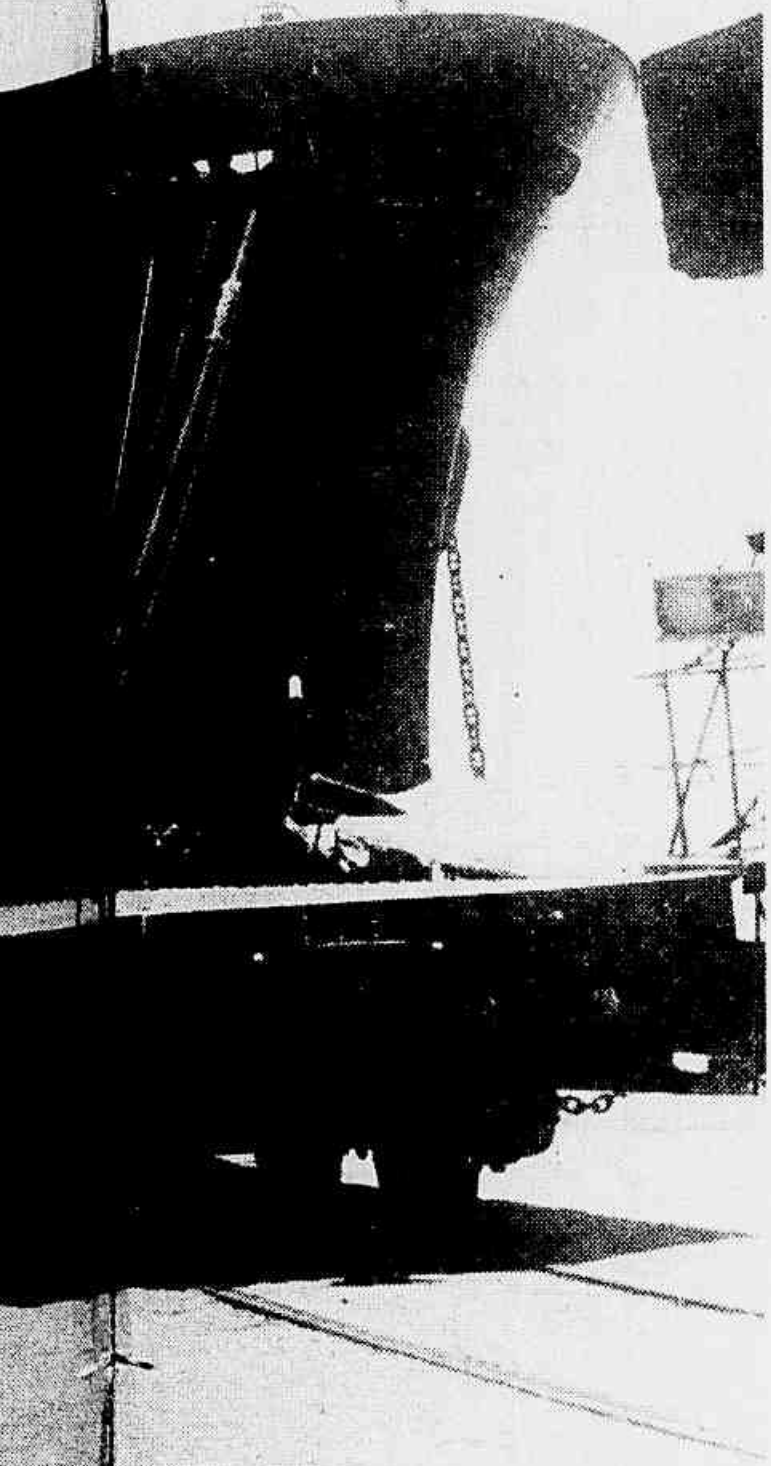
TINTAS ESPECIAIS ANTIFERRUGEM

Tintas e processos BIHAR

Porque não acabam com a "moamba" no Brasil



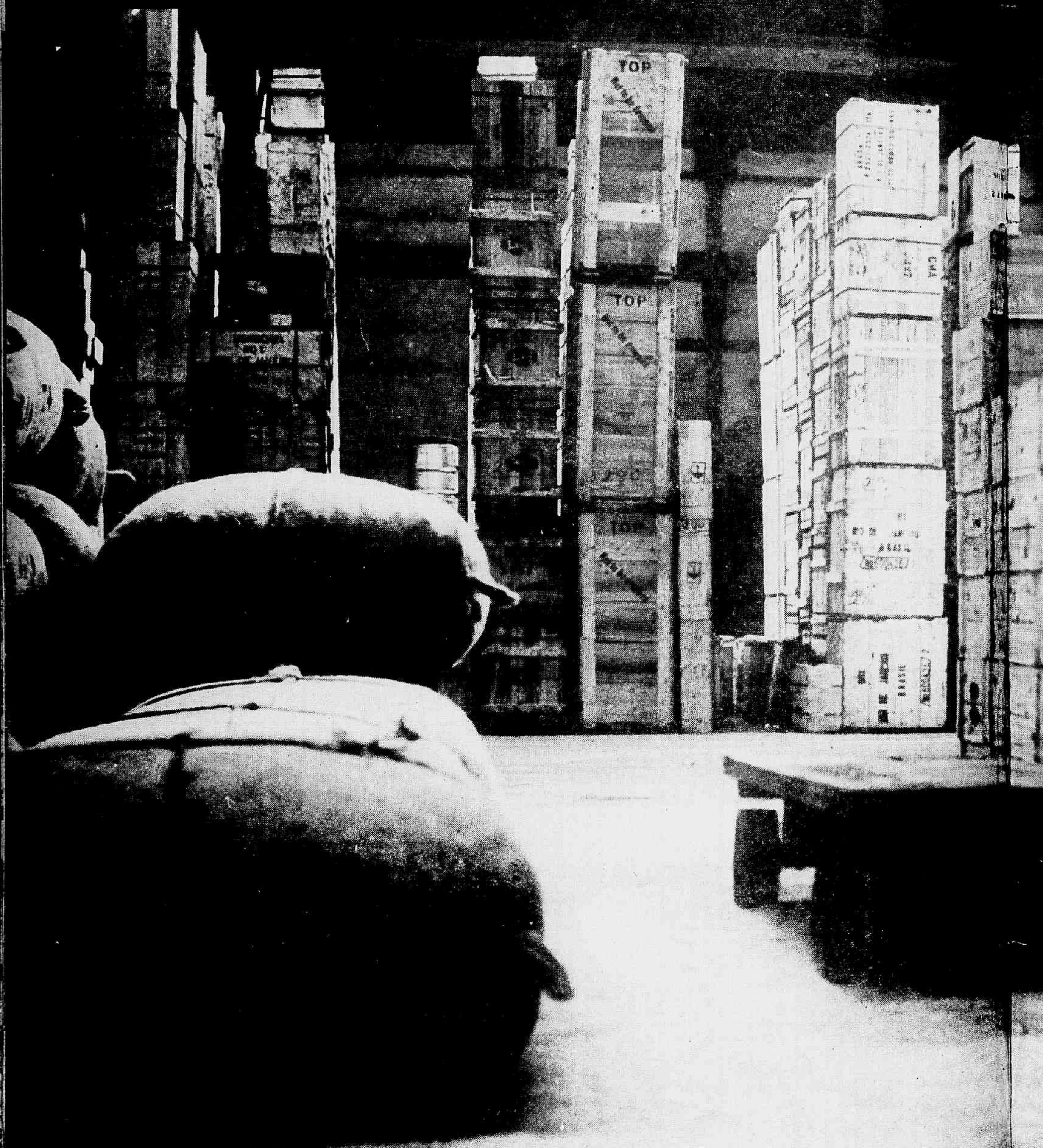
CONTRABANDO: NEGÓCIO DA CHI N



II NA PARA FISCAIS ADUANEIROS

HÉLIO POLITO

CONTRABANDO



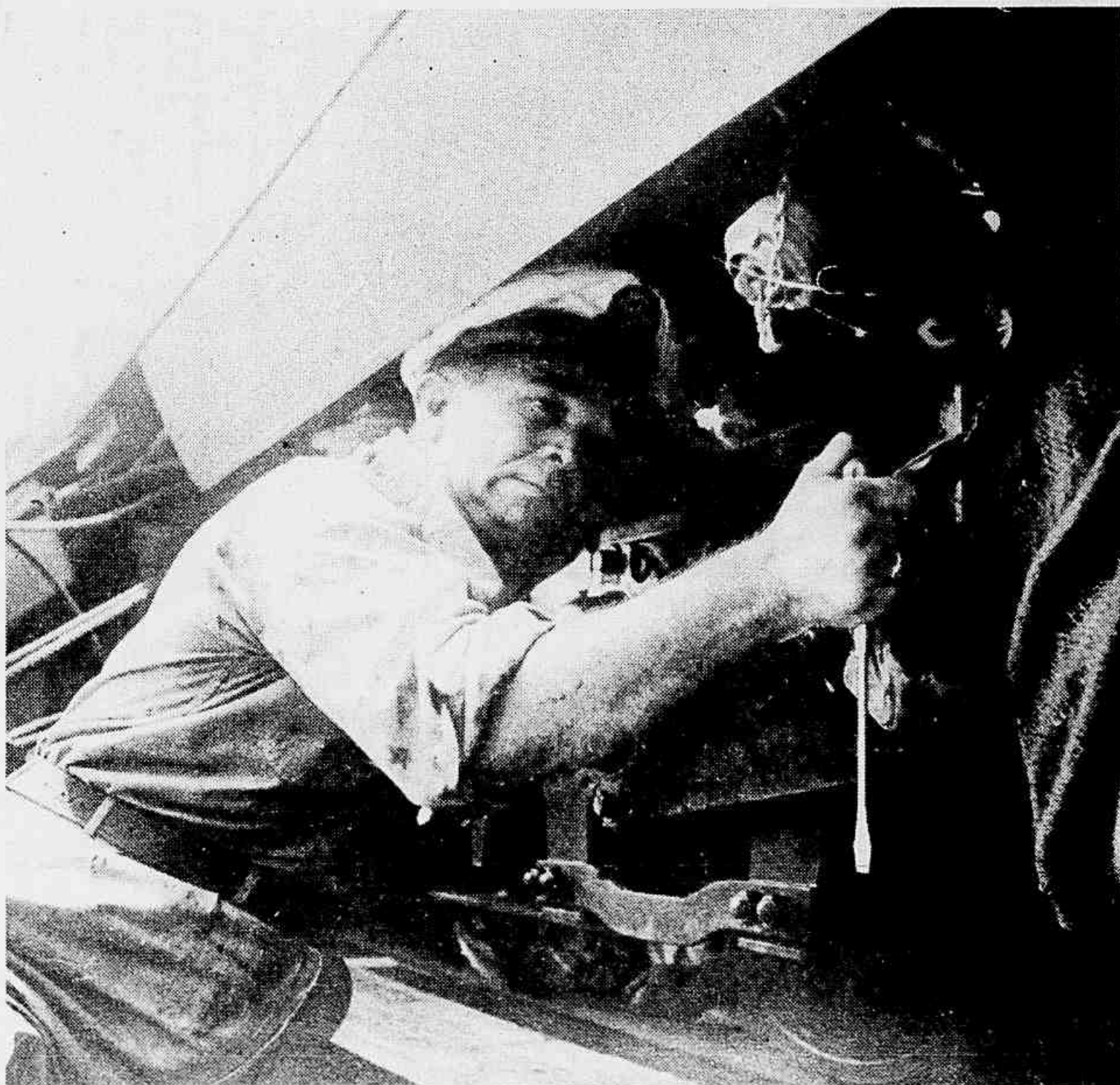
...na Alfân-
...de tele-
...de urquo
...renda no Brasil



Com lanternas e uma infinidade de ferramentas dão os guardas uma batida no navio, no trem. Eles terão a sua parte.

Não interessa prender o contrabandista.
Sôlto, êle vale mais.

O guarda aduaneiro: Deus me livre que se acabe o contrabando. E a minha parte nas apreensões?





Rio de Janeiro ou Recife. Nesses e noutros portos, o contrabando im

A VASTA EXTENSÃO litorânea, o péssimo aparelhamento das alfândegas e ainda com alguns funcionários das guarda-morias de braços dados com os moambeiros, fazem com que o contrabando seja uma das grandes fontes de renda do Brasil.

A técnica e a tática dos contrabandistas são as mais refinadas, chegando, muitas vezes, a transformar o contrabando em coisa perfeitamente legal. Não estamos aqui falando da arraia miúda, do moambeiro que retira de bordo dois ou três vidros de perfumes. Mas dos reis do contrabando, dos maiores da contravenção, conhecidos do fisco, mas acobertados pela sua elevada posição social.

A TÉCNICA DA DENÚNCIA

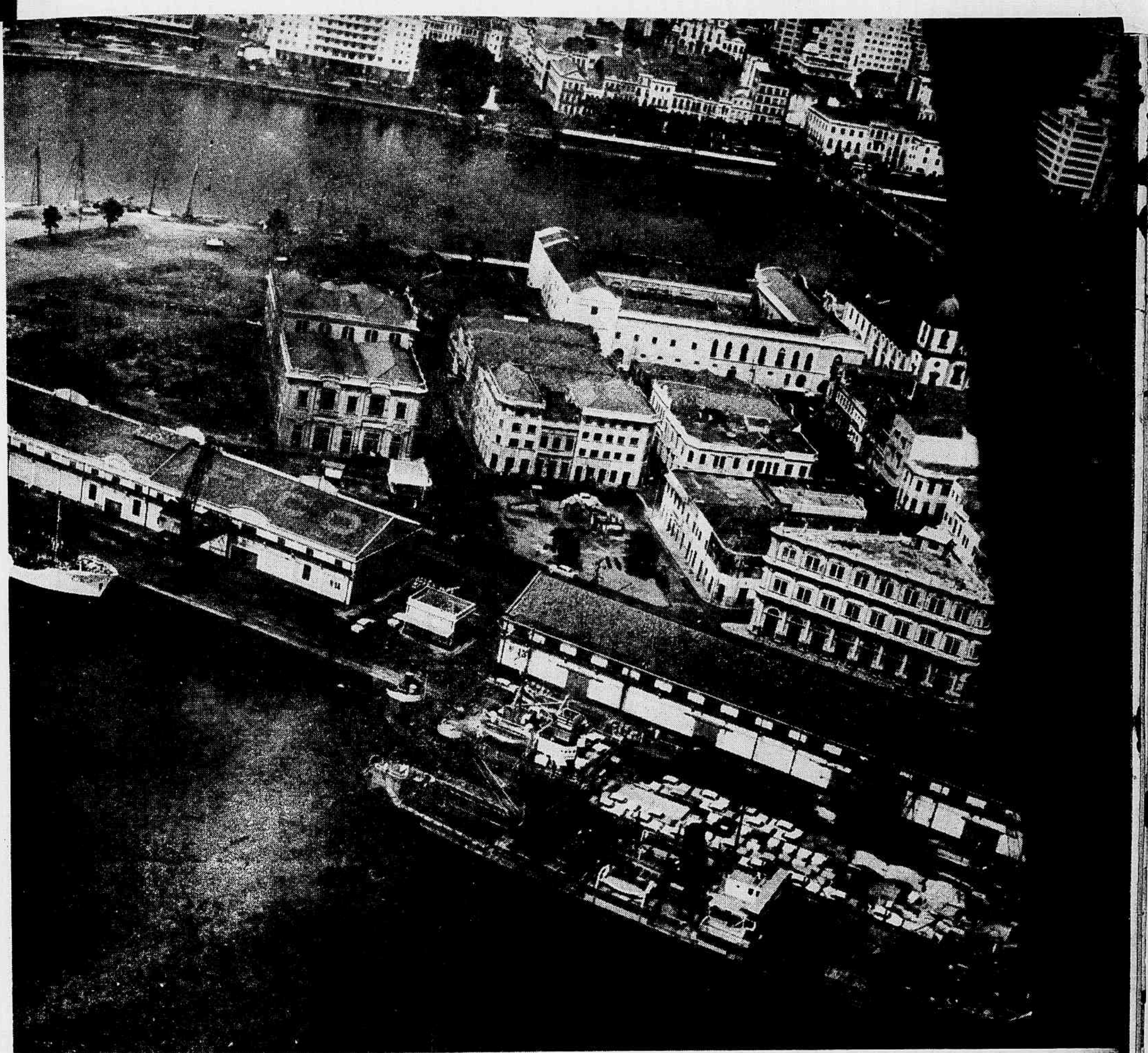
Esses potentados do contrabando, mandam que o seu agente nos Estados Unidos embarque, por exemplo, 250 carros. Os veículos são embarcados "desovados", isto é, sem várias das peças de maior valor. Estas são destinadas a um porto, enquanto que os carros para outro. Feito isto, o contrabandista apressa-se em denunciar às respectivas alfândegas que tais ou quais navios trazem o con-

trabando. O seu próprio contrabando. Com isso, já abocanhou 50% da mercadoria contrabandeada, nos termos da lei. Se o leitor não sabia, anote que qualquer pessoa pode denunciar um contrabando, levando 50% da sua renda em leilão.

Bem, mas vamos acompanhar as artimanhas do nosso herói. A mercadoria contrabandeada e denunciada, é apreendida: os carros num porto, e as peças noutro. Vai a leilão. Ninguém quer comprar um carro que não pode andar, e o carro é adquirido por preço ínfimo. No outro porto, as peças são adquiridas da mesma maneira. Tão baixo é o preço, quando é sabido que cinquenta por cento do valor da compra lhe pertence.

"COTIAS" E "TARTARUGAS"

Outros contrabandistas preferem o sistema das "cotias" e "tartarugas". "Cotia" é o carro que é desembarcado numa praia despovoadas e guardado dentro do mato, onde fica aguardando comprador. "Tartaruga" é o veículo que entra no interior do país subindo os rios.



Ho impera com a conivência das autoridades alfandegárias.

Há pouco mais de um ano, nas ruas de Recife, estavam oferecendo "Cotias" que se achavam nas matas da Paraíba. Um Ford ou Chevrolet custava trezentos mil cruzeiros, em dinheiro "bolido" (não aceitavam cheques). O dono da moamba entregava o carro sem placa e no local. É quando vem a ação do "despachante". Com cem mil cruzeiros este conseguia placa, documentos e até um interdito proibitório que põe nas mãos do comprador. Isto se fazia com o maior descaramento, às barbas das autoridades.

"MERCADORIA EM TRÂNSITO"

O contrabando de grandes volumes no Brasil é feito no Norte e Nordeste. A tática para a passagem desses contrabandos, é a "mercadoria em trânsito". Exemplificando: um vapor traz para o Recife grandes volumes destinados à Paraíba, de vez que aquele Estado não tem porto de longo curso. A mercadoria está em trânsito e não preocupa às autoridades alfandegárias. Do porto do Recife, já em navio de cabotagem, segue para Cabedelo. Ali a coisa é mais fácil, pois a fiscalização de um navio de cabotagem

é quase nula. Quando não, o cargueiro faz o transbordo para alguma barcaça que envereda por um dos rios, deixando o contrabando em casa do freguês.

O TRANSBORDO

As alfândegas, à chegada de um navio de longo curso, fazem um aparato tremendo. Três ou quatro guardas aduaneiros com lanternas, chaves de fendas, varetas e uma infinidade de ferramentas, dão uma "batida" no navio, escavando e cotucando tudo, retirando até forros de compensado dos camarotes. Nas mais das vezes, nada acham, justificando apenas salários fixos que ganham.

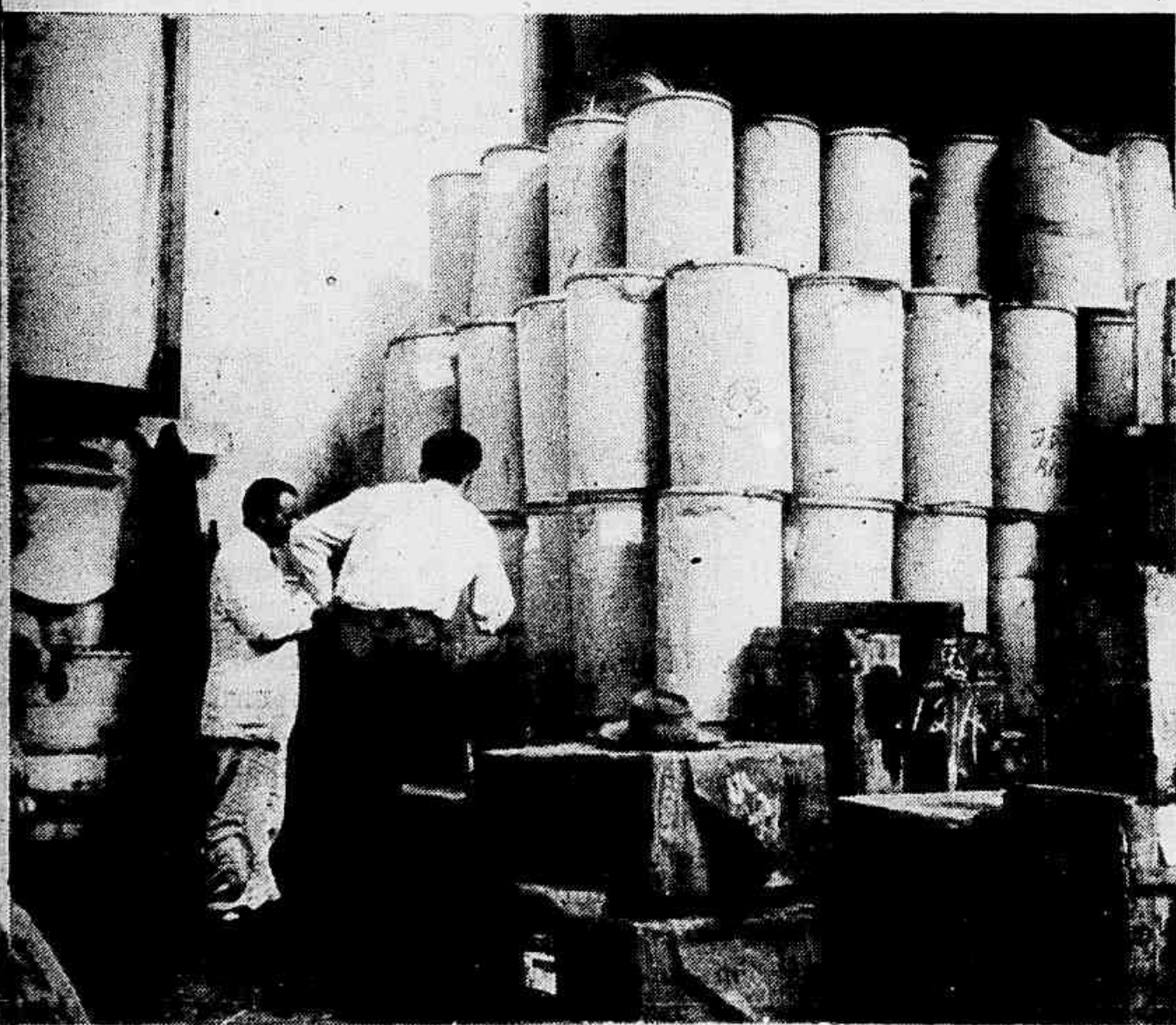
A moamba grande, como seja, vultuosas partidas de uísque, é transbordada em alto mar para uma lancha ou barcaça, e esta tem panos para mangas em nossas longas costas. Existem até barcos apropriados para o transbordo do contrabando. Enquanto isso as guarda-morias não possuem barcos ligeiros e de alto-mar, para a fiscalização.

CONTRABANDO

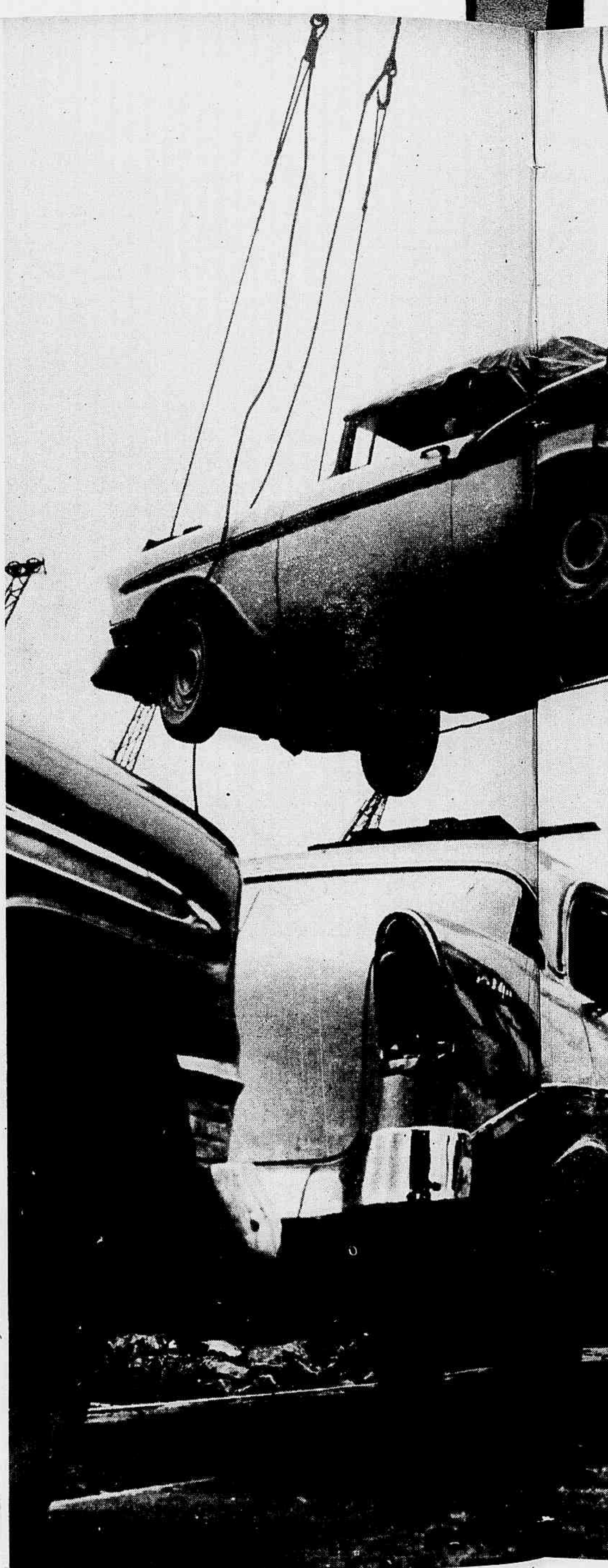
“Cotias” e “Tartarugas”
enfestam
rios e matas
do nordeste.



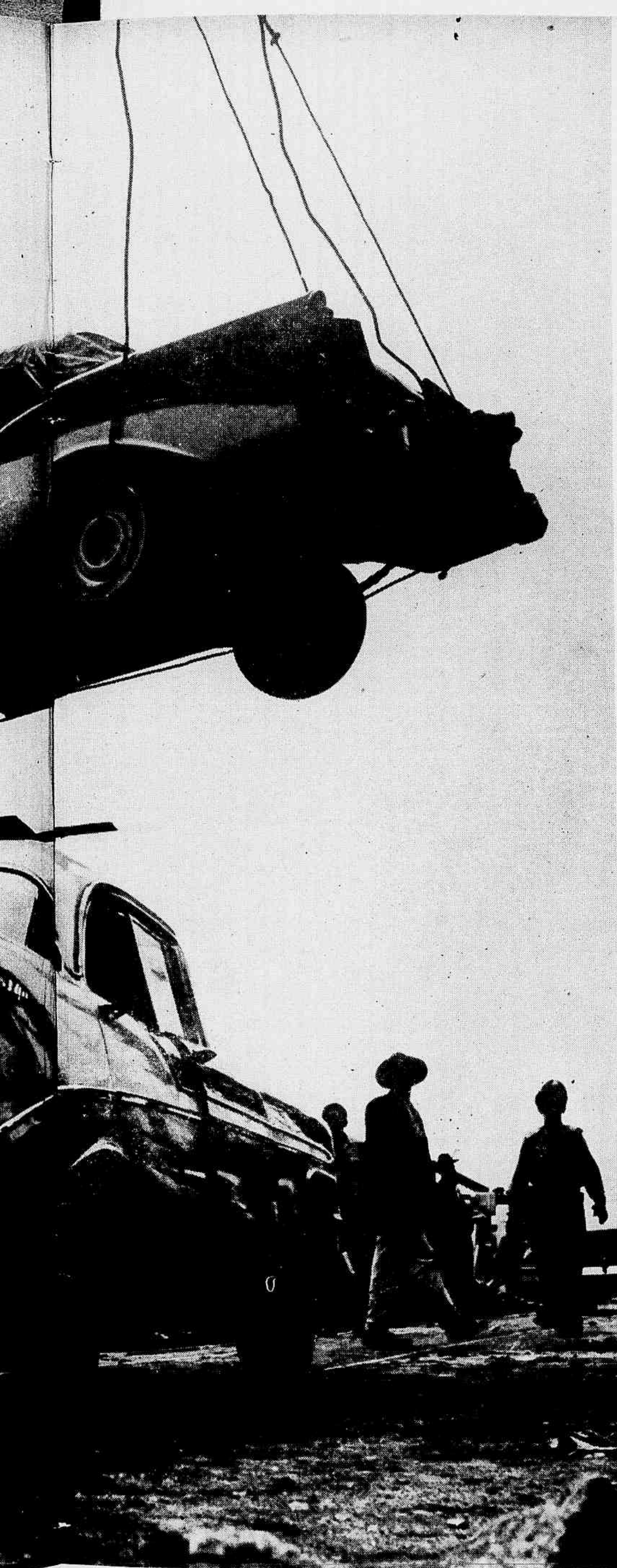
O contrabando é apreendido. Mas não o contrabandista. Ele precisa continuar solto.



Objetos mais absurdos são encontrados, disfarçados em inocentes sacos, latões, etc.



O maior negócio, no contrabando, ainda é o automóvel. Muita gente ganha com a história.



Muita

PERFEITA ORGANIZAÇÃO

Enquanto as repartições encarregadas não dispõem de aparelhamento, os contrabandistas estão magnificamente aparelhados, inclusive com espiões dentro da própria aduana. Isso foi comprovado quando o Inspetor Ênio (da Polícia do Rio), sabedor de um grande contrabando que viria em um navio, da Europa, foi interceptar a moamba à altura de Fernando de Noronha. Mas, com surpresa sua, de vez que as informações que obtivera eram absolutamente seguras, não encontrou nem sombra de contrabando. É que alguém já tinha radiotelegrafado para bordo e a carga já havia sido transbordada ou lançada ao mar.

"DEUS ME LIVRE QUE SE ACABE O CONTRABANDO"

Por outro lado, são os próprios guardas aduaneiros que rezam para a não extinção do contrabando. Ouvimos de um deles, ao perguntar se melhor aparelhamento alfandegário não varreria os contrabandistas, a seguinte frase: "Se o contrabando acabar, vou ficar sem a minha parte nas apreensões. Deus me livre que ele se acabe".

JÓIAS E CIGARROS AMERICANOS

Outra tática de contrabando, é a de financiamento de viagens. Pagam passagem e estadia para uma pessoa de sua confiança, a fim de que esta volte com os dedos e pescoço cheios de anéis e colares.

O contrabando de cigarros americanos parece de nenhum valor, à primeira vista, por tratar-se de mercadoria barata. Mas, se se levar em conta o seu volume, já não é de se desprezar. Nesta parte, é coisa corriqueira encontrar um Inspetor da Alfândega, um Secretário de Segurança Pública, um Governador de Estado, Deputados Federais, Ministros, fumarem cigarros americanos, comprados na tabacaria da esquina, sem selo.

POR QUE NÃO SE PRENDE O CONTRAVENTOR

O contraventor não é preso, porque nunca é pegado com a mercadoria nas mãos. O contrabando vem "à ordem" e quando é apreendido, ninguém sabe ou não quer saber quem é o seu proprietário. Dizemos não quer saber, porque pelo simples fato da mercadoria vir "à ordem", não deixa de ter dono. Alguém comprou a moamba, no estrangeiro, pagando-a. Um simples despacho para a nossa Embaixada ou Consulado, apurará o responsável. O que acontece é que se esses responsáveis forem para as grades, muitos funcionários vão ficar sem a parte variável (que monta a dezenas e às vezes a centenas de cruzeiros) dos seus vencimentos.

NÃO HÁ INTERESSE

O desinteresse dos poderes públicos em acabar com o contrabando, está patente. Portarias são baixadas, traçando normas para evitar o mal. Sim, portarias são baixadas, mas não leis. Um juiz não pode desatender a um "mandado de segurança" ou a um interdito proibitório, tendo em vista uma portaria, quando a lei assegura o direito do recorrente.

Até parece que todas essas portarias são aparatos, para que seja dada uma satisfação ao público.

O LEILÃO

O leilão das Alfândegas, é um outro ponto a cuidar. Existe uma verdadeira **panelinha** que adquire as mercadorias apreendidas. Em torno de alguns poucos, está a cortina de ferro que ninguém pode penetrar. Se o leitor quiser, experimente. Vá a um leilão, não dê lance algum, e veja por qual preço é vendida determinada mercadoria. Após, examine como lhe olham como a uma pessoa estranha que se estivesse metendo onde não devia. Depois arrisque um lance, e verificará a teima que vai haver para que a mercadoria lhe saia caríssima.

LIVROS E IDÉIAS

UM FUNDADOR DO IMPÉRIO DO BRASIL

ESGOTADAS DE HÁ MUITO estavam as obras que o historiador carioca Octavio Tarquínio de Souza dedicou aos fundadores do Império do Brasil: José Bonifácio, Pedro I, Bernardo Pereira de Vasconcelos, Evaristo da Veiga e Diogo Feijó, bem como a golpes de estado, fatos e personagens ocorridos ou de algum modo ligados à fase de nossa história que trouxe a Independência, e com ela o Império. Pois de tais obras, o editor José Olímpio faz agora uma bela edição em dez volumes, empreendimento que honra sobretudo sua livraria, mas sobretudo a indústria livreira nacional (1).

O primeiro tomo da "História dos Fundadores do Império do Brasil" é dedicado a José Bonifácio. Nesse primeiro tomo é também publicada uma "Introdução" geral à obra, introdução na qual Octavio Tarquínio de Souza expende seus pontos de vista com respeito à História, não uma sucessão de biografias, porém apoiada sempre na ação de personalidades marcantes, que com sua presença iluminam uma época. É uma página valiosa, essa "Introdução", porque nela Octavio Tarquínio de Souza traduz sua atitude como historiador moderno e perfeitamente a par com as mais recentes teorias desse gênero difícil.

A História não é sucessão de biografias, escrevemos; mas bem amplo é por vezes o lugar que nela se destina ao estudo de personalidades extraordinárias, capazes de, por sua ação, modificarem o rio dos acontecimentos ou apressá-los, antecipando-os. O caso de José Bonifácio na História do Brasil é típico: homem de imensa capacidade intelectual e de grande autoridade moral, paira acima de sua época como o sol sobre um deserto — deserto a que, por certo, não faltaram oásis. Grande figura, a de José Bonifácio: cientista de renome internacional, e poeta; ao mesmo tempo interessado pela mineralogia, pela pesca da baleia, pela autonomia política do Brasil, pela abolição da escravatura. A ele pode ser aplicada a legenda já róta, de tão usada: "nisi humani a me alienum puto" — como aliás escreveu, em carta, a Menezes Drummond (página 298).

Humano, José Bonifácio o foi; e a par de suas muitas qualidades, teve como todo mundo defeitos, e alguns marcantes: pouco compreensivo, intolerante (porque sabia, decerto, da própria superioridade sobre seu meio, e via a mediocridade sempre triunfante), irascível (diz-se que matou, em duelo, a quatro adversários...), sensual (uma filha natural pelo menos restou de suas muitas aventuras galantes em terras de Europa). Quanto às qualidades, nunca é demais repeti-las: profundamente honesto, profundamente patriota, teve José Bonifácio uma noção exata do instante histórico em que vivia, e sonhou para o Brasil uma posição de relevo que efetivamente alcançou. Era o único adulto, no meio de um grupo de crianças travessas — que crianças, não mais, eram nossos políticos de princípios do século passado. Guia de um povo, dotado de uma cultura universal (entendia doze línguas, lera tudo, tudo sabia), todas as idéias progressistas tiveram em seu cérebro acolhida. Mas esse intelectual era também homem de ação, homem de coragem jamais desmentida. E a tentativa de imposição de algumas de tais idéias a um meio ainda por demais mesquinho para aceitá-las, valeu-lhe como não poderia ter dei-

xado de ser inúmeras e poderosas inimizadas. Seus ideais anti-escravagistas, por exemplo, lhe trouxeram o ódio da classe dominante, que no trabalho escravo repousava. E até que ponto correu o anti-escravagismo de José Bonifácio para as suas sucessivas desgraças políticas (e que vida cheia de altos e baixos, de grandes consagrações e de amargas derrotas, a desse santista!), é um problema que Octavio Tarquínio de Souza infelizmente não examinou.

Tendo vivido longos anos longe do Brasil, de onde partiu criança, para regressar aos cinquenta e seis anos, já com um nome respeitado na Europa inteira — na Noruega, por exemplo, lhe haviam oferecido importantíssimos cargos científicos —, José Bonifácio nunca deixou de ser, antes de tudo, um brasileiro, um paulista, um santista: os últimos anos de estada em Portugal lhe foram particularmente penosos, e equivaleram a um destêrro imerecido. Mas o "Patriarca" estava fadado a viver apartado de sua terra e de seu povo — e pouco tempo após a chegada, intrigas junto a Pedro Primeiro, levadas a efeito por desafetos, despeitados com o prestígio do grande homem junto ao jovem imperador, iriam determinar seu exílio em Talence, na França. Exílio longo de muitos anos, do qual regressaria José Bonifácio para logo ser nomeado — e pelo mesmo homem que o desterrara — tutor de Pedro II e dos príncipes imperiais brasileiros, quando do regresso de Pedro I a Portugal. Mas os inimigos do novo tutor não lhe perdoavam a superioridade — e brevemente sacudiriam "o gigante por terra" (como afirmou um deles, Aureliano Coutinho), numa ridícula demonstração de força. Devia ser de fato um homem de dimensões incomuns, esse velho de quase setenta anos que, para ser destituído da tutoria, obrigava o Governo a medida tão grotesca.

Os últimos anos, passou-os José Bonifácio em Paquetá, entregue aos estudos, no meio dos seis mil volumes que agrupara pela vida. Faleceu em 1838, com pouco menos de 75 anos.

O livro de Octavio Tarquínio de Souza sobre José Bonifácio, agora reeditado, apresenta-o de corpo e de alma, em suas justas dimensões. Nem é um panegírico, nem uma catilinária — e todos sabemos como é do espírito brasileiro esse pintar sem nuances, ou preto ou branco, anjo ou diabo... De resto, é estudo escrito com sabor e num português corretíssimo. Apenas uma restrição lhe fariamos: a ausência completa de notas elucidativas de pé de página ou de final de capítulos. Uma vasta bibliografia foi compulsada, bem como manuscritos de biografado, jornais da época, etc. Um grande livro, em suma. E sobre um personagem de que não adivinháramos ainda a grandeza: José Bonifácio, sábio e poeta, político e humano.

(1) — "História dos Fundadores do Império do Brasil". 10 volumes (I — José Bonifácio; II, III, IV — A Vida de D. Pedro I; V — Bernardo Pereira de Vasconcelos; VI — Evaristo da Veiga; VII — Diogo Antônio Feijó; VIII — Três Golpes de Estado; IX — Fatos e Personagens em Torno de um Regime; X — Índice Geral Remissivo). 193 ilustrações. Livraria José Olímpio Editora. Rio de Janeiro, 1958 (a primeira edição de "José Bonifácio" é de 1945; de "A Vida de D. Pedro I", de 1952; de "Bernardo Pereira de Vasconcelos", de 1937; de "Evaristo da Veiga", de 1939; de "Diogo Antônio Feijó", de 1942; "Três Golpes de Estado" é de 1939.).



O romancista Cornélio Penna.



O candidato Osório Borba.

PESSOAS, COISAS E FATOS

Carlos Magno foi indicado para professor de mural da Escola Nacional de Belas Artes. Seu competidor foi Emeric Marcier, o que ainda mais valoriza a vitória do pintor paulista. *** Outro provável futuro professor da Escola Nacional de Belas Artes — pasmem! — chama-se, *tout court*, Mário Pedrosa. Ministrará História da Arte. *** A conservadora do Museu Nacional de Belas Artes, D. Maria Barreto, foi incumbida de organizar a exposição de reproduções de Rembrandt, levada a efeito, no Rio de Janeiro, sob os auspícios da Embaixada da Holanda. *** Portinari acha-se na Europa, por algum tempo. Viagem de turismo. *** O nome do pintor Santa Rosa será breve dado a uma rua carioca. *** Exporão em São Paulo, brevemente, na Galeria das Fôlhas: Benjamin Silva e Raimundo Nogueira. *** Oswaldo de Andrade Filho pretende expor no Rio de Janeiro dentro de algum tempo. *** Gerson Tavares filmou para um documentário que pretende fazer nada menos de 140 obras de Pancetti. Deveria, também, escrever um Catálogo sobre esse grande artista, há tempos desaparecido. *** Há uma campanha no sentido de o prêmio de viagem pelo país, distribuído nos Salões de Arte criados pela

lei 1512, ser aumentado o quanto antes. Presentemente, ele está fixado em oito mil cruzeiros mensais, o que — convenhamos — é irrisório. *** Quando da estada entre nós do professor Dioclécio Redig de Campos, Rodrigo Mello Franco de Andrade lhe ofereceu uma recepção, à qual compareceram críticos de arte, escritores e pintores. *** Também homenageada (com banquete ao qual compareceu o presidente da República) d. Niomar Moniz Sodré, que transformou o Museu de Arte Moderna de sonho em realidade. *** Comenta-se nas rodas artísticas a sobriedade de que se acha ora armado o jornalista Jayme Maurício, após sua viagem à Europa. Todos deviam viajar, de quando em vez. *** Um álbum sobre Bruno Giorgi será editado, brevemente, pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação. O texto é de autoria do poeta (e escultor, não raro) Dante Milano. *** Di Cavalcanti acha-se presentemente empolgado pela escultura. *** O pintor Ramiro Martins abrirá em Laranjeiras novo atelier. Como se sabe, ele ocupava, com Santa Rosa, um atelier à rua Santa Luzia — atelier que em certa época foi quase que o termômetro da vida artística do Rio de Janeiro.

GENTE

FUNDADA A UNIÃO Brasileira de Escritores, seu primeiro presidente, eleito por unanimidade, é o acadêmico Peregrino Júnior. Tôda a classe acompanha com grandes esperanças o nascimento da UBE. *** Um dos mais belos livros já publicados no Brasil: "The 12 Prophets", de Hans Mann, sobre os Profetas do "Aleijadinho". Edição de Simeão Leal. Texto trilingue. *** "Os

Romances Completos" de Cornélio Penna, há tempos publicados por José Aguilar, trazem muitos erros tipográficos. Isso muito prejudica a edição. É preciso uma providência. *** Próximas estréias: a de José Louzeiro, contista ("Depois da Luta" — Simões), e a de José Lino Grünwald, poeta concretista (edição do autor).

ENTREVISTA

Hansen: giro europeu, 1958

O GRAVADOR KARL-HEINZ HANSEN (Hamburgo, 1915), no Brasil a partir de 1950, tem realizado, dentro de nossas fronteiras e fora delas, inúmeras exposições individuais de grande importância. Recentemente, expôs em Montevideu e em Buenos Aires, nessas duas cidades alcançando expressivo sucesso. Residindo na Bahia, de onde somente sai para expor, de tal modo adaptou-se à vida da velha cidade, que é considerado praticamente um natural do lugar, sua arte refletindo um íntimo contato com as casas e as ladeiras de Salvador, seus ex-votos e candomblés, pescadores e saveiros. Esse baiano de Hamburgo, presentemente, tem um plano vastíssimo: a 15 de setembro, embarcará para a Europa, onde irá realizar, em vários países, exposições de suas gravuras. Essa entrevista brotou de várias conversas mantidas com o artista, quando de uma sua recente estada no Rio de Janeiro, já nos finais preparativos de viagem, às voltas com passaportes, etc.

TL — Onde exporá?

KHH — Nas maiores cidades de Austria, Bélgica, Dinamarca, Inglaterra, França, Alemanha, Holanda, Itália, Portugal, Espanha, Suécia e Suíça: doze países ao todo.

TL — Quem patrocina a mostra itinerante?

KHH — O Museu de Arte de São Paulo e a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Sou grato também ao Governador da Bahia, dr. Antônio Balbino, que tudo me facilitou para a viagem.

TL — Quanto tempo durará a excursão?

KHH — Mais de um ano, pois pretendo estar de volta à Bahia somente em meados de 1959.

TL — Que exporá você na Europa?

KHH — Vou levar cem gravuras escolhidas, as mais antigas, de 1954 (algumas expostas na II Bienal de São Paulo, algumas na III). Além de peças avulsas, levarei vários ciclos de gravuras: a série intitulada "Flor de S. Miguel" (1956 — 20 gravuras, das quais 13 a duas cores); "Santa Bahia" (1957 — 20 gravuras em preto e branco); "Navio Negreiro" (1957 — 20 gravuras em preto e branco); "Mercado da Rampa" (1957 — 7 gravuras em três cores); "Ladeira da Misericórdia" (1958 — 7 gravuras, das quais uma a três cores); "Itapoan" (1958 — 7 gravuras, das quais uma a duas cores, uma a três e as demais a quatro cores). Também tenho vontade de levar minha coleção de esculturas sacras da Bahia, mas me avisaram do perigo que correrei depois, com a Alfândega...

TL — A cor está lentamente penetrando em sua gravura: você se sente melhor realizado em sua gravuras em cor, ou nas mais gravura, no preto e branco, pura e simplesmente?

KHH — Sou um gravador, e tiro meus maiores e melhores efeitos dos contrastes entre o preto e o branco, da eterna luta entre as trevas e a luz. Uso a cor a meu ver com menos felicidade. Não sou um pintor, mas por vezes, para variar, apelo para elas (as cores). Prefiro, porém, permanecer o que sou: um xilógrafo, um artista-artesão, cultor do preto-e-branco.

TL — Boa viagem, Hansen, e até à volta. Sua viagem contribuirá, sem dúvida, para um maior conhecimento do Brasil.

KHH — E da Bahia... Até à volta.

AL - YELON

OS GALHOS

MARIA DA CONCEIÇÃO NEVES ABOUD



DO CEDRO

RESUMO: Desesperada, assiste a jovem Nabira à morte e ao entêrrô do marido. Mais tarde, entretanto, decide-se enérgicamente a continuar a vida idealizada por Nassim e partir com os filhos para o Brasil. Deixa o caçula com o sôgro e segue, para São Paulo, numa leva de imigrantes. Na nova terra, passa por necessidades e, sem saber ler, nem falar a nova língua, é obrigada a mascatêar, como fazem os seus patricios. É ainda muito bela, mas resiste às propostas de casamento que lhe fazem. Sua alegria é acompanhar o crescimento dos filhos, suas aptidões para o comércio. E, de vez em quando, pensa no Líbano distante.

O DESTINO INSONDAVEL levou Nabira, Abdo e Samir à velha e graciosa cidade de São Luiz do Maranhão. Lá viviam prósperamente algumas famílias libanesas e quem sabe o encanto pacato da cidade, quem sabe a fadiga da vida errante levada durante muito tempo, os fizeram lançar âncoras, definitivamente, naquele pedaço do Brasil? O certo é que pararam ali e ali continuaram a lutar pela vida. Em alguns anos, a casa comercial fundada por Nabira fazia bons negócios e tinha um crédito sólido. Ela e os filhos viviam num grande sobradão colonial que pertencera, em determinada época, a uma das mais lendárias figuras da cidade: a célebre Ana Jansen, mulher de força inquebrável que regera através de longos anos a vida política de S. Luiz. Estranho destino o daqueles muros grossos como os de um castelo mouro: abrigaram a ousada e violenta maranhense, que não temera governos nem críticas à sua vida um tanto louca; depois, acolheram a mulher de força inquebrável vinda do Líbano, que rolara pelo Brasil sem temer lutas, amparada na certeza de que o espírito do marido, cujo amor nunca substituíra, a protegeria.

O casarão tinha história e tinha lenda. Contavam que as almas dos escravos que Ana Jansen tanto fizera sofrer, perambulavam nos porões, depois da meia-noite, arrastando pesadas correntes e a antiga senhora vinha ali, rogar-lhes perdão. Da casa, diziam, saía para a cidade adormecida em lençóis de luar, uma carruagem de fogo conduzindo a velha Ana de cabelos brancos e desgrenhados, na dolorosa "via-crucis" das almas sem repouso.

Mas Nabira não temia o sobradão nem os espíritos a povoá-lo. Que mal lhe fariam? Quando os filhos saíam à noite para suas farras de rapazes, ficava sôzinha numa das salas enormes, sem medo algum. Pelo contrário, gozava da doce alegria de sentir sobre a cabeça começando a embranquecer, um teto definitivo. Não tinha saudade! De Nassim, da aldelazinha que só começara a amar através da distância, de sua mãe, morta há alguns meses, do filhinho que ficara nos braços do avô.

Para ela, Yussef não crescera, não era como Abdo e Samir. Seria sempre uma criancinha morena e rechonchuda. O avô antes de morrer, casara-o muito jovem com a filha de um rico comer-



Num domingo, Nabira surpreendeu os seus Líbano. Queria rever o filho e a terra.

ciante de Chuairi e, Yussef não fazia questão de vir ao Brasil, porque certamente o velho não o ensinara a amar a lembrança da mãe.

Só, numa sala imensa e extravagantemente arrumada, onde se misturavam velhos móveis portugueses, "arguiles", tapetes e almofadas árabes, e uma rede branca de rendadas varandas, Nabira ficava fazendo planos até alta madrugada: brevemente iria ao Líbano! (Passara-lhe de vez, a vontade de cuspir na velha marca). Lá, conquistaria o coração de Yussef e o traria com a mulher e os filhos para morarem no casarão. Era preciso também, casar Abdo e Samir. Queria uma grande família à sua volta. Era que quando mascateava fizera muitos casamentos felizes, levando retratos de jovens casadoiros de um vilarejo para outro, ainda não tratara de casar os filhos. Agora os casaria, pois tinha casa para morar e dinheiro para sustentar família.

Nabira sorria encantada, imaginando o sobradão cheio de vozes infantis. Passava em revista os rostos das brasileiras libanesas da cidade, escolhendo as espôsas dos filhos. Pensou em Sâmla Mattar para Abdo e em Georgette Elia para Samir. Não lhe passou pela cabeça a idéia de eles não as aceitarem.

O vento forte vindo da Ponta de São Marcos balançava a rede de varandas rendadas, na qual, pensativamente, Nabira fumava "argulle". Simbólico quadro: a velha libanesa forte e corada, repousando na rede tecida pelas pálidas mãos de uma cabocla maranhense, marcando a inesperada simbiose do Líbano e do Norte Brasileiro.

É interessante observar, nas emigrantes árabes, que deveriam ser portadoras da atávica tradição de passividade feminina inerente à civilização oriental, uma pronta reação transformando-as em mulheres independentes e cheias de iniciativas, assim que se encontram em países mais liberais. São comuníssimos no Brasil, exemplos de libanesas e sírias que tendo enviuvado quando os negócios do marido periclitavam, levá-los avante, desenvolvendo-os vertiginosamente. Lá, eram mulheres contidas nos limites do lar e dos trabalhos campestres, aqui são verdadeiras matriarcas, orientando os destinos dos seus e lançando-se no perigoso mundo dos negócios.

Nabira era o cérebro de sua família. Não ia mais à casa comercial, mas os filhos nada faziam de importante sem consultá-la. Casaram-se por sua determinação, com Sâmla e Georgette e viviam felizes. Cinco crianças brincavam pelos três andares do sobrado no qual os aborrecimentos não iam além daqueles naturais numa casa, onde moravam uma sogra e duas noras. Nabira era prepotente, porém bondosa. Obedeciam-na como se fôsse a castelã de um pequeno feudo. Ninguém a desafiava, ninguém tentava libertar-se do seu jugo, a não ser o seu neto mais velho e mais amado — Sérgio, filho de Samir.

Ele aos doze anos era magriço e irrequieto. Os olhos grandes e azulados pareciam dois lagos de águas claras na terra amorenada do rosto. Os cabelos lustrosos e negros caíam-lhe sempre na testa larga. Era uma criança levada que fugia das aulas para banhar-se na praia do Caju ou para empinar papagaios nos bécas aladeirados de São Luiz. Com o tempo, aumentava sua rebeldia, porque Nabira, vulnerável apenas ao seu sorriso parecido com o de Nassim, não permitia que o castigassem. Era muito mais branda com ele do que com os outros netos. Dava-lhe constantemente dinheiro para ir ao cinema, comprar papagaios e picolés.

Sérgio a desobedecia audaciosamente. Dizia-lhe, sem medo, que jamais seria médico como a avó desejava, porém, comerciante, tal qual seu pai e seu tio. Sentia uma extraordinária atração pelo escritório, lá indo constantemente. As horas do almoço e do jantar, metia-se a discutir negócios com os mais velhos. Nabira consolou-se depressa de sua recusa em formar-se. As vezes imaginava que o espírito do marido revivera no neto e, através dele, comerciaria no Brasil como Nassim havia sonhado.

Sérgio tinha um temperamento contraditório: agressivo e carinhoso, teimoso e delicado. Enfrentava a avó, batendo os pés com raiva, quando queria obrigá-lo a agir contra a vontade. Beijava-lhe as mãos com muita doçura, dizendo-lhe que eram assim feias e grossas porque haviam trabalhado muito para que agora a família fôsse rica e feliz.

Sérgio herdara o temperamento da avó. Liderava um irmão, um primo e duas primas, além dos moleques da rua. Chegava freqüentemente em casa com as canelas esfoladas no futebol, as roupas rasgadas, o rosto escoriado. Nabira tratava seus ferimentos com uma ternura nova, ternura que não sentira nem quando seus filhos eram pequeninos. A velha ia insensivelmente passando para as mãos do neto o seu cetro de domínio.

Apesar das eventuais discussões entre Abdo e Samir a respeito de negócios, das picardias entre as duas cunhadas, das tentativas de rebelião de um e de outro contra o despotismo da velha, das freqüentes iras de Samir porque a mãe permitia que dirigisse Sérgio com mais severidade, a vida corria feliz no sobradão colonial. Os domingos então eram muito alegres, pois a família e os amigos da colônia sírio-libanesa reuniam-se em torno da mesa exageradamente farta, repleta de iguarias orientais. A velha e as noras passavam a manhã na cozinha fazendo "kibes" e "armichui", "tabuli" e "malfufi", "enjadra" e chapéuzinho, "barranuche" e pastéis árabes. Ficavam suadas e exaustas mas, ver à hora do almoço, os seus homens e os convivas comerem com grande prazer os pratos da velha terra, vagamente temperados à brasileira, compensava-as do trabalho.

As mulheres, seguindo costumes ancestrais, não se sentavam à mesa. Serviam as visitas e os homens, mesmo tendo várias criadas. Ficavam sempre para o segundo turno. Visitantes e parentes achavam a coisa natural; Sérgio porém, protestava. Era fidalgo por natureza. Convivendo com amiguinhos brasileiros, assimilava depressa novos usos. Com freqüência obrigava a avó a sentar-se na cabeceira e então, servia-a com mesuras e momices, dizendo-lhe ser, sem tirar nem pôr, a Rainha da Inglaterra. Todos riam. Nabira puxava-lhe a cabeça de cabelos rebeldes para beijá-lo, dizendo-lhe em árabe, palavras de carinho.

Os almoços não tinham a elegância do serviço à francesa, nem a ordem dos repastos requintadamente organizados, mas, banquete algum era mais alegre, hospitaleiro e deixava mais à vontade os convidados.

Os homens e as visitas levantavam-se fartos e felizes. Sentavam-se as mulheres e comiam fartamente, ao som de discos árabes rodando numa vitrola manual. Cantava-se, dançava-se a "dabkê" e no fim da tarde a mesa ainda estava cheia de comida.

Um traço especial do caráter libanês é a generosidade. Criaturas que lutaram tenazmente para fazer fortuna, não contam o dinheiro que lhes traga conforto. São mesmo exagerados na maneira de mimar os filhos, com desperdício de roupas e brinquedos. Suas festas são orgias de quitutes. As mulheres vestem-se com demasiado luxo, sofrendo, quem sabe, a atávica influência das modas orientais. Os maridos orgulham-se em dar-lhes jóias e,

declarando-lhes que iria visitar o



nas reuniões da colônia, grandes brilhantes disputam entre si, a primazia do tamanho e do brilho.

Num dos almoços de domingo, Nabira surpreendeu aos seus e às visitas declarando-lhes que iria ao Líbano no próximo mês. Queria rever o filho, a terra, conhecer a outra nora e os outros netos. A surpresa excitou-os. Os comentários cruzavam-se. Uns temiam que ela não voltasse mais. Outros achavam-na velha para viajar só. Aquêles que ainda não haviam voltado à pátria, suspiravam nostálgicos e invejosos. De longe, o Líbano era o paraíso. A distância e a saudade retocavam-no de perfeição. As frutas eram as frutas do Eden, o clima, o clima mais saudável do mundo, as mulheres, as mulheres mais lindas do Universo, a água mais leve, as flores mais viçosas... Até Nabira que de lá partira sem saudades, vivia louca para revê-lo e contava aos amigos brasileiros, prodígios de sua terra.

Os comentários continuavam. Alguns pediam-lhe que na volta trouxesse doces, pistache, "snalba", sementes salgadas de gerimum, roupas típicas, retratos de parentes. Nabira sorria, sorria. Chegara ao ponto culminante de sua vida, aquele em que poderia voltar bem vestida e cheia de jóias à sua humilde aldeia.

Sérgio pulava louco de alegria, jogando para o ar uma bola feita com o guardanapo:

— Viva! Vovó vai ao Líbano! Vó Nabira vai ao Líbano! Vai mostrar pros que torceram o nariz quando ela veio para cá que ela valeu mais do que muito homem. Viva! Vó Nabira vai ao Líbano!

Avançou para beijá-la freneticamente no rosto sereno e claro. Georgette gritava-lhe para ter modos. As outras crianças também pulavam excitadas. Samir e Abdo pareciam tristes e apreensivos. Comentaram o medo que tinham de ela viajar desacompanhada. Nabira deu uma de suas gargalhadas barulhentas e contagiosas. Até parecia que suas gargalhadas de agora eram uma revanche aos risos que não rira quando jovem e amargurada. "Então seus filhos julgavam-na velha e incapaz? Ainda teria força e saúde para vê-los de cabelos brancos carregando os próprios netos. Quem atravessara o oceano numa sórdida terceira classe, lutando com duas crianças pequeninas, não poderia atravessá-lo só, num camarote confortável, exclusivamente porque tinha mais alguns anos? Iria sim, e antes passaria no Rio e São Paulo para rever amigos e mostrar-lhes que também vencera!"

Os pedidos continuavam. O de Sérgio comoveu-a a ponto de fazer-lhe virem lágrimas aos olhos. O menino rogou-lhe para lhe trazer um galho do pessegueiro que, segundo ela contava, sombreava o túmulo do avô. Tais coisas faziam-na adorar o neto — essas idéias inesperadas e comoventes. Beijou-o muito, gritando-lhe — "Habib", "darley", "ayune" (querido, vida minha, luz dos meus olhos).

As vezes ela se punha a pensar que Sérgio seria um amante maravilhoso, tal qual Nassim havia sido. Delicado e romântico, exigente e dominador! Teria de escolher-lhe esposa com um cuidado muito especial. A mulher que ele amasse, seria uma feliz. Teria de ser alguém com sangue puramente libanês!

As visitas saíram para espalhar na colônia a notícia da próxima viagem de Nabira. No casarão, o domingo escureceu inda mais alegre e movimentado do que era comum. Nabira começou a fazer recomendações: pediu às noras que não brigassem durante sua ausência, deu conselhos a respeito de negócios pendentes, beijando Sérgio a cada instante, como se estivesse matando saudades prematuras. Partiria dentro de oito dias. Sempre fora mulher de rápidas decisões.

Partiu Nabira com as malas cheias de vestidos excessivamente bordados, sapatos novos, bolsas de pelica e presentes em profusão. A arcáica rampa de São Luiz, a colônia em péso, fôra levar-lhe um alegre adeus. Seguiria como embaixatriz de saudades e lembranças daqueles que ali ficaram imaginando a felicidade que sentiria revendo a pátria.

Os filhos, noras e netos foram de lancha levá-la à bordo. As crianças radiantes, gozavam sua primeira aventura no mar. Sérgio disse logo, ser a lancha, uma galera de piratas e intitulou-se imediatamente capitão do navio. Pularam tanto nas bordas da embarcação, que Georgette e Sâmia sentiram-se enjoadas.

Quando se despediram, o último beijo de Nabira foi para o neto mais velho. Este, já da lancha a se afastar de volta, gritou-lhe esganadamente:

— Até à volta, Rainha da Inglaterra. Eu venho lhe buscar no meu navio de pirata.

Nabira sorriu e apenas dêle sentiu saudades.

Pavoneou-se no Rio e em São Paulo para os velhos amigos, visitando-os vestida de sedas e rendas, os braços cheios de pulseiras, brincos de safira e brilhante, pendendo-lhe das orelhas rosadas. Orgulhava-se de lhes falar de sua atual prosperidade, de suas noras boas como anjos, dos netos fortes como touros. Para aquela gente que curtira tantas amarguras, o diploma da vitória era poder ir de visita ao Líbano. Julgavam-na uma privilegiada, uma heroína. Nabira contava-lhes o que padecera, pintando de cores ainda mais negras, sua história, por si sombria.

A valdade com que punha suas sedas era mais violenta do que a das mulheres jovens, usando os mimos de amantes ou maridos. Era a valdade de uma realizadora.

Líbano! Lembranças revividas! Revolta ao ver quão abandonado andava o túmulo de Nassim. Saudade aguda de Sérgio, descobrindo que morrera o pessegueiro, do qual ele lhe pedira um galho. Surpresa de não poder amar Yussef, embora fôsse parecido com Samir. Decepção pela nora molenga e feia, maltratada por onze gravidezes. Prazer em ver-se cortejada pela aldeia inteira, procurada por criaturas vindas de longe para pedir-lhe notícias de parentes do Brasil. Saudade da juventude. Saudade do seu amor, do seu Nassim nunca substituído em seu espontâneo e fiel coração. Estranha alegria em rever as irmãs ainda vivas e conhecer os sobrinhos. Emoções. Emoções. Emoções. Profundo amor à terra serena e bucólica, da qual se apartara sem pena para ir em busca de fortuna. Lágrimas que não corriam. Sorrisos que não tinham força para se transformar em risos. Alegria e tristeza. Amargor e ventura. Saudades do Brasil!

Inquietas são as almas dos que têm suas pátrias. Em nenhuma delas se satisfazem.

Yussef, a mulher e os filhos não a largavam um minuto. Parecia mesmo a Rainha da Inglaterra cercada de grande corte. Era uma "avis-rara", uma mulher que, viúva e solitária, fizera uma grande fortuna. A família encantou-se com os ricos presentes trazidos e exibiu-se ao seu lado com a valdade dos que acompanham vedetas famosas.

(Continua na pág. 38)

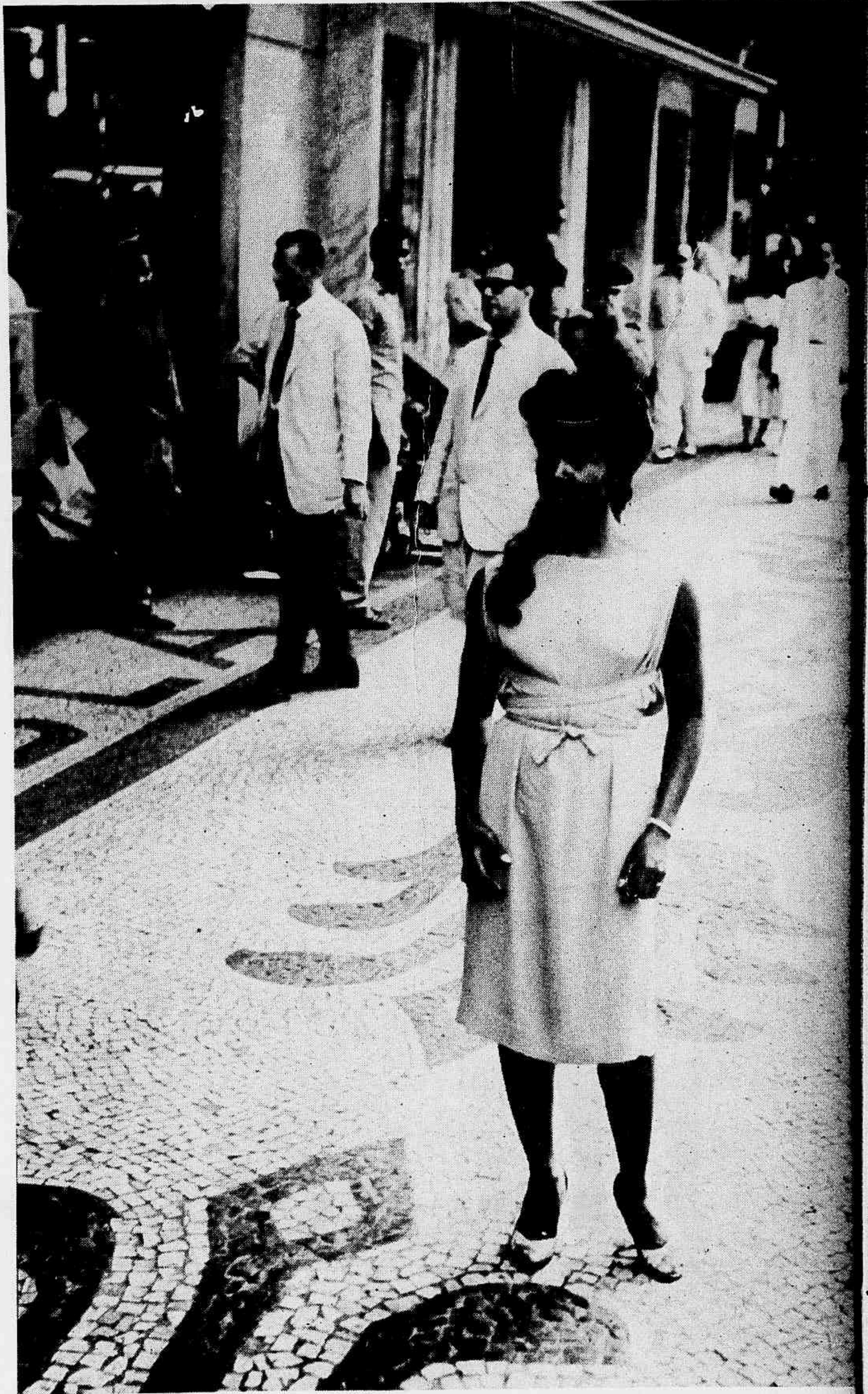
A CAPA



Entre dezenas de candidatas, somente Marpessa Down apresentou as qualidades ideais da personagem famosa recriada por Vinícius. Com ela, "Eurídice" ganhou vida.

AMERICANA DE PARIS SERÁ EURÍDICE

Camus descobriu Marpessa Down



E NO RIO



Marpessa não é apenas uma garôta bonita. Tem i

HA COISA DE uns três anos, quando Vinícius de Moraes ainda estava em Paris, sua peça "Orfeu da Conceição" caiu nas mãos do produtor cinematográfico Sacha Gordine. A peça, que é a transposição da tragédia grega de Orfeu e Eurídice para a época atual, tendo como cenário um morro carioca, empolgou Gordine, que com sua afamada paixão pelas empresas arrojadas resolveu filmá-la.

As dificuldades que cercavam a concretização do projeto foram agora finalmente eliminadas. De Paris, partiu para o Rio uma equipe completa de técnicos, sob o comando do realizador Marcel Camus, para iniciar as rodagens de "Orfeu do Carnaval" — assim batizaram o filme. Quanto ao elenco, a idéia inicial era de usar atores brasileiros, de acordo com os "robots" especialmente desenhados e divulgados pela imprensa. Orfeu foi descoberto ali nas Laranjeiras — o jogador de futebol Breno, gaúcho que havia sido contratado há algum tempo pelo Fluminense; Serafina (prima de

Eurídice) foi entregue à Léa Pena, que foi a Mira da peça e cuja classe já é bem conhecida; Mira (a rival de Eurídice) caberá a uma estreante, Maria Luísa Monteiro.

Mas nenhuma brasileira conseguiu que o "robot" de Eurídice ganhasse vida. Candidatas surgiram, pareciam, tinham detalhes iguais aos do modelo, mas o conjunto não era ideal. Ou o conjunto valia, era bom, mas faltava a identidade necessária de certos traços do rosto. Além da presença física (e do talento) era preciso que a moça estivesse de posse de uma atmosfera eurídiceana, o que quer dizer uma atmosfera de ternura (sobretudo), para que Eurídice pudesse ser revelada tal qual foi concebida. Para isto, os produtores foram obrigados a fazer marcha-à-ré até a Europa e lá contratar uma atriz que parece ter nascido para viver o papel: Marpessa Dawn, o brôto que motivou esta reportagem da Revista da Semana.



inteligência e sensibilidade. E está apaixonada pelo Rio.

Esta manhã de sol do Rio está sendo passeada por uma moça que chama a atenção pela sua beleza. É atriz de cinema, chama-se Marpessa Dawn, mas os cariocas a conhecem melhor simplesmente por Eurídice. Porque foi ela a escolhida por Marcel Camus para ser a estrêla de "Orfeu do Carnaval", cujas filmagens serão iniciadas nestes dias. Aproveitando uma pausa nos ensaios diários, Marpessa sai para um passeio-namôro com a cidade do Rio de Janeiro, onde já se encontra há mais de mês.

— Todos me perguntam se estranho passar tanto tempo no Rio e se não tenho saudades de casa. Respondo que não, porque gosto de viajar e conhecer pessoas e que estou feliz por ter feito tantas amizades no Rio.

Na verdade, Marpessa é tôda uma doce Eurídice. Ao redor de si vive uma comunicação de calma e meiguice, pela qual se responsabiliza sua constante doçura.

Marpessa nasceu nas pradarias, numa fazenda de criação de gado em Pittsburgh. Mas foi para Nova Iorque fazer os seus estudos. Numas belas férias resolveu viajar até Paris e — lá ficou morando até hoje.

— Muita diferença de Nova Iorque para Paris?

— Bem, é diferente. Em Paris todos parecem viver sem muita pressa e profundamente. Gosto disto.

A princípio, Marpessa trabalhou como secretária, no Hospital Americano de Paris, mas na primeira oportunidade que teve, zás-trás: show-business!

Entrou para um "ballet" de música africana (música que a gente dança como sente), fêz excursões pelo mundo, apareceu como cantora em Londres, começou a fazer pequenos papéis em filmes — o primeiro foi em "La fille Elisa". Agora, antes de Camus chamá-la para o Rio, estava no elenco de uma peça teatral

em Londres. Recebeu a proposta do diretor francês (que já conhecera há dois anos atrás) e não esperou: partiu para Paris, fechou contrato e aqui a temos no Rio.

Falamos do idílio de Eurídice com Orfeu:

— A princípio ele é cheio de "truques", mas depois, a pouco e pouco vai se enternecendo com sua amada.

Diz do local onde serão feitos os exteriores do filme, o Morro da Babilônia, que ela pronuncia com sotaque delicioso ("tão belo, lá do alto!") e refere-se a Camus com admiração:

— Ele não faz seu trabalho como um comércio. Fá-lo com o coração.

Perguntamos se ela não preferiria fazer Carmen Jones em vez de Eurídice.

— São papéis bem diferentes. Eu, pelo meu modo de ser, sinto-me mais próxima de Eurídice. Pareço-me com ela. Acho que teria mais dificuldades para viver Carmen Jones. Considero que o papel seria um desafio à minha competência, mas nisto é que reside o interesse do artista por seu trabalho. Depois de Eurídice eu gostaria muito de ser alguém como Carmen Jones, porque acho que devemos experimentar-nos em personagens bem diferentes uns dos outros.

Na Rua do Passeio, Marpessa reconhece uma sorveteria e nos puxa para lá. Pede um sorvete de côco misturado com abacate e espera ansiosamente. São as coisas que nossa Eurídice não dispensa no Rio: sorvetes e vitaminas. ("Oh, as vitaminas!").

Acompanhamo-la no sorvete e comentamos que não tomávamos um há mais de ano.

Ela nos olha com espanto, abrindo muito os belos olhos negros:

— Como pode viver?

— Os repórteres costumam se desiludir comigo, porque não tenho divórcios, grandes romances, nem episódios sensacionais para contar. Minha vida é toda ela calma, não gosto de sair muito, prefiro ficar em casa ouvindo música.

— Qual o tipo de música que prefere?

— Todos os tipos. Gosto de Chopin e gosto de jazz. Vario de acôrdo com meu estado de espírito.

Com seu jeito manso, mas seguro de si, com a voz e os gestos suaves, Marpessa dá um "show" de personalidade:

— O que mais amo nas pessoas é a sinceridade e dedicação. Gosto dos que têm prazer de dar em lugar de só se preocuparem em receber.

Seu riso, às vezes, cascadeia, natural e muito alegre. Vamos passeando pelas ruas da cidade e ela vai observando os acontecimentos em volta de si com curiosidade. Num repente, pára e exclama:

— Uma fera!

Olhamos para o chão, constatamos a causa do seu alvoroço e explicamos quem é a "fera" — uma barata.

— Ah! Cucaracha! Mas eu pensei que fôssem pequenas — diz, fazendo com os dedos o tamanho miúdo de uma pulga.

Mais adiante, resolve entrar numa joalheria para comprar um fecho para uma corrente de prata com uma figa que ganhou de presente.

Esta americanazinha de coração francês conheceu no Brasil, entre outras coisas que constituem nosso cofre de surpresas para turistas especializados, a barata e a figa. É preciso que lhe expliquemos que só a figa é apanágio do nosso folclore — pois a "cucaracha" é inseto internacional na América Latina. Ela compreende: Marpessa não é apenas uma moça bonita. Tem inteligência, além de aguda sensibilidade, como os leitores devem ter notado. Se ainda não notaram, por culpa do repórter, notarão certamente quando "Orfeu do Carnaval" for exibido entre nós.

Uma pergunta deixou de ser feita, para não constrangê-la, no caso de uma resposta negativa: Você não quereria trabalhar para sempre no Brasil?

Quem sabe se ela não diria sim? Ou talvez não dissesse sim nem não, mas que aguardava boas propostas dos produtores e empresários brasileiros — para então dar o "fico". Ela já está tão integrada em nossa terra, e compreendendo tão bem os aspectos autênticos de nossa vida, que seria pena perdê-la. Além do mais, sua beleza rima com Guanabara e Pão de Açúcar.

Por estas e outras razões, sugerimos aos capitães da nossa indústria cinematográfica contratos para Marpessa, já que temos personagens que lhe assentam como luvas — que ela estreele... "Nêga Fulô", por exemplo!





“Os repórteres costumam se desiludir comigo porque não tenho episódios sensacionais para contar. Mas que posso fazer ?

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



OS GALHOS DO CEDRO

(Continuação da pág. 31)

Quando foi visitar a casa, em que casada, fôra muito feliz, e onde vivia agora uma sobrinha da nora, não sentiu a emoção esperada. A casa, exatamente a mesma, pareceu-lhe outra. Mirou cuidadosamente a marca da porta para convencer-se de ter vivido ali. De repente, espantou quantos a olhavam, depositando um beijo terno na madeira rugosa. A MARCA acabara por lhe dar a maior de tôdas as felicidades — a felicidade dos que se realizam, dos que torcem o destino e cumprem um sonho.

Contraditória mulher: nem convidou o filho para visitá-la no Brasil, mas pagou a passagem de um rapazola desconhecido que a procurara, rogando-lhe para ajudá-lo a emigrar. Isso, porque ele lhe pareceu dinâmico e vontadoso. Nabira era assim: ape-gava-se às pessoas, não por obrigações de consanguinidade ou por determinados interesses. Amava-os por qualquer coisa sutil que ela mesma não definia. Assim, amou Yasmine, filha mais nova de Yussef. Embora sendo uma garotinha de três anos, a criança lhe pareceu extraordinariamente esperta e cheia de personalidade. Tinha o nariz arrebitado, os olhos enormes e negros, os cabelos de tom indefinido, prometendo escurecer. Yasmine não tinha medo de escuridão, do bicho-papão ou de quedas. Não chorava nunca!

Resolveu que quando ela tivesse quinze anos, mandaria buscá-la para casar com Sérgio.

Yussef concordou prontamente querendo agradar a mãe que prometera mandar para os netos, todos os anos, uma boa importância em libras.

Despediu-se do Líbano muito mais saudosa dessa vez, porque agora fôra feliz e principescamente homenageada.

Quando chegou ao Maranhão, seu primeiro beijo foi para Sérgio. Disse-lhe logo ao ouvido, haver arranjado uma noiva para ele: a priminha Yasmine que certamente ficaria linda e tinha um gênio excepcional.

O garoto bateu os ombros, respondendo com ar de troça:

— Vovó, mesmo sendo a Rainha da Inglaterra, a senhora não vai poder me casar com quem eu não quiser.

Distribuição de presentes. Histórias e mais histórias. Cortejo de amigos radicados em São Luiz vindo pressurosos saber notícias dos seus. O Líbano foi exaltado como um Eden de alegrias. Olhos cheios de lágrimas reviram as montanhas lindas, as frutas suculentas, a água cristalina, leve e digestiva, as comidas mais saborosas do que o manjar do céu.

Nabira contava de sua revolta ao encontrar a pátria dominada pelos franceses, da influência da Universidade Americana de Beiruth, na mentalidade das novas gerações, do progresso da exótica capital e da sensação sentida de que o tempo havia parado no interior do país. Em sua aldeia e nas demais, os costumes e hábitos eram mais ou menos os mesmos da sua juventude. Apenas, o Brasil estava em tôdas as conversas como a terra dos milagres, onde celeremente faziam-se grandes fortunas. Várias vezes Nabira ouvira falar português à nortista ou à carioca, à gaúcha ou à mineira...

Um forte vínculo sentimental formava-se entre o imenso país americano e o minúsculo Líbano acomodado entre montanhas formosas.

APRENDA A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficas, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal 649 — São Paulo, Cr\$ 120,00. — Encontra-se também à venda em tôdas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n° 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n° 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON»
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Por Vale Postal Cr\$ 150,00

NARIZ PERFEITO FÁCIL DE CONSEGUIR



O retificador francês (invenção patenteada) transforma em pouco tempo e de modo definitivo sem dor qualquer nariz defeituoso; emprega-se somente durante a noite. Informações gratuitas. Pedir-las por via aérea a DIFFUSION SCIENTIFIQUE N.º 12, ANNE-MASSE (Haute-Savoie), FRANÇA.

★ AUTOMOVEIS — Mil — ACESSÓRIOS ★

si V. tem automóvel
é freqüez da M.L.L.



TELEG. 98-A RUA MEXICO 98-A FONES 22-6144
MEMIL 98-A RIO DE JANEIRO 98-A 42-5563
52-1066

NA PRIMEIRA página dêsse número, dá-nos João Scenna, na sua coluna de teatro, notícias das últimas novidades aparecidas nos palcos cariocas: — entre elas, o espetáculo levado no teatro da Exposição, formado de três peças assinadas por três grandes nomes de nossa literatura:

"Três mimos, três primores, êsses três atos de três penas literárias de primeira ordem que a Companhia Dramática Nacional ofereceu ao público. Um ato é de Goulart de Andrade, poeta de real valor que soube transplantar para a vida do palco todo um poemeto de estilo terso, nessa primorosa "Sonata ao Luar". D. Júlia Lopes de Almeida venceu no palco como venceu no livro; seu trabalho teatral, um ato finíssimo de estudo e de observação mostrou mais uma face do seu talento proteiforme: a técnica do teatro, difícilíssima, que a bem poucos é dado alcançar. Foi a vitoriosa da noite. Coelho Neto deu-nos mais uma jóia com essa encantadora "Nuvem", que esplêndidamente está engastada no patrimônio literário. Pena é que a força do contrato não consinta a repetição dêstes três primores mais vêzes na Exposição."

Outra peça, de um nome que também ficaria definitivo em nossa literatura, é ainda levada nesta mesma ocasião: "À hora de entrar a "Revista da Semana" para o prelo exhibe a Companhia a peça inédita de Artur de Azevedo, "Vida e Morte", bastando o nome do autor para recomendá-la. Dizer que uma peça de Artur é boa, constitui pleonasmo em teatro."

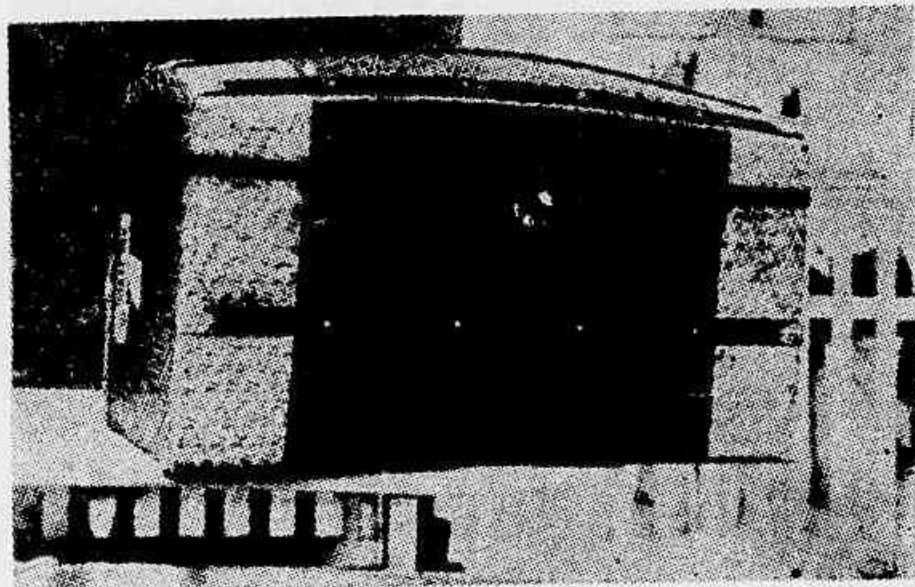
DA FRANÇA, vem-nos as notícias das últimas pesquisas no setor da aeronáutica, feitas por um dos famosos irmãos Wright, num artigo ilustrado e intitulado "Um Novo Aeroplano": "O americano Wilbur Wright, o pai da areação, como o chamou Mr. Delagrange, acaba de fazer em França, no campo de Hunaudières, no Mans, as suas experiências preparatórias de um novo aeroplano. Os irmãos Wright tendo um privilégio em França, um comitê francês presidido pelo sr. Lazare Weiler propôs aos mesmos a compra sob a condição de que deveriam executar dois percursos aéreos de 50 quilômetros cada um. Feito isto, a compra seria efetuada pela soma de 500 000 francos. O sr. Wilbur Wright, o

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

Domingo, 13 de setembro de 1908.

mais moço dos dois irmãos aceitou a proposta e foi para a França, onde há dois meses trabalhava na construção do seu aeroplano para cumprir as cláusulas condicionais do privilégio. As primeiras experiências se realizaram na segunda semana de agosto "

Anda no noticiário internacional, mas agora em sua parte de exotismo publica a Revista "uma caçada monstro" no país dos crocodilos — o Egito — "região reputada uma das mais perigosas do mundo inteiro". A pequena reportagem vem acompanhada de uma série de sete curiosas fotografias, onde aparecem as diversas faces da caçada feita às margens do Dinder, afluente do Nilo. O artigo termina saborosamente com a seguinte descrição do crocodilo: "o crocodilo é um animal onívoro e capaz de engolir tudo o que lhe cair sob o dente sem nunca se mostrar enjoado. No ventre de um crocodilo morto pelo caçador em questão, foi encontrado um antílope do tamanho de um pônei, algumas pedras e... uma metade de jacaré, a outra tendo sido cedida a uma camarada esfomeada. Daí se deduz que êstes animais seguindo o deplorável exemplo dos antropófagos, comem-se gostosamente entre êles, não o suficiente, todavia, para diminuir o perigo da sua presença nas margens dos rios africanos."



O cadáver de Elias Farah, antes da autópsia. A direita, a mala sinistra.

APRESENTA AINDA a R.S. flagrantes fotográficos da rainha Vitória e seus dois filhos, no parque do Castelo da Granja; do Krouprinz Frederico e seu filho mais velho, o Príncipe Guilherme — futuros herdeiros do trono imperial alemão, êste último tomado no parque do Castelo de Potsdam; uma composição de um artista inglês sobre "os hábitos extravagantes dos cow-boys americanos" que tem alcançado grande sucesso, nos últimos dias, "com suas apresentações de trabalhos de equitação na França e na Inglaterra".

EM SUA "Croniqueta", registra Raulino as comemorações da Semana da Pátria e diz: "Sete de setembro desforrou-se êsse ano de uma porção de anos de comemorações rotineiras. A Exposição abriu-lhe as portas e festejou-o com tôdas as veras. Pena foi que a entrada, ao menos nesse grande dia, não fôsse gratuita, para que todo o povo participasse das diversões, a exemplo do que se faz em todos os países nas grandes datas nacionais. Foi uma festa soberba que encantou meio mundo, diferentíssima do velho costume do romper da alvorada, com

coretos de sarrafos no Rocio e luminarias nas repartições públicas à noite."

DEDICA A Revista tôda uma página, fartamente ilustrada a um crime sensacional, "de que resultou a morte de Elias Farah, desditoso negociante sírio esta belecido em São Paulo e que ali gozava da máxima consideração nas rodas privadas e comerciais."

O assassinato foi cometido por Miguel Tradd, que segundo sua própria confissão, estrangulou sozinho a vítima, encerrando-a, depois, dentro de uma mala.

Também era assim há cinquenta anos...

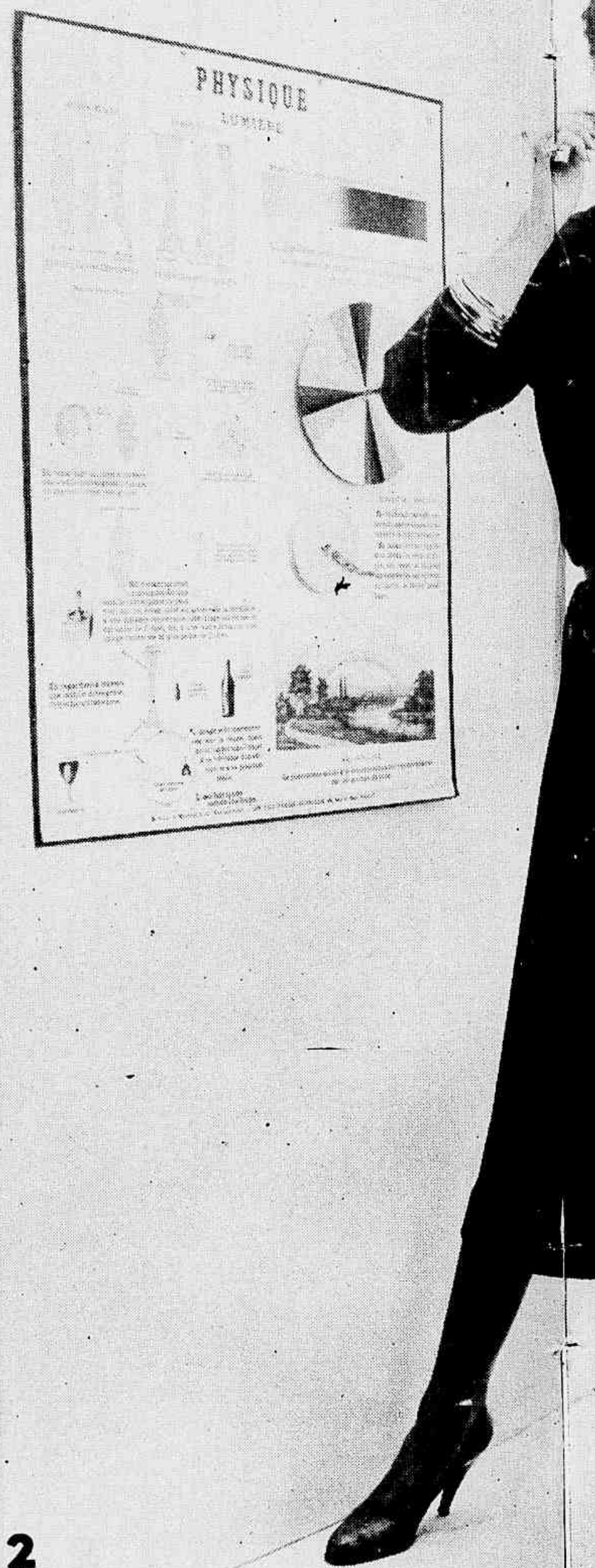


Processo patenteado. Êxito garantido. Aumenta vários centímetros de estatura. Dá FÔRÇA e SAUDE aos homens. ELEGÂNCIA e BELEZA às mulheres. Informações gratuitas. Pedí-las por via aérea a INVENTIONS PRATIQUES N.º 12 ANNEMASSE (Haute-Savoie), FRANÇA

ELEGÂNCIA E ORIGINALIDADE



1



2

1 — JACQUELINE MONNIN em fina lã, saia reta, cintura marcada, gola, laço e cinto de veludo. Mangas quimono. 2 — CORJON — Vestido em tecido escocês em viés. Mangas montadas. A blusa é terminada por



3

grande laço dando um toque de originalidade. Saia com pregas em tôda volta. 3 — PIERNAY — Vestido de jérsei listrado. Gola reta, mangas montadas. Costura na frente e nas costas. Bolsos abaixo da cintura.



◆ **BILLET**
 Modelo original
 vestido de fina lã,
 decote em "v",
 bolsos em viés, mangas $\frac{3}{4}$.

BEM COMPRAR É UMA ARTE

COMPRAR BEM, não significa fazer aquisições num impulso ou por capricho. É bem agradável no momento deixar-se levar pela fantasia, mas quanto arrependimento depois... O chapéuzinho adorável — mas de tipo demasiadamente marcado — e o vestido — um bom negócio portanto, mas difícil de usar — ficam inutilizados no armário e a bolsa sacrificada obriga a mil acrobacias para atingir o fim do mês.

Bem comprar, não é tão pouco imaginar que só um objeto de preço elevado tenha valor. Em nossos dias, isto se torna cada vez menos verídico. A confecção põe-se na moda, o chique ostenta-se nas vitrinas da rua, no meu bairro, no seu, aqui e ali. Porque é preciso satisfazer a um público cada vez mais difícil e cujo poder de compra diminui de ano para ano. Os hábitos mudam também; não se exige mais que o vestido de verão dure três anos: a moda evolui tão depressa e os algodões custam tão barato...

Bem comprar é uma arte que pede reflexão, tática, curiosidade,

espírito de observação, decisão — há tantos motivos de hesitação — e vontade também para ficar dentro dos limites que foram fixados! E sobretudo, não é uma coisa de última hora. É saber ter tempo para fazer operações de reconhecimento, comparar mostruários e preços de uma loja para outra, percorrer os balcões de alto a baixo e de baixo ao alto (com sapatos rasos, sábia precaução) um lápis e um papel na mão, é saber "experimentar" com diplomacia, para ter uma idéia... e sem se deixar persuadir pelas persuasivas vendedoras.

Você ficará espantada com as descobertas que se podem fazer: a blusa que viu naquela loja não foi cortada exatamente na fazenda que lhe agradou nessa outra casa? Fazendo aquisição de uma e de outra, você tem ainda por cima, um vestido. Não pensou que com seis pulls de algodão você poderá, cada dia da semana, compor um arranjo diferente com sua saia ou com sua calças-corsário de férias?

O DRAMA das condecorações continua. Domingo, nas Laranjeiras, havia de tudo na recepção oferecida pelo presidente Gronchi a JK. Mariazinha, entre as coisas mais divertidas, anotou um circunspecto cavaleiro mais condecorado que o próprio generalíssimo Trujillo, o homem mais condecorado e amedalhado do mundo. Ninguém sabia quem era a ilustre figura. Antes porém esse anônimo, assim fantasiado, do que um conhecido picareta desta praça, o qual se deu ao desprante de pespegar em sua "marsina made in Rolas" as medalhas ganhas no Colégio Santo Inácio, Deus sabe como...

NO CAPÍTULO feminino, muita miquelinagem e muita casaca de imitação mal orientada. Havia uma paulista endinheirada e grangeste que ao menor pé de vento ameaçava desmoronar: peruca do Renaud, lentes de contacto, artefatos de borracha e unhas de gavião. Tudo postiço!

DEU INCÊNDIO no guarda-roupa de Maria Sônia Soares de Araújo. Talvez numa homenagem aos bombeiros, que interferiram tão rapidamente e tantos prejuízos evitaram, Maria Sônia apareceu no Jockey Clube, no domingo seguinte, de boina vermelha.

E POR FALAR em turfe: Ibrahim Sued manteve prolongada conferência com Paulinho Soledade, hoje um grande criador de cavalos de corridas. Dizem que o Stud Sued estreará na próxima temporada.

PAPELÃO FEIO o de Harry Stone, que além de não mexer uma palha para trazer figuras que prestigiassem o Festival do Cinema Americano, propaganda inestimável que o Museu de Arte Moderna ofereceu de mão beijada aos Estados Unidos, faltou a compromissos assumidos para com o solene encerramento do Festival. E a isto o sr. Eric Johnston chama de Embaixador de Hollywood. Embaixador, hein? Cônsul, e cônsul de meia tijela...

MARIAZINHA VOLTAVA de uma esticada, pelo Sacha's, quando seu táxi passou por dois imperturbáveis cavalheiros, de smoking, que abandonavam em passo lampeiro o Beco das Garrafadas. Eram seis e dez da manhã, mas tanto Nelsinho Baptista como Aloysio Salles pareciam não ter pressa...

QUEM QUISER voltar ao passado, sem precisar embarcar na máquina do dr. Papanatas, dê um pulinho às Laranjeiras e visite o salão dominical que a sra. Leonor Beaupaire de Rohan mantém. No salão de dona Leonor o século XX ainda está raiando: monarquia, Bilac, alfazema, chá e fantasia.

O BISTRO precisa dar um jeitinho, urgentemente, no seu café, que destoa com-

pletamente da comida gostosa servida pela casa. Quando não tem gosto de desinfetante, tem gosto de barata.

O NOVO EMBAIXADOR de Cuba no Brasil é um caso sério: muito dinheiro e pouquíssima educação. Com os milhões de dólares e o apetite que possui, o sr. Burke Hedges promete \$a\$\$arico\$ \$en\$acionai\$.

SOLTEIRÍSSIMA em suas atividades literárias e jornalísticas, a sra. Hélio Pena e Costa já está integrando o staff que editará o novo suplemento feminino do "Correio da Manhã", onde se assinará Marília Delamare São Paulo.

APESAR DE DITAR regras sobre elegância e bom-tom, um cronista social foi surpreendido por Mariazinha, dias atrás, de terno branco, jantando no "Au Bon Gourmet" e perturbando a decoração do marquês. Em atenção ao calor daquele dia — 37° — fica perdoado e sai incólume da aventura. Qualquer reincidência valerá um gôzo, bem gozado, nesta coluna.

A VELHA GUARDA do futebol será convocada para um jantar da saudade na bela mansão do sr. Marcos de Mendonça, o goalkeeper que no dizer das tias de Mariazinha monopolizou com o guapo Joel Monteiro as honras da elegância no futebol do Rio antigo. Certos convidados estão pensando seriamente em oferecer ao anfitrião alguns franguinhos ao leite...

SE O RADAR de certa espôsa ciumenta houvesse funcionado no domingo passado, teríamos escândalo na praça. Ele, dono de maus antecedentes, arranjou um álibi de primeira — gente séria e que não é dada a encobrir peraltices — e partiu para pescar, supostamente, em Cabo Frio. Ao invés de andar pelo fundo do mar, pescando seus peixinhos, apareceu na Pedra de Guaratiba, peixão a tiracolo, para saborear a peixada de um boteco local. O referido peixão também usa aliança no dedo direito. Apenas, o seu marido, ao invés de radar, já usa outra coisa há muito tempo...

UMA DAS PERGUNTAS mais sibilinas dos últimos tempos, está sendo usada como propaganda política na agitada eleição bandeirante: "Se em São Paulo só existissem dois bancos, um dirigido por Ademar, e o outro por Carvalho Pinto, em qual você depositaria o seu dinheiro? "Curiosidade tipo Butatã".

DESPEJANDO a tradicional "Americana" da rua Senador Dantas, o sr. Francisco Serrador pensou em instalar um Bob's naquele local, chegando a entabular negociações com Bob Falkenburg. O negócio não foi adiante porque Serrador pretendia entrar de sócio na filial e Falkenburg não admite que ninguém tire uma casquinha na mina do sorvete...



SOCIEDADE

AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE

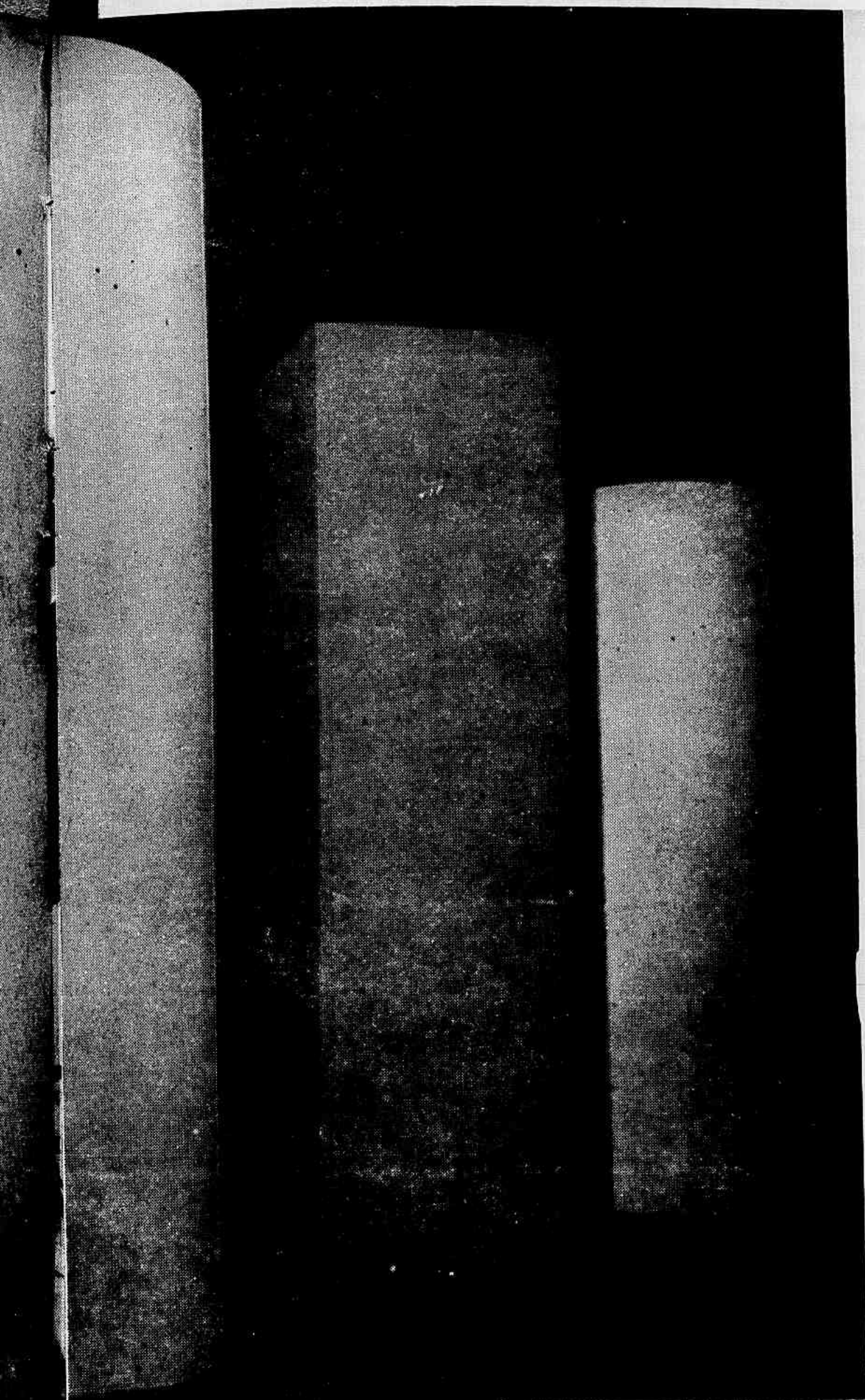


Paranóia ou mistificação ?

ESTA O CARIOCA habituado a ver os mais famosos ballets internacionais. Os melhores grupos da Rússia, da França e dos Estados Unidos, sempre aqui aportam em tournées freqüentes, apresentando o que de mais representativo se faz em dança pelo mundo inteiro — seja a tradicional, seja a moderna. A majestade do ballet russo, o exotismo da secular “Ópera de Pequim”, as audácias coreográficas do moderno ballet americano, do mesmo modo que os grandes nomes da dança — Tamara, Lifar, Alicia Alonso, Margot Fontaine, Chaboukian — tudo isso é familiar ao público do Rio de Janeiro, que possui, ainda, a prata da casa — o “corpo de baile” do Municipal. Mas, pela primeira vez, teve êle a oportunidade de ver algo de absolutamente inédito, nunca trazido até nós nem mesmo pelo cinema: um “ballet concreto”. E, o que é mais sensacional — êste ballet concreto é produto nacional — inspirado e realizado por gente moça — poetas, críticos, artistas plásticos brasileiros — participantes do movimento concretista que tem, no suplemento do “Jornal do Brasil”, o seu grande porta-voz.

A revolucionária inovação de nosso ballet
duzido abaixo), foi a substituição dos bai

						alvo ôlho		
			ôlho			alvo		
ôlho	alvo	ôlho	alvo	alvo	alvo	ôlho	alvo	ôlho
	alvo	ôlho		ôlho	ôlho	ôlho		ôlho
alvo	ôlho	alvo			alvo	alvo	ôlho	ôlho

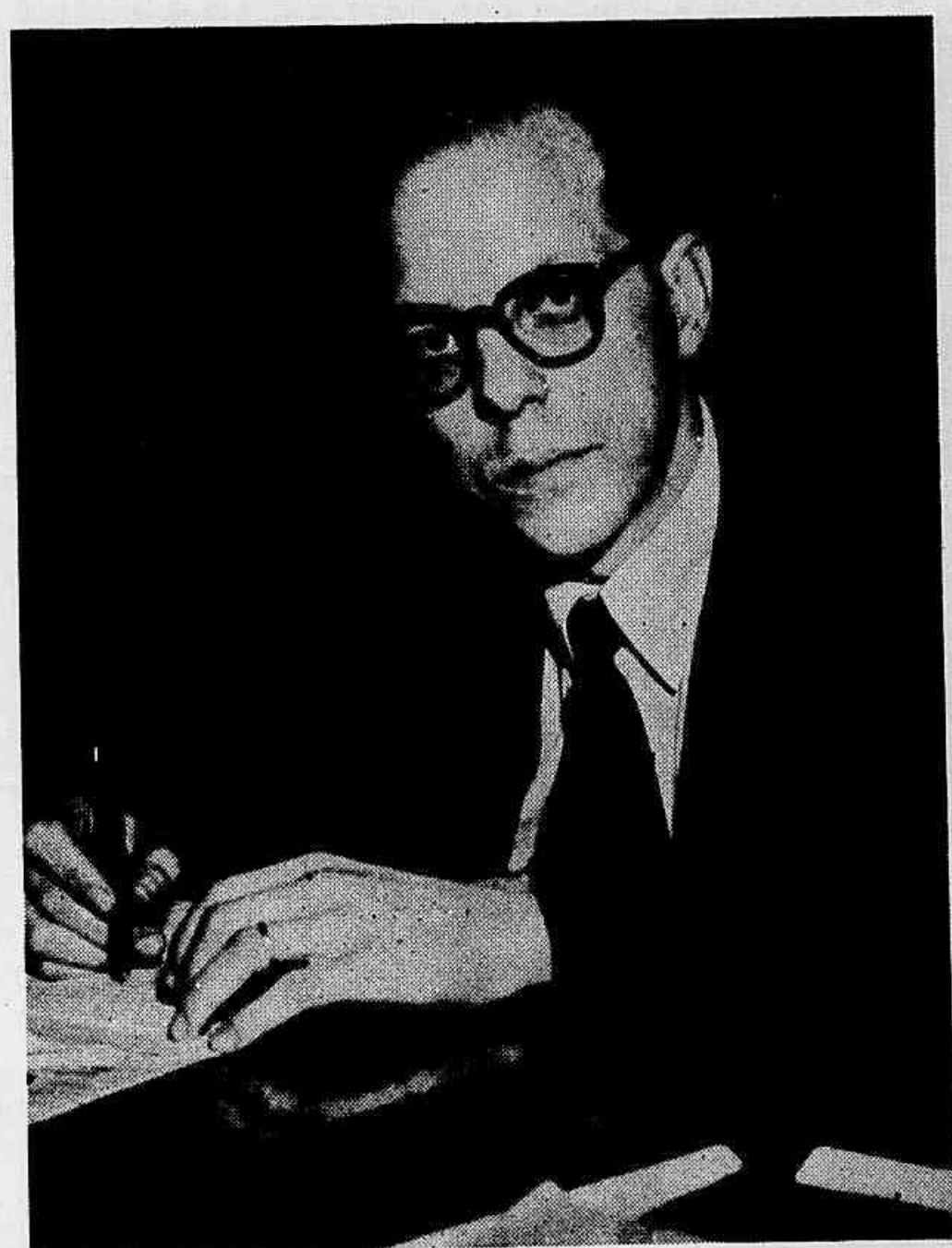


concreto, baseado no poema "Alvo Ôlho" de Reinaldo Jardim (repro-
larinos por figuras geométricas. O ballet obedece às transições do poema.

alvo					
ôlho	alvo	ôlho	alvo	ôlho	alvo
ôlho	alvo		ôlho	alvo	
ôlho			ôlho	alvo	ôlho



Lígia Pape se encarregou das formas: duas séries de
cubos e paralelepípedos, cada uma delas representando
uma palavra do poema.



O poema concreto de Reinaldo Jardim foi a base de
tudo. As figuras geométricas, a música, os movimentos
e as cores das caixas — tudo gira em seu torno.



BANDEIRA: "Infelizmente, não tomei conhecimento do ballet."

ENEIDA: Gostei, porque é uma inovação. É um belo espetáculo.

GULAR: Uma linguagem visual nova acaba de ser criada!

Diante do Ballet Concreto, a pergunta se repete, como ao tempo da fo

Durante três segundas-feiras consecutivas teve o Rio a oportunidade de ver esse ballet revolucionário — como parte do espetáculo de "Ballet Contemporâneo", levado no Teatro Copacabana por Gilberto Mota. Consta o programa de quatro partes, sendo as duas primeiras o "Concerto" de Vivaldi e "A Respeitosa", de Bartre — este nos moldes do ballet moderno, e aquele do tradicional. Mas a grande sensação do espetáculo era, justamente, o artigo nacional: "A Vintiz" — ballet de Gilberto Mota, baseado num tema de "science-fiction" de Vera Pedrosa, e, principalmente, o "Ballet das Formas", baseado num poema concreto de Reinaldo Jardim. Foi este último, a sensação do programa, e o que atraiu a curiosidade do público, formado, na sua maioria, de artistas e escritores. Mas não se tratava de algo inédito apenas para nós — convém acentuar. É verdade que já foram feitas, lá fora, experiências de ballet dentro da linha concretista, principalmente baseados na música. Mas, pela primeira vez, apresentava-se o ballet de um modo verdadeiramente revolucionário: o ballet concreto nacional abolia a figura humana! E isso, não resta dúvida, representava, em todo o mundo, um fato sem precedentes.

Para os aficionados do ballet, não deixava de ser absurda tal inovação, já que o ballet, sendo dança, implica na necessária presença do dançarino. E, como não poderia deixar de ser, as opiniões se dividiram, apaixonadas, entre elogios e ataques, taxando-se mesmo a experiência de genial, de loucura, de mistificação.

A Revista apresenta, neste número, uma série de depoimentos de artistas e escritores sobre o espetáculo. Inicialmente, ouvimos o próprio Reinaldo Jardim, autor do poema "Alvo olho" — que serviu de roteiro ao trabalho — e um dos líderes do movimento concretista entre nós. Aliás, foi Jardim quem deu, a este movimento, grande repercussão, através do suplemento literário que dirige, no "Jornal do Brasil".

REINALDO JARDIM: TIVEMOS QUE PARTIR DO MARCO ZERO

É preciso antes de mais nada louvar a iniciativa e a coragem de Gilberto Mota. Montar um ballet concreto é audácia digna de poucos. Quando GM nos procurou para que o orientássemos nos rumos do concretismo ele colocava para nós um problema novo. Tínhamos que partir do marco zero, como no caso da poesia. Procuramos ver o que era essencial ao ballet e fazer apenas aquilo que a ele fôsse essencial. Pessoalmente eu já tinha algumas idéias referentes ao teatro. Pretendia escrever uma peça (que está sendo elaborada), que por si mesma eliminasse o problema

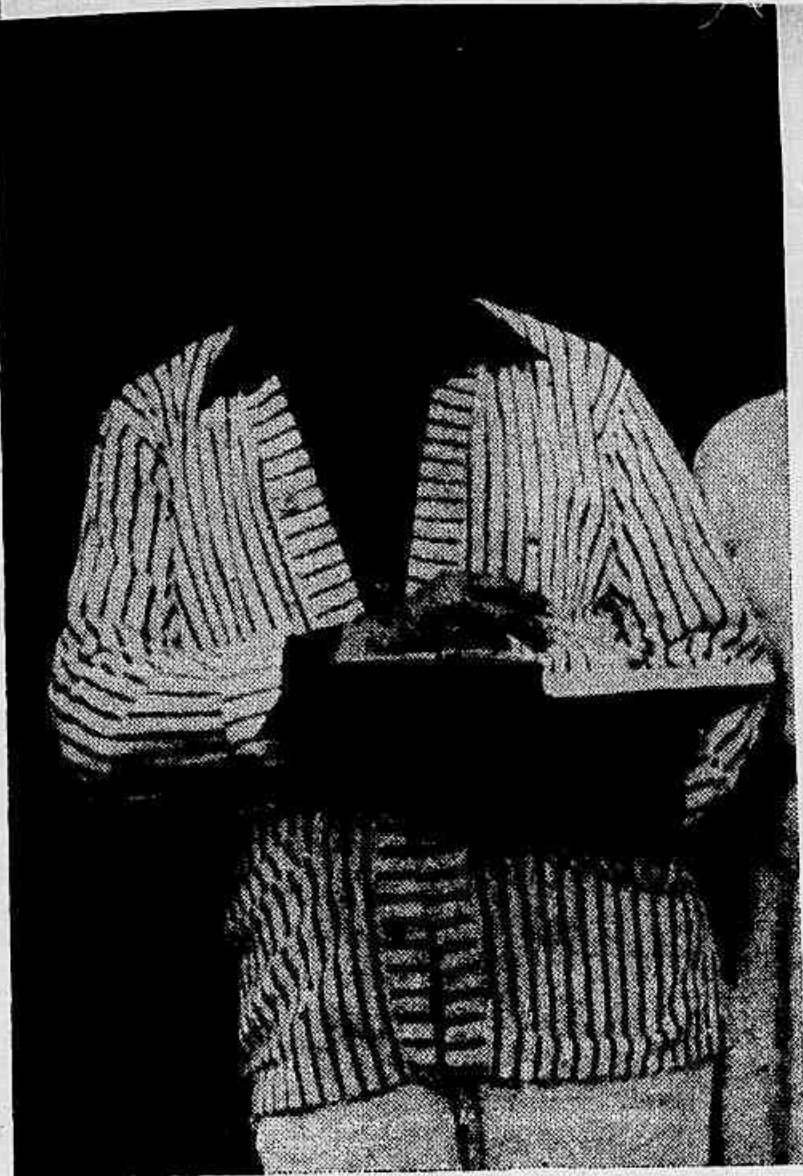
da interpretação de atores e diretores. Frequento teatro há mais de 15 anos e confesso que esta história de ver uma mesma peça sofrer as alterações do gosto individual ou do intérprete ou do diretor (que não deixa de ser um intérprete) já vinha me chateando há algum tempo. Não suportava mais ver também o ator fingindo de gente no palco, se retorcendo e fazendo careta em busca de uma autenticidade já por si artificiosa e falsa. Resolvi aplicar a idéia da peça de eliminar o intérprete no ballet que GM pretendia montar. A idéia foi aceita por GM e Lígia Pape: substituiríamos os bailarinos por volumes geométricos. As formas e as cores foram selecionadas por Lígia Pape. O poema concreto "olho-alvo" forneceu sua estrutura dinâmica para base da coreografia. Como não havia tempo para que uma composição musical concreta específica para o ballet em questão fôsse feita, GM organizou com trechos de um disco de Philipot a parte musical. O efeito plástico foi surpreendente para nós mesmos. A evolução de formas no palco ofereceu um espetáculo visual inteiramente rico e novo e abriu as portas para outras experiências. Outras experiências que já estão sendo estudadas e que farão parte da Semana de Arte Concreta que o Suplemento dominical do "Jornal do Brasil" vai lançar. Dessa semana farão parte também: teatro concreto, música, exposição de poemas e artes plásticas.

Cada palavra do poema foi representada por um volume (olho: quatro paralelepípedos e alvo: quatro cilindros). Os volumes se deslocavam no palco com as palavras no poema através dos seus cinco tempos. Note-se que a estrutura geral de cada tempo do poema na evolução de 180 graus que faz sobre sua base é mantida como um retângulo. Como as palavras permanecem na linha horizontal e o retângulo é apresentado em posições diversas, esse retângulo aparece como se tivesse formas inteiramente novas; a evolução se processa dentro do próprio retângulo criando composições nesse andamento rigoroso e planejado.

Apresentamos, a seguir, algumas opiniões de artistas e intelectuais, a respeito do ballet de Jardim e Lígia Pape:

MANUEL BANDEIRA E DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

Bandeira não tomou conhecimento da realização dos espetáculos de ballet concreto, mas espera inteirar-se do assunto em breve,



ELEAZAR : Não estava no Rio. Mas nunca ouvi falar num ballet assim.

CIRCE AMADO : "Não posso julgá-lo. Lamento-me a tratar do que entendo: dança".

MILLOR FERNANDES (Vão Gogo) : "Não vi, mas achei ótimo!"

famosa Semana de Arte Moderna de 22: "Mistificação ou Paranóia"?

quando será realizada uma exposição sobre o concretismo. Dinah Silveira de Queiroz, como o poeta, não assistiu ao ballet, mas dele recebeu boas referências — tão boas que a escritora lamenta tê-lo perdido.

VÃO GOGO

"Não vi, mas achei ótimo."

FERREIRA GULAR

"O Ballet Concreto foi para mim uma experiência inesperada. Uma linguagem visual nova acaba de ser criada por Lígia Pape e Reinaldo Jardim, e dizer isto é afirmar a importância do ballet concreto na arte brasileira. Alegro-me só de pensar no mundo de invenções que como espetáculo, este novo ballet possibilitará. O ballet concreto tomou para si, de saída, um lugar proeminente entre as demais formas de expressão da arte atual."

GUILHERME DE FIGUEIREDO

"Considero esta experiência de Gilberto Mota e seus colaboradores como uma séria contribuição para a renovação do interesse pelo ballet no Brasil. Espero que depois das apresentações que fizeram na televisão e no Teatro Copacabana, surjam outras em que fique mais apurada a pesquisa que estão realizando, e que encontrem novas formas plásticas e sonoras para apresentação ao seu público, que já começa a crescer e aumentar de entusiasmo."

ELEAZAR DE CARVALHO

O maestro chegou há pouco dos Estados Unidos e só através do repórter tomou conhecimento da matéria. Conhece o movimento concretista europeu — que diz ter em Stuttgart (Colônia) um de seus principais focos — mas não o brasileiro. Assistiu em Bruxelas uma sinfonia de música concreta, a "Sinfonia para um homem só", com esta música que prescinde de orquestra, já que é obtida com instrumentos eletrônicos, "música fabricada" como chama o maestro.

No tocante ao ballet, acha que o coreógrafo que conseguir a reprodução em gestos dos vários aspectos da vida contemporânea, terá realizado um trabalho digno de nota. Mas um ballet concreto — sem figuras humanas — ainda não teve ocasião de ver.

BERTA ROSANOVA

Pessoalmente apóia a iniciativa do Ballet Contemporâneo por ser favorável a todas as experiências no campo da arte. Mas não viu o espetáculo e por esta razão acha-se impossibilitado de dar um testemunho vivo. Entretanto, em relação ao ballet concreto, não está de acordo com a supressão de ocultação do corpo do bailarino — que ela considera o instrumento da dança.

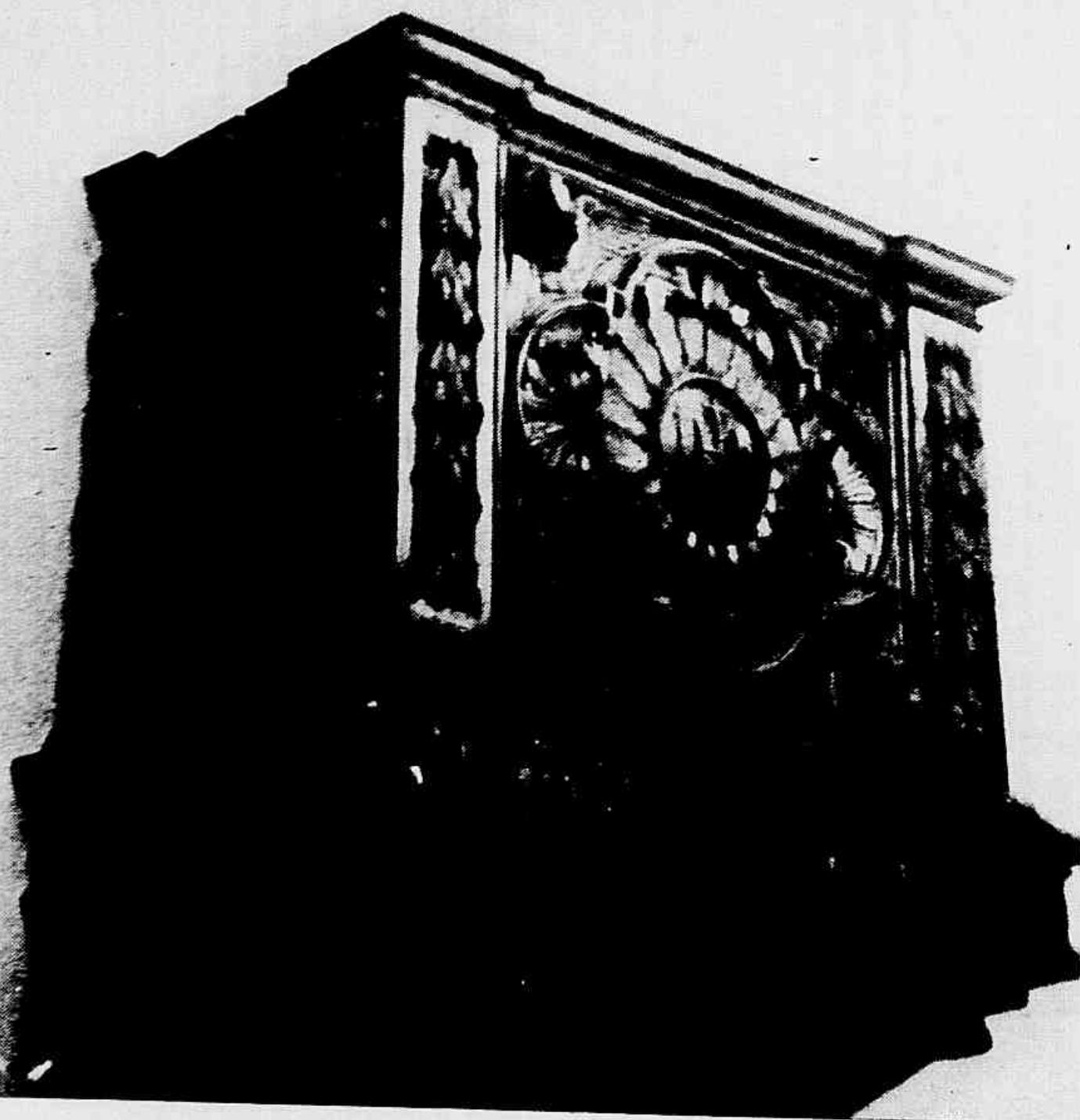
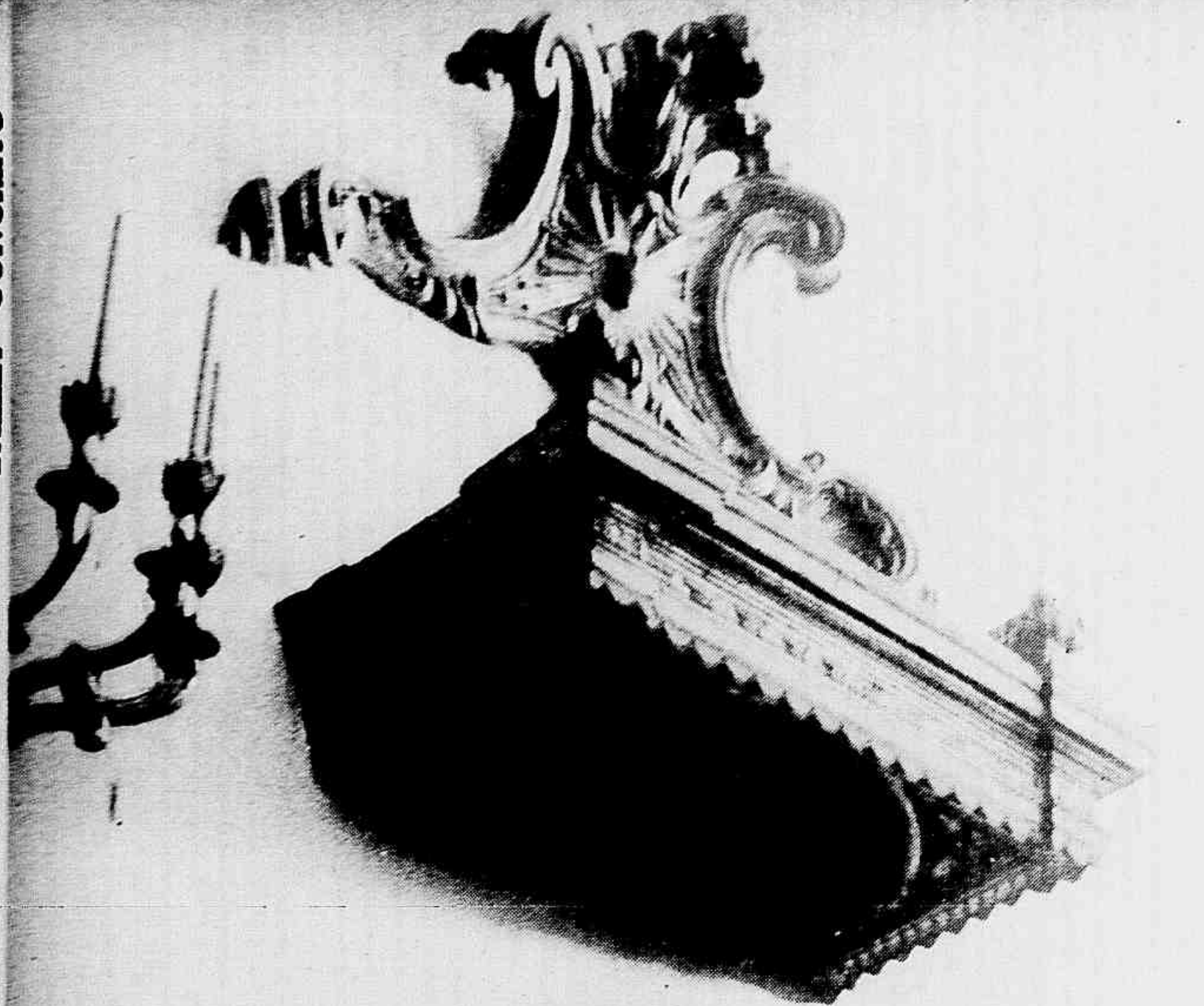
MAURITÔNIO MEIRA

"O espetáculo de ballet concreto não pode — nem deve — ser compreendido como um trabalho de gênio nem de louco. É sobretudo um conjunto dos dois, de pioneirismo: o princípio adotado vale como um ponto de partida para outras realizações neste campo. Será impossível enquadrá-lo dentro das linhas clássicas do ballet tradicional, que evidentemente vivem do homem-dança, do homem-movimento; e no ballet concreto, o bailarino é substituído por formas geométricas de madeira — cubos e cilindros. Mas também não se pode acusá-lo de uma tentativa de desumanização da arte: o simples fato de manter o homem como elemento animador dos movimentos, visa preservar este ponto. Que fica então? Parece-nos que a mensagem, o sentido do ballet concreto não pode ser captada em um simples espetáculo como esse. Mas aventuraria que ele pretende deixar claro ser o banimento, a superação dos exageros de gestos, saltos, corridas e malabarismos do ballet tradicional. Fica assim movimento de formas e de cores num ritmo de sobriedade. E foi sob este aspecto que o entendi."

CIRCE AMADO

O espetáculo apresentado por Gilberto Mota no Teatro Copacabana, apesar de não ter tido a repercussão que seria de esperar, merece consideração e interesse. Seu valor estará mais no esforço de sair da rotina, de deixar de copiar o que já foi feito — mesmo o excelente, para buscar renovação, meios e formas diferentes, "algo de novo sob o sol". Quase sempre, essas revoluções são feitas por jovens, e aparecem, em seus primeiros passos, carregados de erros estéticos. Porém podem ser bases para melhores produções, experiências para rejeitar o mal e melhorar o bom, pelo mesmo autor ou por outros que se valham do que viram.

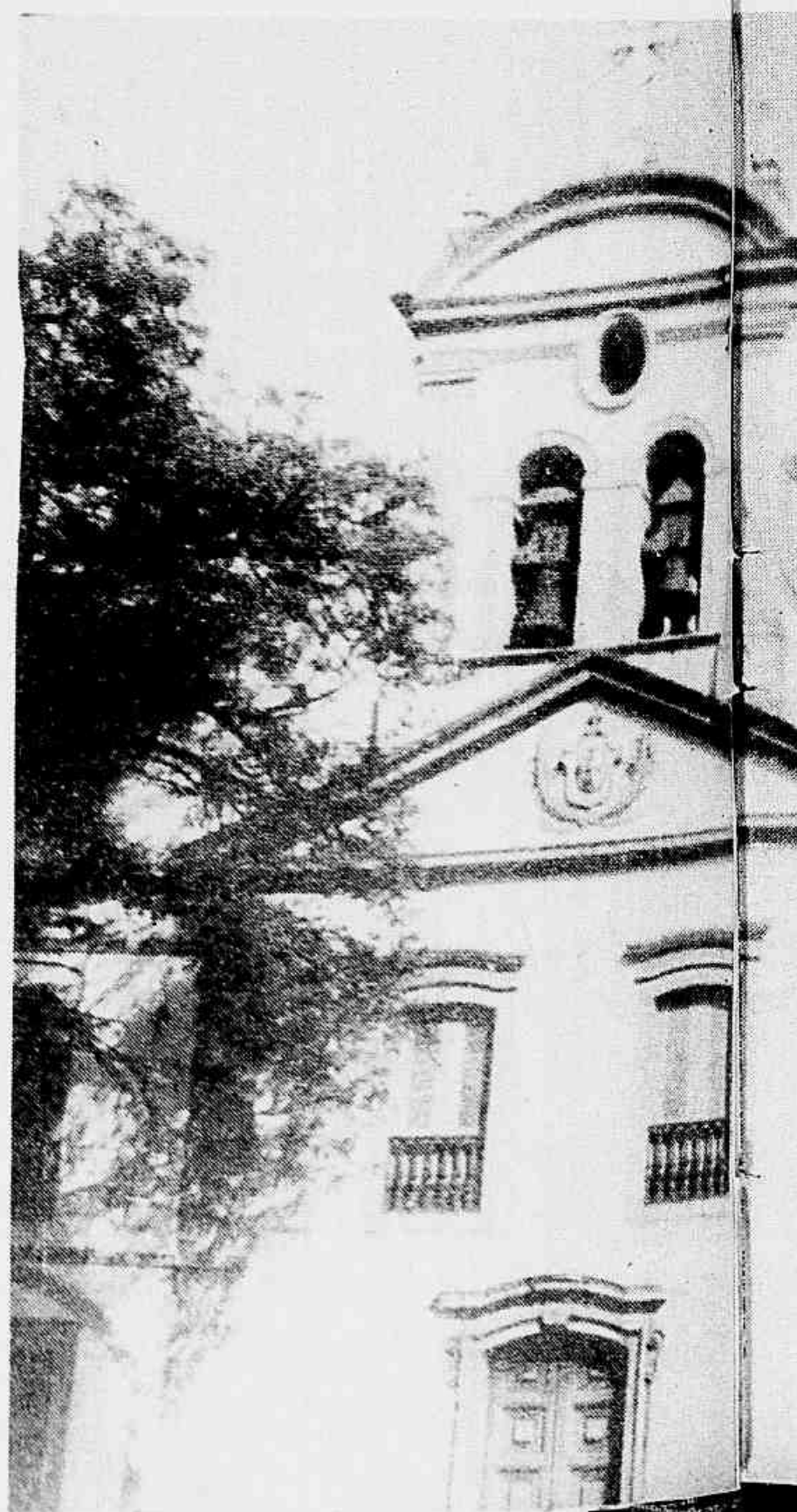
(Continua na pág. 57)



Dêse púlpito, Anchieta e Nóbrega falaram aos fiéis da igreja dos Jesuítas. Ao lado : a fachada do templo.

BANDEIRA DA MISERICÓRDIA TIROU O “LAÇO” DE MUITOS CRIMINOSOS

Juiz
acabou com a tradição
dos “milagres”...



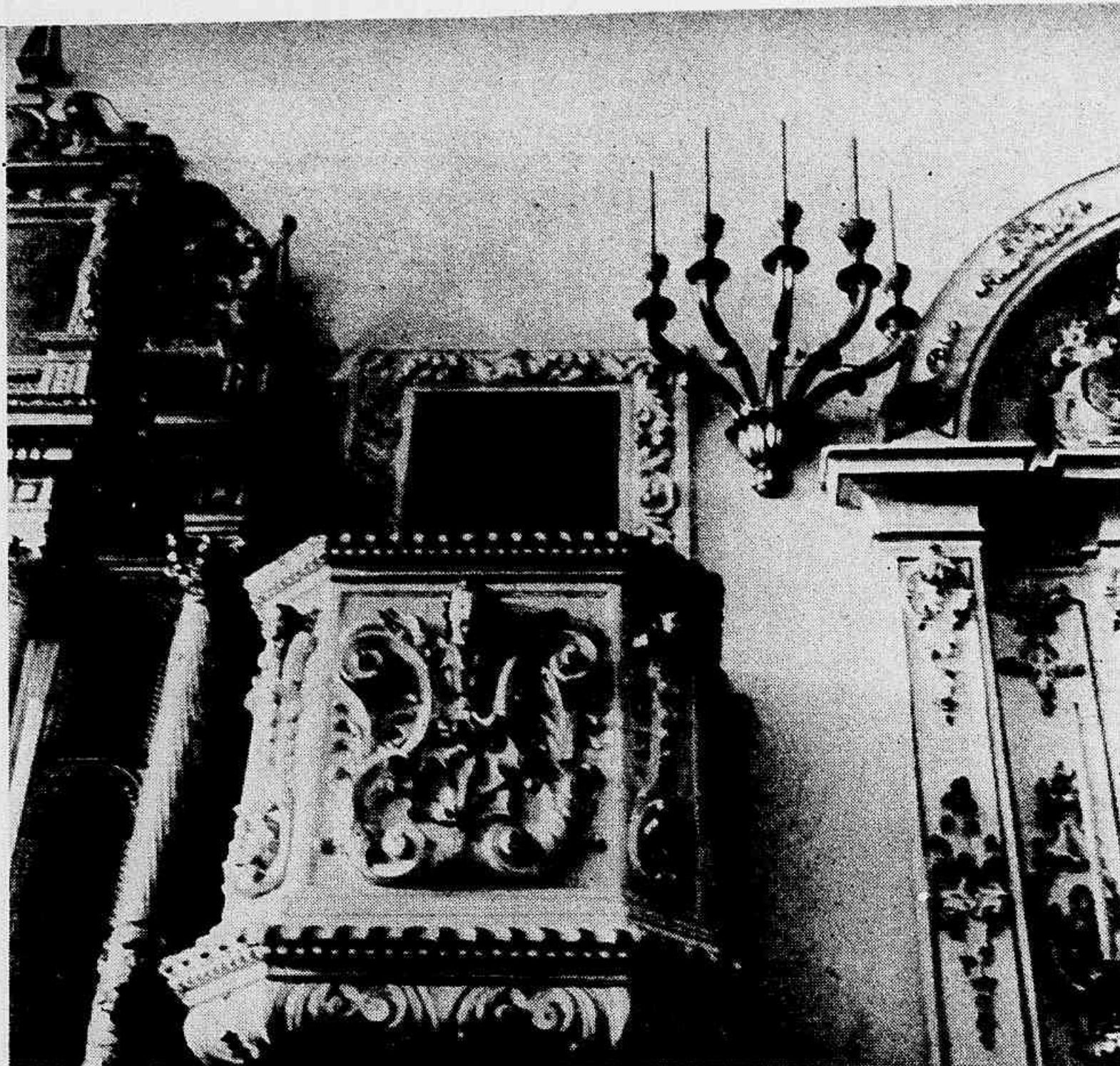


Ao alto, Jesus crucificado e, em baixo, a Senhora do Bom Sucesso. Entre o altar-mor, os dois tocheiros, estilo D. João V.

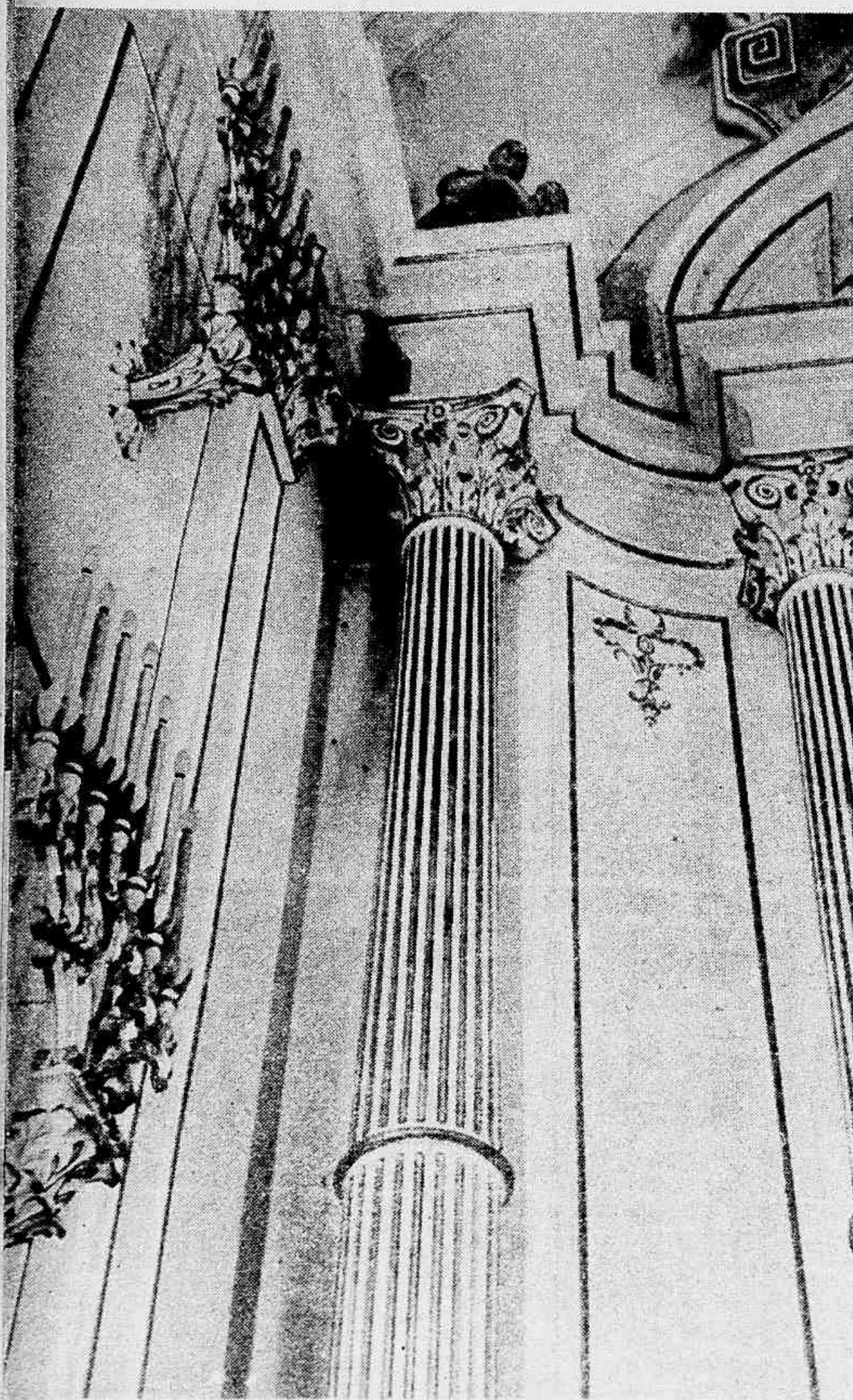
MUITOS CONDENADOS à fôrça no Brasil, tiveram suas vidas salvas da degola pelo estandarte da Misericórdia. Durante mais de três séculos, o pendão da Irmandade da Misericórdia acompanhou os condenados aos cadafalsos. Segundo a tradição, se ocorresse o milagre da rutura da corda e se, imediatamente, o estandarte tombasse sobre o condenado, êle era pôsto em liberdade.

Os "milagres" ocorriam em profusão. Em tão grande número que o povo, desconfiado, afirmava que a Santa Casa, encarregada de fornecer os laços, imergia-os em substâncias, tornando-os arrebatadiços.

LUIZ BRAVO



Pela simplicidade das linhas exteriores, não se pode imaginar a beleza e a grandiosidade da igreja do Largo da Misericórdia.



...e a
irmandade
brigou
com a polícia.

Mas em 1835, um juiz achou de acabar com os "milagres". Certo dia daquele ano, tão logo a corda arreventou e o estandarte caiu sobre o condenado, o magistrado ordenou aos soldados que levassem o réu novamente para o laço. O povo, liderado pelos irmãos, insurgiu-se à determinação do juiz, passando a lutar com os guardas.

Sentindo-se desprestigiados, os irmãos da Misericórdia resolveram não mais levar a sua bandeira para junto dos cadafalsos.

Hoje, da piedosa tradição apenas ficou a expressão "Bandeira da Misericórdia" para designar as pessoas pacificadoras, e o estandarte, guardado na sagristia da Igreja de N. S. do Bonsucesso.

O TEMPLO

De linhas barrocas e renascentista, a Igreja de N. S. do Bonsucesso das que ainda existem é a mais antiga do Rio. Localizada no largo da Misericórdia, o templo é uma parte do conjunto arquitetônico da Santa Casa.

A simplicidade de suas linhas exteriores não permite que se calcule a beleza e grandiosidade de seu interior. Somente no teto, há milhões de cruzeiros em candelabros de legítimo cristal da Boêmia. Para se ter uma idéia, o menor dos 11 candelabros existentes foi avaliado, há anos, em Cr\$ 600.000,00.

No corpo da igreja, os altares com as imagens de N. S. das Dores, São Salvador, N. S. de Nazaré e N. S. das Cabeças, feitas em madeira, no estilo renascença e D. João V.

Na capela-mor, duas tribunas. A da esquerda, reservada à família real, era ocupada sempre por ocasião das festas de Santa Isabel.

CULTO A SANTA

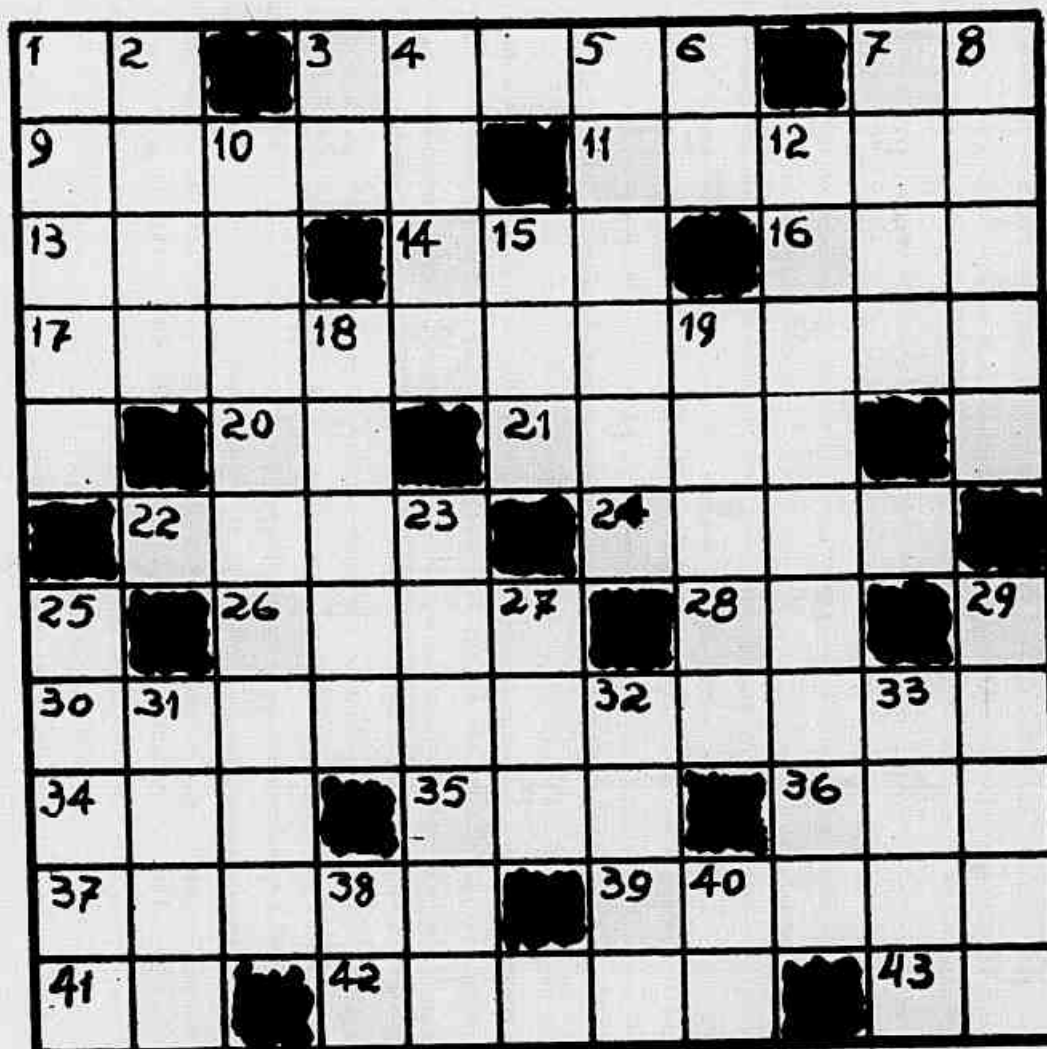
No Brasil, o culto à Senhora do Bonsucesso iniciou-se em 1637, quando o padre Miguel da Costa trouxe de Portugal a imagem da Santa que mais venerava. Por ocasião da primeira homenagem à Santa, no primeiro domingo depois de 8 de dezembro de 1639, isto é, a 11, ocorreu um milagre: três padres que ofereciam uma novena à Santa, em intenção da grande seca porque passava o Rio, viram por duas horas a imagem da Santa na hóstia.

Um pintor desconhecido deixou imortalizado este milagre, pintando um quadro a óleo, lembrando a aparição de 11 de dezembro de 1639. A tela, atualmente, encontra-se na sacristia.

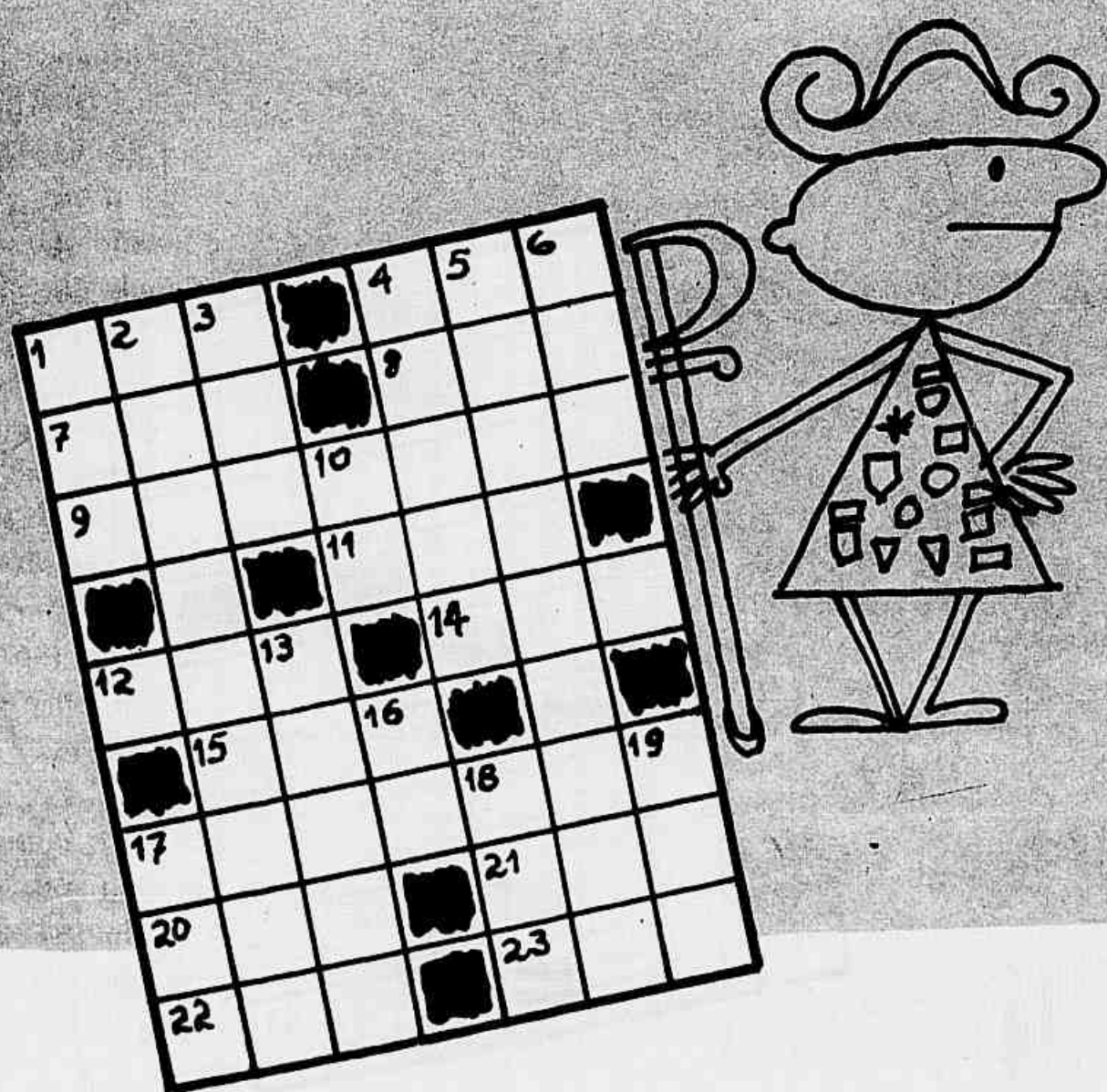
PROBLEMA N.º 51 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Símbolo do metal de peso atômico 225,97 — 3. Antigo peso indiano equivalente a dez meticais ou 16 dracmas e dois terços — 7. Medida sueca para líquidos — 9. Chefe de guerreiros, na África — 11. Cordame de navio de vela — 13. Povoação de Portugal, no conc. de Arcos de Val-veia — 14. Sacerdote gentílico do Aname — 16. Perfume — 17. Instrumento com que se mede a quantidade de açúcar — 20. Cidade da Caldéia — 21. Em Goa, contida no mosto — 22. Desejos de vingança, nome indígena de um réptil sáurio — 24. Arte de versejar — 26. Ólho-de-gato — 28. Troça — 30. Espécie de rinoceronte — 34. Pedaco de comida que os áugures romanos deitavam aos pintainhos sagrados quando queriam saber os auspícios — 35. Alna — 36. Escutar (ant.) — 37. Alegrias — 39. Reunião, associação — 41. Artigo plural — 42. Chuvas — 43. Santíssimo.

VERTICAIS: 1. Aquê que toca viola arrastando as unhas pelas cordas, sem as pontear — 2. Pousio — 3. Suspiro — 4. Onomatopéia que exprime um ruído seco — 5. Animal — 6. Segundo — 7. Apreciar muito — 8. Simples — 10. Matéria de reserva azotada existente nas sementes maduras das fanerógamas (pl.) — 12. Que vivem nas flores — 15. Mantilhas — 18. Nome do planeta mais distante da Terra — 19. Região montanhosa da antiga Grécia — 23. Mentagra — 25. Foge, deixando a própria morada — 27. Moeda antiga da Índia — 29. Sanhudos — 31. Tubérculo venenoso da ilha de S. Tomé (pl.) — 32. Penúria — 33. Amuleto dos pretos malês (pl.) — 38. Aparência — 40. Filho de Arão, neto de Sem.



PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 51 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Em as — 4. Jornada, partida — 7. Folha de palma — 8. Maior — 9. Diz-se das plantas que têm folhas lineares e ponteagudas — 11. Ação — 12. Mau cheiro — 14. Pedra do altar — 15. Aqui está — 17. O mesmo que areosa — 20. Possuir — 21. Grande porção — 22. Membro de ave — 23. Empunhei, agarrei.

VERTICAIS: 1. Hora do ofício divino, entre as sextas e as vésperas — 2. O mesmo que alcáçar (pl.) — 3. Retira-se — 4. Cópia — 5. Que produz dor (pl.) — 6. Argola — 10. Quarta nota musical — 13. Preguiça ladina e esperta — 16. Símbolo químico do estanho — 17. Liga — 18. Reza — 19. Nome de homem.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 50

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: im — rol — it — garfo — acaso — araf — arar — rifle — psico — áuspice — surra — atlante — cstra — aérea — xuri —ambu — aboar — Craôs — la — ira — Sa.

VERTICAIS: igara — mari — Ro — la — Isac — toros — rafa — filustria — cascadear — Arie — ésula — Pirna — pra — coxal — atro — érma — causa — suba — ebós — ri — Ca.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: mar — cai — al — cá — utopias — árias — dar — redar — Tomásia — em — cá — mal — côr.

VERTICAIS: mau — alta — acas — ias — ordem — piada — iaras — Roma — rico — tem — Aar.



Juscelino.



Gronchi.

TRAP

P A N O R A M A

O GOVERNO PERDEU o controle da moeda e da produção. Eis o que se verificou, esta semana, quando o dólar, como um telegrama desobediente aos comandos, voou para altitudes alucinantes, deixando a moeda brasileira em petição de miséria. Apesar de se encontrar no Ministério da Fazenda um consumado economista (o que o sr. Alkmim não era) e apesar de ter baixado "instrução" dada como instrumento para conter a alta desenfreada da moeda americana no mercado da taxa livre, não houve contrapelo que funcionasse. Já agora, se tem certeza de que, além das aquisições de dólar, feitas por firmas empenhadas em remeter lucros, negociações outras foram feitas por empresas governamentais, como a Companhia Siderúrgica Nacional e a Petrobrás, numa palpável mostra da desorientação oficial no grave momento. Ter dólar, comprar dólar é um modo fácil de ganhar bom dinheiro sem sujar as mãos nem suar a camisa. Se isto acontece com o mercado livre de câmbio, pior está acontecendo com o cruzeiro, propriamente dito, pobre moeda cujo poder de compra se esvala a todo momento e diante de cuja debilitação o povo, desesperado pelos preços que sobem sem cessar, só encontra o remédio das reivindicações salariais, sejam funcionários públicos, civis ou militares, sejam trabalhadores de qualquer categoria profissional. De outro lado, a produção e o mercado de café (também chamado de "nosso principal produto", mas parece que os governos e particulares nunca acreditaram nisso) chegou ao ponto de rebentação da crise em que vem afundando. O Brasil está sendo empurrado para uma verdadeira chantagem por parte dos demais produtores que, depois de descobrir e atacar todas as nossas fraquezas, nos querem obrigar a acordo em que reteremos 40 por cento da produção brasileira, enquanto eles reterão cotas de 15 por cento (a Colômbia), 10 por cento, 5 e 3 por cento, sabendo-se que a Colômbia faz acordo mas na hora não cumpre. Os produtores e exportadores de café do país resolveram tomar os freios nos dentes, já que o Governo não parece muito preparado para enfrentar a situação.

MAS O GOVERNO voltou-se para o Rádio e a Televisão. No momento em que Lombard, comentarista do "The Economist", definia com luzes implacáveis a dramática situação econômica e financeira do Brasil, com o cruzeiro a extinguir-se e sem poder adquirir moeda forte pela queda do café, o Governo limitou-se a uma mudança de sofá, retirando o sr. Paulo Guzzo e alguns diretores da cabeça do IBC. As providências imploradas pelos interessados no café não foram tomadas — nem quaisquer outras.

O que confirma a observação daquele comentarista: o pior é que não se sabe de nenhuma providência que o Governo brasileiro esteja tomando. (Este é o principal problema com que se defronta o Brasil). A política suicida do café, a que está aí e levou à porta do caos, não será alterada.

Preocupou-se o Governo, isto sim, com a possibilidade de seus adversários retomarem a televisão e o rádio como instrumentos de propaganda eleitoral mortífera para situação. Graças a uma série de engenhosos truques, o Governo vinha mantendo a TV e o Rádio fora da voz e da face dos opositores. O Ministro da Justiça chegou a declarar, mais de uma vez, que não havia restrições ao uso dos meios de difusão, e ainda agora o reafirmou, depois da decisão do TSE, assegurando essa liberdade democrática a todos. Tratou o Presidente Juscelino Kubitschek de reunir-se logo com seus assessores a fim de verificar os meios para que sua tranquilidade não seja perturbada e não se inverta ou se altere a situação atual. Pois o que acontece é que os srs. JK e Carlos Lacerda são, com segurança, no momento, os dois maiores monologadores do Brasil. (Os fãs de Lacerda acham-no insuperável, mas JK também sabe gorgear). Pela restrição ao uso do rádio e da TV, Lacerda ficou sem microfone e sem câmara, mas JK ficou com tudo. Lacerda tem de discursar em caminhão e em disco avulso, à hora que é possível. JK discursa em 400 rádios e todas as televisões à hora que quiser. (Assim, também, é esgardia, Nonô...)

Com o preço elevado (mil a dois mil cruzeiros por minuto), horários ruins, já quando o sono chega e a paciência vai, e o receio dos concessionários de canais radiofônicos e televisores de desgostar o Governo, mesmo assim a Oposição terá oportunidade de fazer o seu "show", pelo menos até 3 de outubro.

SÓ FALTAVA AO GOVERNO perder o controle político, para a situação ficar inteiramente à matroca. Daí a preocupação, a certo ponto explicável, de acautelar-se contra uma violenta campanha radiofônica, dissecadora das fragilidades, perplexidades e hesitações governamentais.

Isto poderá acontecer com os resultados das eleições de outubro, em que faz questão de não mostrar-se empenhado, mas que lhe trará um Congresso quase livre de compromissos com o atual Governo e fortemente reivindicador. Daqui até lá, visita do Presidente Gronchi, para nos trazer a inteligência política da nossa cultura original e sossegar, por dias, os ânimos dos brasileiros.

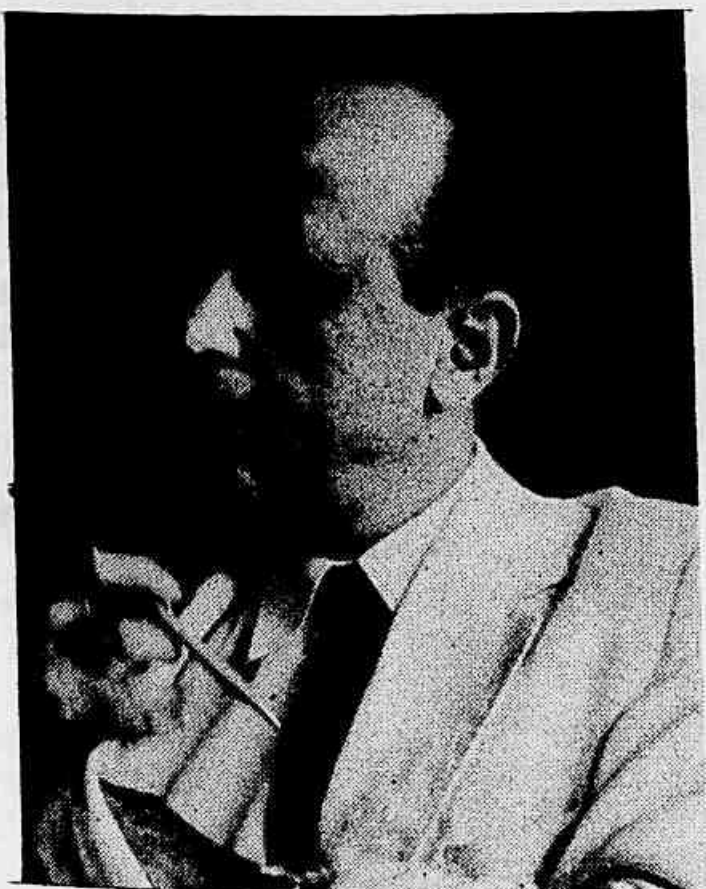
FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES

RAPÉZIO

OSÓRIO NUNES



Mendes de Moraes.



Clóvis Salgado.

— Se o Brasil não manobrar com jeito, a proposta mexicana para uma reunião informal de chanceleres dos países americanos, à margem da Assembléia Geral da ONU, será o primeiro passo para sepultar a Operação Pan-Americana, sugerida por JK. Já se fala na Conferência Interamericana de Quito, em 1959, querendo significar estudos ao estilo das empoladas e vazias conferências de até agora.

◆ Na esperada reforma do Ministério, depois de 3 de outubro, JK disporá de poucos lugares, devido aos compromissos assumidos. Terá de operar numa faixa muito limitada. O ministro Clóvis Salgado deverá ser poupado. Acredita-se que o ministro da Educação é "cadeira cativa" no Ministério. JK o considera o mais leal dos amigos. Clóvis Salgado esteve para empunhar armas (Polícia de Minas), quando circulou que o Governo federal iria impedir a eleição e posse do atual Presidente.

◆ O Governo federal não decretou ponto facultativo para o seu funcionalismo comparecer ao desembarque do Presidente Gronchi. O Prefeito Sá Freire Alvim não se sentiu com forças para decretar ponto facultativo na Prefeitura. Apelou para o comércio e a indústria a fim de que cerrassem suas portas. Como poderia esperar ser satisfatoriamente atendido?

◆ No Amazonas (pela mão do deputado federal Antunes de Oliveira), surgiu dentro do PTB o Partido Socialista. Antunes diz que vão fazer socialismo de verdade, pois os que eram socialistas no PTB é que passaram a constituir o PSB...

◆ Com as chuvas dos últimos dias, espera-se que a Árvore da Fraternidade Nacional tenha tido do céu o tratamento que não teve da Prefeitura.

◆ Nilo Raposo, candidato a vereador pelo Distrito Federal, comissário de Polícia, estimadíssimo em Copacabana: "Não sou candidato de Copacabana" porque todo mundo é candidato de Copacabana; inclusive quem não é de Copacabana. Mas espero vencer porque gente de outros bairros me traz adesão e até Linda Batista está comigo".

Nilo Raposo é o "carioca e trabalhador" que pede "Carioca, ajuda um carioca a te ajudar" e padronizou uma faixa eleitoral botafoguina: em negativo, branco sobre o preto, em vez do preto no branco.

◆ "A Voz do Silêncio", golpe publicitário de Carlos Lacerda, não será silenciada antes de ir ao ar, como se chegou a supor, logo que a Justiça Eleitoral determinou o desenvolvimento (político) dos microfones. Lacerda e seus companheiros precisarão de vender os discos a fim de fazer fundo para pagar as altas despesas das transmissões de seus discursos, até 3 de outubro.

◆ Se o sr. Amaral Peixoto for eleito senador pelo Estado do Rio com o apoio da UDN, tem-se como bastante provável que o esquema siga adiante, com vistas às eleições presidenciais em 1960.

◆ Sabe-se que altos chefes militares estão conversando sobre quem deve ser candidato em 1960 à Presidência da República. Até agora, preferências se inclinam para uma candidatura civil.

◆ O PSD do Rio Grande do Sul (mais udenista do que pessedista) se entende bem com o sr. Amaral Peixoto, porque o inimigo comum de ambos é o PTB.

◆ A guerra dos cartazes e lemas eleitorais cobriu a cidade do Rio de Janeiro e a Avenida Presidente Vargas é um verdadeiro festival de faixas. O general Angelo Mendes de Moraes adotou uma com o seu nome e a reprodução do Estádio do Maracanã, feito à sua imagem e semelhança. E explica: "Não promete; realiza".

◆ Da visita do Presidente Gronchi não se espera mais do que o reforço do entendimento entre as nações latinas dos dois lados do Atlântico.

◆ Para encerrar: Quando disseram que o Presidente Gronchi ia a Caxias, no Itamarati, alguém perguntou: "Mas já falaram com o Tenório?..." Ao que outro alguém respondeu: "Não, não é a Caxias do Nordeste, é Caxias do Sul".

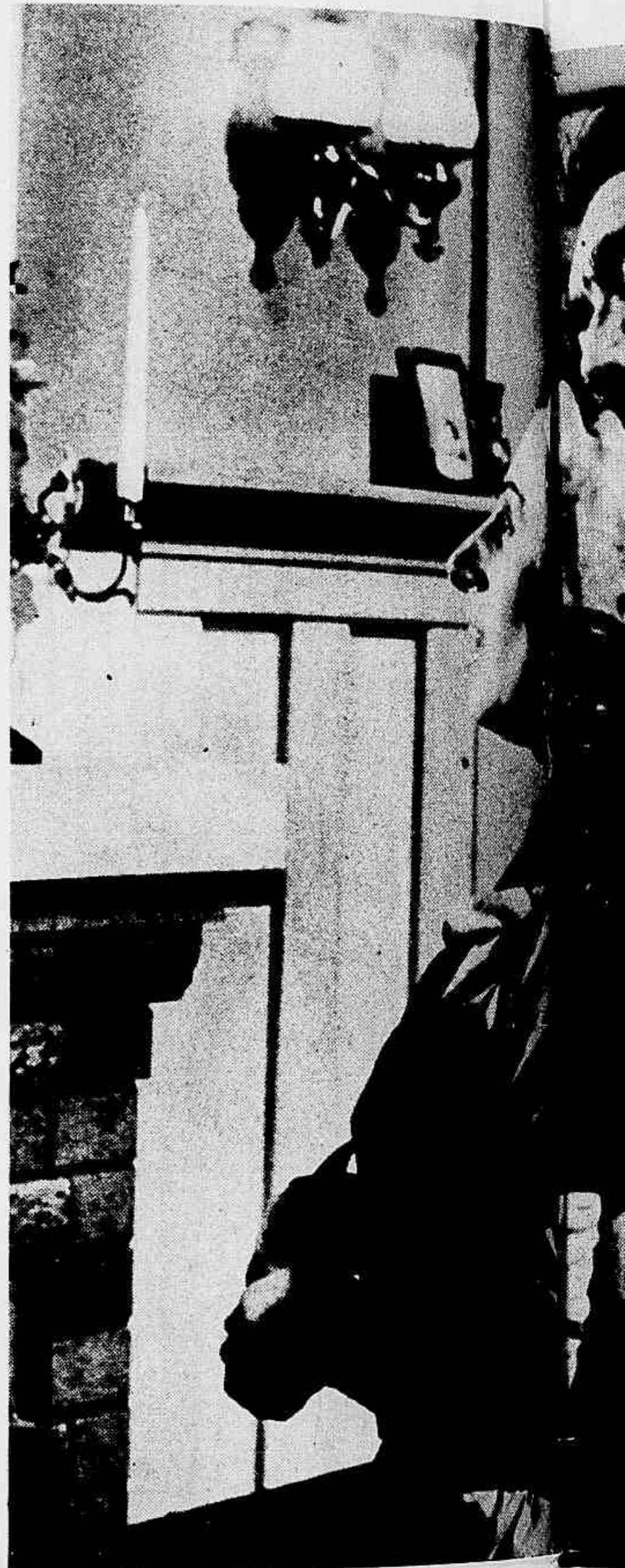
QUEM ESTÁ NO TRAPEZO

É JK — OSCILANDO ENTRE A ALTA DO DÓLAR E A QUEDA DO CAFÉ, COM UM OLHO NO EXÉRCITO E OUTRO NA TV.

ANNA ENTRE DOIS ANTONIO



Anthony e Anthony, os dois rivais.



Anna e o marido (Quinn): ternura.

EM 1956, após várias tentativas infrutíferas, Hollywood conseguiu, finalmente, "importar" Anna Magnani. Para isso, é verdade, fez-se necessária a intervenção de Tennessee Williams, o famoso teatrólogo ("Uma Rua Chamada Pecado", "Cat on a Hot Tin Roof"), que de admirador da atriz italiana se havia tornado seu amigo, a ponto de escrever para ela uma peça intitulada "Orpheus Descending". Foi, entretanto, no papel central do filme extraído de outra peça de Tennessee Williams que a Magnani estreou no cinema americano — em **A Rosa**

Tatuada (The Rose Tattoo), ao lado de Burt Lancaster.

Nessa estréia, a italiana não só aumentou de maneira considerável a sua popularidade no mundo inteiro, como também foi premiada pela Academia de Hollywood como a "melhor atriz" de 1956.

ANNA NA ITÁLIA

Nascida em Alexandria (Egito) em 1909, Anna Magnani chegou a Roma aos cinco anos de idade e, desde então, só saiu da

Itália a passeio ou para filmar (só na América). Aluna da Academia de Arte Dramática de Silvio d'Amico, começou no palco em 1926. Nesse ano, fez uma *tournee* até a Argentina com a companhia Vergani-Cimara, interpretando "Scampolo".

Sua estréia no cinema verificou-se em 1934: uma breve aparição num filme intitulado **La Cieca di Sorrento**. No ano seguinte, casou-se com Goffredo Alessandrini, dos mais prolíficos diretores do cinema italiano e o primeiro que percebeu nela um vigoroso temperamento dramático. Não

T HONYYS



a Amé-
Dramá-
o palco
e até a
gani-Ci-
se em
me in-
ano se-
andrini,
cinema
u nela
o. Não

se tornou logo estrêla. Era mais popular no teatro ligeiro, onde costumava aparecer como "partenaire" de Totó.

O primeiro papel importante de Anna foi em **Teresa Venerdi**. Mas só cinco anos depois é que atingiu a celebridade — ao aparecer, logo após a guerra, em **Roma, Cidade Aberta**, o filme de Rossellini que abriu o caminho para o reconhecimento internacional do neo-realismo italiano. Daí por diante, foram muitos os filmes em que figurou, sempre no papel principal: **Angelina Deputada**, **Belíssima**, o famoso ensaio de



CINEMA

(A FÚRIA DA CARNE)



Anna e o amante (Franciosa): violência.

Finalmente encontrou Magnani,
em Hollywood, um novo
papel à altura de seu gênio.

Jean Renoir que se chamou *Le Carrosse d'Or* e que nunca foi exibido no Brasil.

A Magnani tornou-se, também, primeira atriz no teatro, brilhando especialmente por suas "performances" em "Anna Christie" e "A Floresta Petrificada". Por ocasião da filmagem de *Roma, Cidade Aberta*, era notório o seu romance com Rossellini, que, mais tarde, a trocava por Ingrid Bergman. Só em 1950, porém, Anna se separou legalmente de Goffredo Alessandrini, de quem tem um filho, nascido em 1942.

"A FÚRIA DA CARNE"

Com o êxito popular de *A Rosa Tatuada*, persistiu a Paramount em manter Anna Magnani em seu cast. Demorou, porém, a encontrar outro papel adequado para a estrela, que, chamada a se pronunciar, recusou várias ofertas. Finalmente, a Magnani concordou em ser, na tela, a heroína de *A Fúria da Carne* (*Wild is the Wind*). O filme, que se baseia numa novela de Vittorio Nino Novarese, desenrola-se numa fazenda do interior dos Estados Unidos, tendo emigrantes italianos como personagens de um drama realista e passionai.

Ao lado da atriz, foram colocados Anthony Quinn, o grande ator de Hollywood que, indo à Itália, foi o intérprete do admirável *Na Estrada da Vida* (*La Strada*), e Anthony

Franciosa, também afeito aos papéis latinos — além de Joseph Calleia, Lily Valenty e a novata Dolores Hart. A direção ficou nas mãos de George Cukor, veterano e competente, com inúmeras obras importantes em sua filmografia (*Um Rosto de Mulher*, *Nascida Ontem*, *Demônio de Mulher*, *Nasce uma Estrêla*, *Les Girls*). A notar: Cukor, antes de Anna Magnani, dirigiu, entre outras estrêlas, Joan Crawford, Katharine Hepburn, Ingrid Bergman e Greta Garbo.

A segunda performance hollywoodiana da Magnani também a incluiu entre as candidatas (cinco) ao "Oscar" de 1957. Mas, desta feita, a atriz italiana não venceu o páreo; a Academia, fiel à política de estímulo aos talentos novos, premiou Joanna Woodward, a intérprete de *As Três Máscaras de Eva*.

ENTRE QUINN E FRANCIOSA

A história de *A Fúria da Carne* lembra, com certa insistência, a do drama de Eugene O'Neill, "Desire Under the Elms", por sinal recentemente filmado no mesmo estúdio, com outra atriz italiana no papel central: Sophia Loren, entre o velho Burl Ives e o desengonçado Anthony Perkins. Em *A Fúria da Carne*, Anthony Quinn, fazendeiro italiano há muitos anos radicado na América, escolhe para segunda mulher a irmã

O fazendeiro (Quinn), ao lado da filha (Dorothy Hart), não consegue esquecer a primeira mulher.



da primeira — e vai buscar Anna Magnani na Itália.

O processo de ambientação da heroína prepara lentamente o drama, que surge em virtude de Quinn não ter conseguido esquecer a mulher que morreu. Por isso não dá o necessário calor à Anna, que começa a sentir-se uma intrusa na própria casa — e, como sente também a falta de carinho, acaba por entregar-se ao pastor que Quinn criou como um filho, desde menino. A paixão é tempestuosa, crescendo durante a ausência do marido, que vai passar uns tempos em Nova Iorque. Quando Quinn regressa, é o drama. Envergonhado de sua ação, Franciosa volta as costas à desesperada Anna, e esta, então, fica sem outra saída que a de voltar para Itália. No último instante, todavia, a heroína confessa ao marido, que resolve perdoá-la, não ter agido com outro impulso a não ser o de desejar carinho que ele lhe negava.

A direção de George Cukor é firme, tanto por não permitir que a narrativa resvale para o dramalhão, como por solicitar dos intérpretes as melhores performances. *A Fúria da Carne*, exibido na série de "avant-premières" do Festival do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, teve algumas de suas qualidades reconhecidas pelo júri, que conferiu a Anthony Quinn o prêmio referente ao "melhor ator". Quanto a Anna Magnani, embora muito votada, foi derrotada (apenas) por Audrey Hepburn.

Ballet Concreto

(Continuação da pág. 47)



Rosanova: Sou contra. Sem bailarino, não existe ballet!

Gilberto Mota é jovem, pretende estudar mais na França, e apesar de ser dificultado por um espírito de destruição e descaso, por tudo o que mestre já nos deram em ballet, pode ainda aprender, equilibrar mais o gosto, e produzir coisas de real valor. Aqui no Brasil, são raros ou inexistentes as oportunidades de ver o que vai de novo pelo mundo em dança e era necessário que alguém viesse, de uma ou outra maneira, fazer alguma coisa nesse sentido. O "Concerto de Vivaldi" foi apresentado de maneira ainda mais fria que as obras de Balanchini, que lançou esse estilo. Trata-se de uma tessitura de passos acadêmicos, inspirada na música. Negando todo o emocional, só consegue elevar-se a uma boa categoria, quando interpretados por bailarinos de extrema habilidade técnica, o que não era o caso. "A Respeitosa" teve seu drama desenvolvido, interessante cenografia, e destaque do dinâmico David Dupré.

O número "concreto", sensação do espetáculo, esse sim, foi coisa que nunca vi, nem em terras de Europa, nem de América: igualmente, não creio ser do meu alcance julgá-lo, pois me limito a tratar do que entendo — dança. Parece que o jogo de forma, luzes e cores, foi boa pintura em movimento. Mas a dança é a arte da glorificação do homem, é ele o seu instrumento, e ali o homem foi escondido, falsificado, reduzido a blocos de papel e madeira, com rodinhas em baixo, e uns furinhos para enxergar... Máquinas poderiam mover tais formas. Mas queira Deus que a civilização futura não substitua o homem por "robots". "A Visita" foi o que melhor me impressionou em matéria de coreografia. Poderia ser mais "dançado", poderia ser muitas coisas mais, mas teve seu humor, imaginação, passos e linhas agradáveis. Sobre as falhas, não desejo falar, eram óbvias, tratando-se de um grupo que lutou com grandes dificuldades desde as de experiência, mas que por isso mesmo deve merecer incentivo, e realmente deseja melhorar.

LÍGIA PAPE

"Fiquei satisfeita com o resultado obtido com a encenação de nosso ballet, principalmente porque verifiquei que dêle poderemos partir para uma série de novas experiências. Sabia que iríamos sofrer ataques, devido à inovação por nós trazida — a de abolir a figura humana. Mas isso era necessário no nosso empreendimento, era preciso que fizéssemos o "ballet puro" — em matéria de concretismo, bem entendido, mesmo que a expressão "ballet" aí entrasse com um sentido novo, diferente do tradicional. Quanto a esse lado, tivemos de lutar, inclusive com a própria equipe de dançarinos, que não se conformava em ficar no interior das caixas, sem poder exhibir-se à plateia... Enfim — foi uma experiência, para mim importantíssima, porque abriu caminho para novas coisas."

ENEIDA

"Gostei muito do ballet das formas, não só pela sua beleza, mas porque ele veio trazer alguma coisa de novo. Sou a favor de todas as experiências, de todas as inovações, e por isso aplaudo esse trabalho de Lígia Pape, Reinaldo Jardim e Gilberto Mota."

Bilhete de Minas

ANTERO DE ALENCAR

SEMANA DA PÁTRIA. Prelúdio de Primavera. Uma manhã lavada por um sol brilhante, sorri para a cidade das rosas — Belo Horizonte! Pela av. Afonso Pena, passarela em céu aberto, desfila a mocidade universitária, numa demonstração de civismo, de eugenia e esportividade. Grande multidão aclama as delegações dos Estados, que atravessam a avenida rumo ao Estádio Otacílio Negrão de Lima, onde já se achavam: o sr. Presidente Juscelino Kubitschek, Ministro Clóvis Salgado, Governador Bias Fortes, Reitor Pedro Paulo Penido, secretários de Estado e altas autoridades civis e militares, especialmente convidadas para o ato inaugural dos XIV Jogos Universitários.

FOI HASTEADO o Pavilhão Nacional pelo sr. Presidente da República, ao som do Hino Nacional Brasileiro. Dentro daquele espetáculo de rara beleza, aparece Denise Cartéia Prado, em carro aberto, ladeada pelas volistas Celma Carvalho e Lia de Freitas, sendo aplaudidas vibrantemente. Denise, a graciosa "Miss Minas Gerais", é a candidata natural da FUME ao título de Rainha dos Jogos Universitários.

TUDO INDICA que o Jôquei Clube se unirá ao Clube Belo Horizonte para, deste casamento, nascer um dos mais elegantes "cercles" da Capital. O dr. Lauro Bracarense, um grande diretor social, tem as necessárias credenciais para realizar esta profecia.

FICOU ENCERRADA a Temporada Lírica de 1958, com a apresentação das óperas "Cavalleria Rusticana" e "Palhaços". Destacaram-se nessa noite, entre muitos, os cantores Paulo Fortes, Clara Marise, Violeta Coelho Neto de Freitas, Wilson Simão, Nino Crimi, Genuína Pinheiro e Maria Lúcia Godói. A orquestra, regida pelo maestro Sebastião Viana, ficou com as láureas da noite.

NO AMPLO auditório da Secretaria de Saúde e Assistência, o extraordinário pianista russo Pavel Serebriakow realizou um concerto, sob os auspícios da Cultura Artística de Minas Gerais. Muito exatamente aplaudido.

MUITO GARBOSA a solenidade de Formatura dos rapazes do CPOR, recebendo as espadas. Um grande baile foi realizado nos salões do Instituto de Educação.

UM CHÁ beneficente e elegantíssimo foi realizado na sede da AABB, com renda integral para as Missões do Colégio Sacre Coeur de Marie, organizado por um grupo de senhoras da sociedade, sob o comando da sra. Celisa Alvares Marinho.

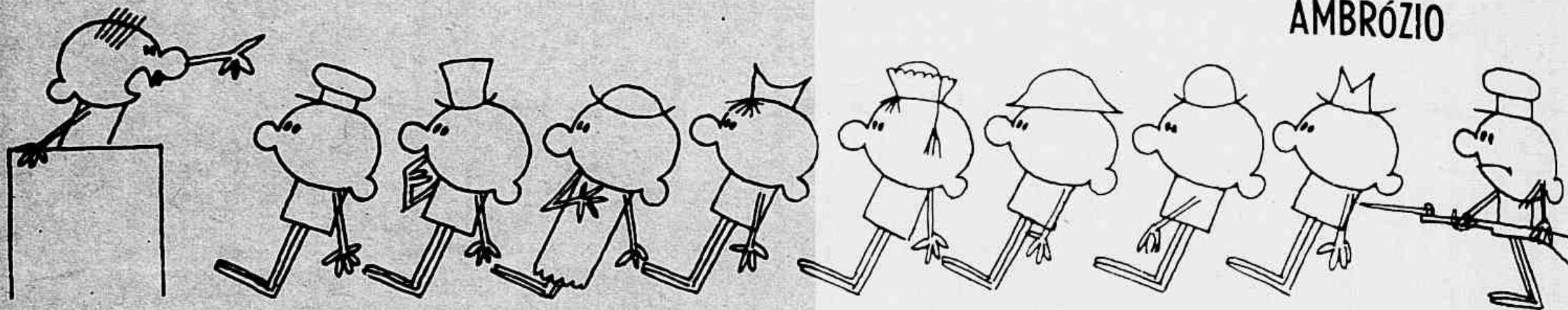
A ALFACEANA do Painei, de domingo passado foi a senhora Angela Maria da Cunha Pereira. Um clarão de beleza da juventude atual.

A CAMPANHA da coluna "Passarela", de "Fôlha de Minas", continua recebendo os mais francos elogios por parte da população da Capital. Continuam sendo ouvidos os candidatos a vereador à Câmara Municipal de Belo Horizonte, numa "enquete" dessa coluna.

UMA DAS MAIS belas reuniões realizadas na semana foi indubitavelmente aquela na "Príncipe de Gales", organizada pelas "Domadoras" do "Lion's Club", sob o comando da sra. Renê Simão, esposa do presidente Charles Simão. Beneficência e elegância deram as mãos, e o êxito foi incontestável. Uma beleza de festa, quando falou sob a "Psicologia da Elegância Feminina", o dr. Fernando Veloso.

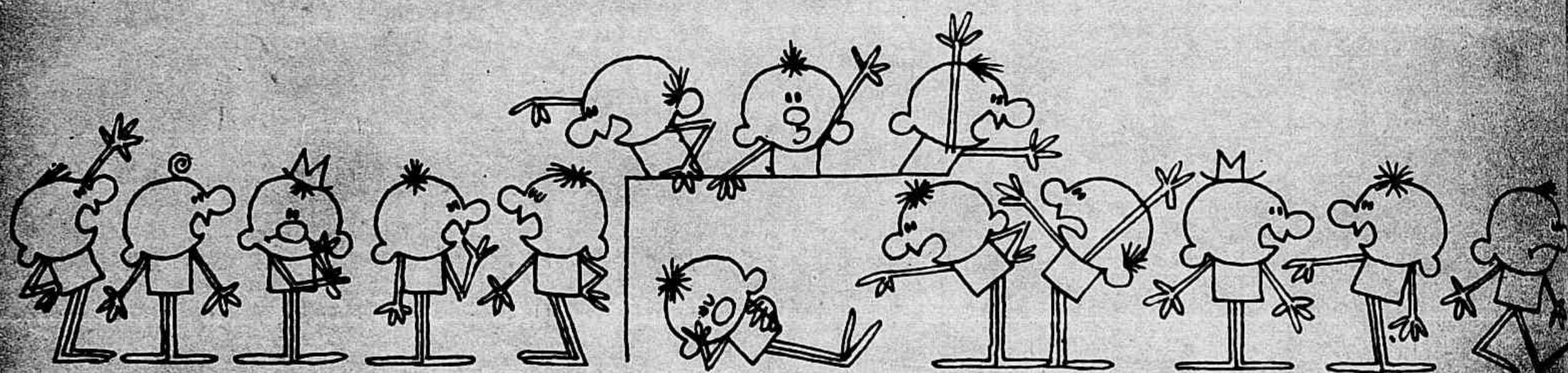
A PROPAGANDA da candidatura do dr. Nelson Thibau, para prefeito da Capital, vem sendo feita na base de "slogans". Ontem, quando se apresentou na TV Itacolomi, interpelado a respeito, respondeu: "Amo muito a Belo Horizonte, para não enfeia-la com cartazes e faixas, mesmo porque, depois de eleito não quero gastar dinheiro da Prefeitura na limpeza da cidade".

AMBRÓZIO

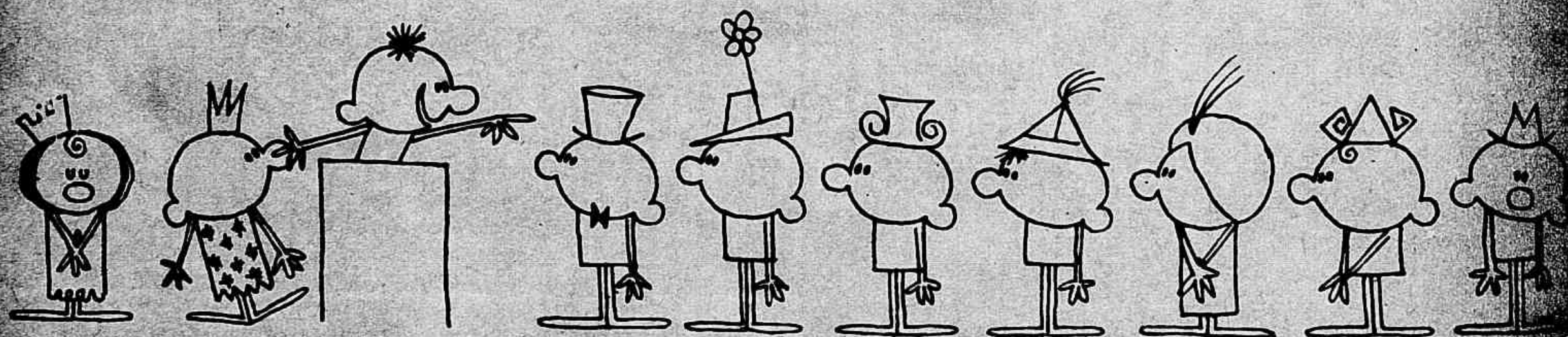


DITADURA

A POLÍTICA



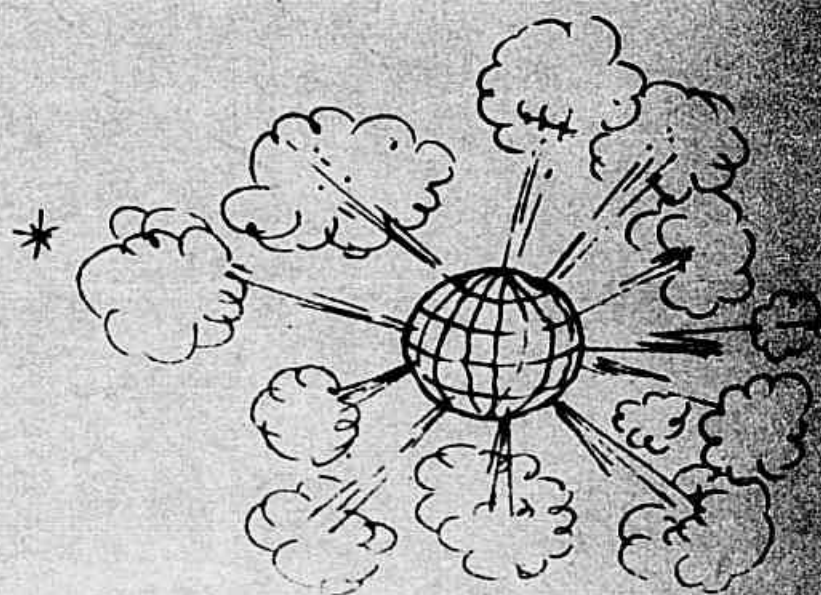
DEMOCRACIA

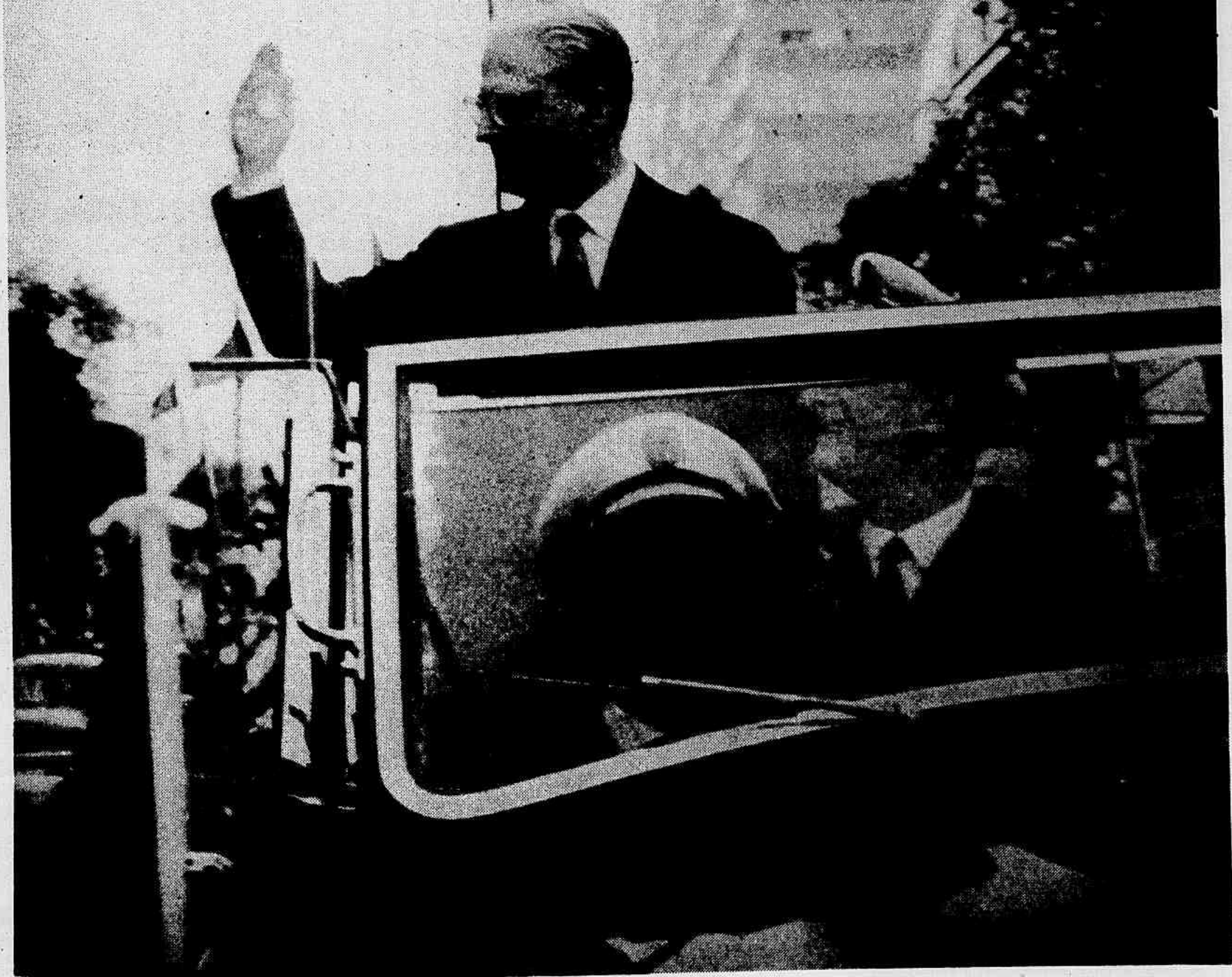


MONARQUIA

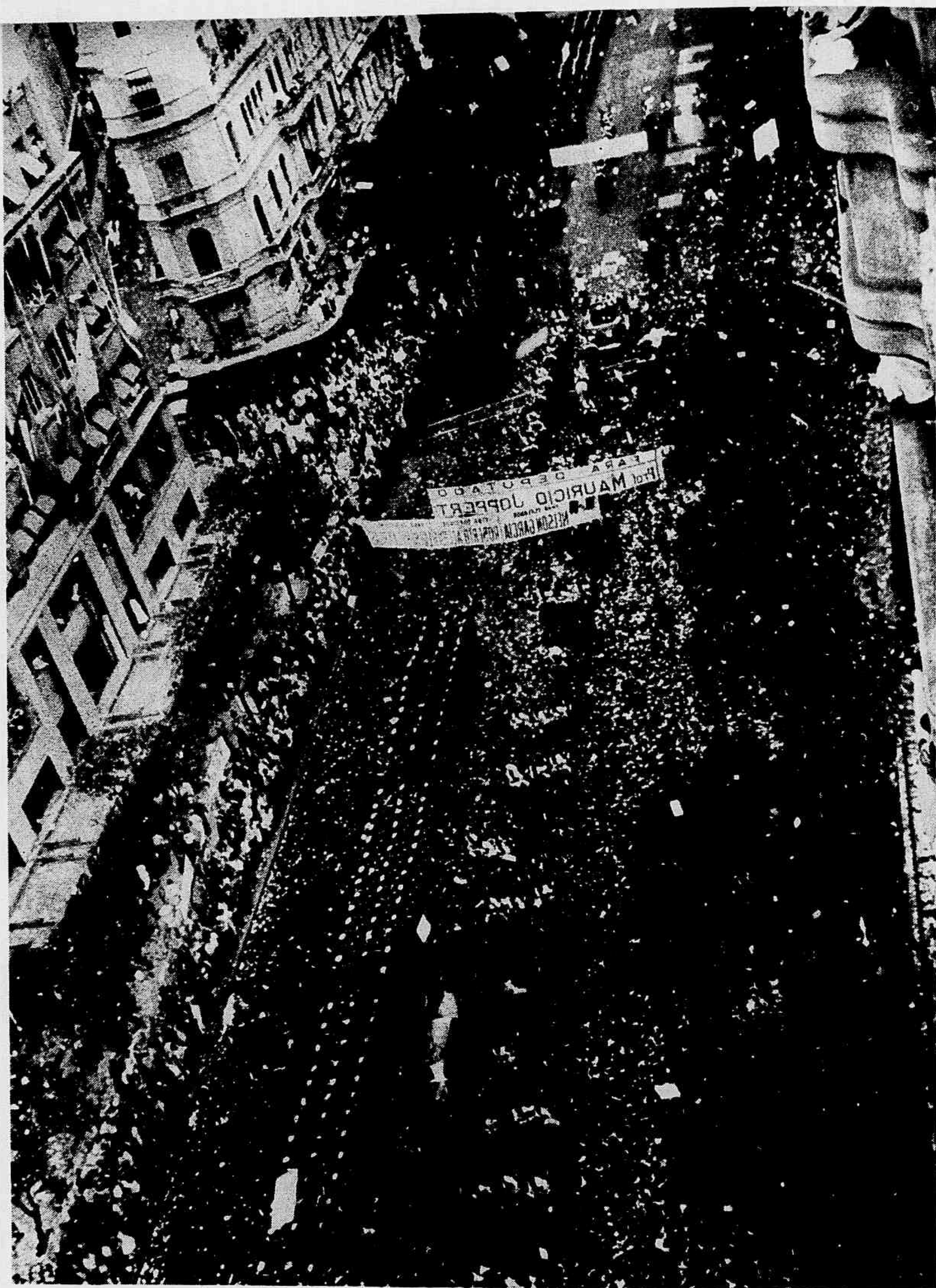


ANARQUIA





O BRASIL RECEBE GIOVANNI GRONCHI



No Ministério da Marinha, depois de uma salva apoteótica que durou dez minutos, deu-se o encontro dos dois presidentes. Terminado o protocolo, iniciou-se o grande desfile.

Sob uma chuva de papéis picados e faixas de propaganda eleitoral, desfilou o carro presidencial.

A CIDADE APRESENTAVA, na última quinta-feira, o mesmo imponente aspecto já conhecido por ocasião da chegada de outros Chefes de Estado que nos têm visitado ultimamente — Chamoun, Craveiro, Frondizi: a avenida engalanada, o colorido tremular das bandeiras nacionais dos dois países, guarda de honra postada, solenemente, ao longo das ruas por onde desfilariam os dois presi-







Acompanhado por d. Clara Gronchi, chega ao Itamarati o presidente Kubitschek. Gronchi oferecia o braço à d. Sara.

Brasil e Itália: Importantes convênios entre os dois países foram firmados.

dentos. E, nas calçadas, o povo amontado para ver, acima da onda de cabeças, a figura do visitante famoso. Também a chuva branca de papéis picados, as palmas à medida que passava o carro presidencial — lembravam anteriores manifestações. Como das outras vezes, lá estava o presidente Juscelino Kubitschek, com a sua característica jovialidade, a acenar discretamente para a multidão. E, a seu lado, o visitante ilustre, ora sentado, ora em pé, o braço estendido, a cumprimentar o povo e a agradecer as aclamações.

Mas essa identidade era apenas na aparência. Apesar da semelhança entre as homenagens já tradicionais, havia uma diferença

básica. E ela se encontrava no sentimento daquela multidão que se comprimia nos dois lados da Avenida — composta de brasileiros e de italianos aqui radicados. A diferença estava no coração do brasileiro, que assistia, carinhosamente, a passagem do chefe da nação amiga, de onde tantos haviam emigrado e ajudado a fazer, no solo nacional, com seu sangue e seu trabalho, o nosso desenvolvimento agrícola e industrial. Estava no coração do italiano que via, comovido, o desfilar do Chefe de Estado da terra onde nascera e da qual fizera, aqui, um seu prolongamento. E ambos sentiam, emocionados, o alcance daquela visita — o que ela representava como maior união entre as duas Pátrias.



Na sexta-feira à noite, houve banquete no Itamarati, seguido de recepção. Em discurso, elogiou Gronchi a política internacional de aproximação do presidente Kubitschek.



ue
os
do
da
er,
n-
no
de
os
e-

No discurso no Itamarati, lembrou Juscelino a identidade existente

Depois de descer no Galeão, onde foi recebido por altas autoridades governamentais, o presidente Giovanni Gronchi e sua senhora, juntamente com o Ministro Medici, também acompanhado da esposa, fizeram, por mar, o trajeto que vai da ilha do Governador ao Ministério da Marinha, passando em revista a nossa esquadra embandeirada, com sua tripulação formada no convés. E depois de uma salva apoteótica que se prolongou durante dez minutos — formada pelos apitos de sirenes de todos os navios atracados nas imediações, e do disparo de canhões, o presidente italiano desembarcou no Arsenal. Eram, precisamente, 14,30 da quinta-feira, dia 4. No Arsenal, depois de serem executados os hinos nacionais da Itália e do Brasil, foram os ilustres visitantes recebidos pelo Presidente Juscelino Kubitschek e senhora, e pelo Ministro das Relações Exteriores. Terminados os cumprimentos, o Chefe de Estado italiano dirigiu, pelo microfone, uma saudação ao Brasil.

MENSAGEM

Depois de expressar a sua satisfação em ser hóspede do Brasil, "ao qual a Itália está ligada por tantas relações de amizade e fecunda colaboração", diz Gronchi estar "certo de que sua estada contribuirá para tornar ainda mais estreitos os vínculos de fraternidade e compreensão recíproca há muito existentes entre os dois povos"; e depois de falar da vantajosa cooperação em muitos setores que sua visita virá intensificar, como também de uma maior contribuição para o estabelecimento de uma melhor conveniência entre as gentes sinceramente amantes da paz, e as conquistas cada vez mais elevadas no campo do espírito humano, envia "uma saudação a todos os italianos residentes no Brasil é um pensamento de gratidão aos primeiros e humildes imigrantes que aqui aportaram e a cuja colaboração muito deve o desenvolvimento deste país".

Terminou
carro ab
Kubitsch

ITINERÁRIO

Na se
dentes
prensa,
Hotel G
do Pres
do Sul.

Entre
Presiden



A Ordem do Cruzeiro
no peito de Gronchi:
homenagem do Brasil.

existente na vida dos dois presidentes: ambos começaram humildemente.

Terminada a mensagem, embarcou o sr. Giovanni Gronchi no carro aberto da presidência da República, ao lado do sr. Juscelino Kubitschek, iniciando-se o desfile rumo ao Palácio das Laranjeiras.

ITINERÁRIO

Na sexta-feira, às dez horas, houve a entrevista dos dois presidentes no Palácio do Catete e, às 11,45, entrevista coletiva à imprensa, na A.B.I. As 13 horas, foi-lhe oferecido um almoço no Hotel Glória, pela colônia italiana no Rio e às 20,30, recebe Gronchi, do Presidente do Brasil, o colar da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.

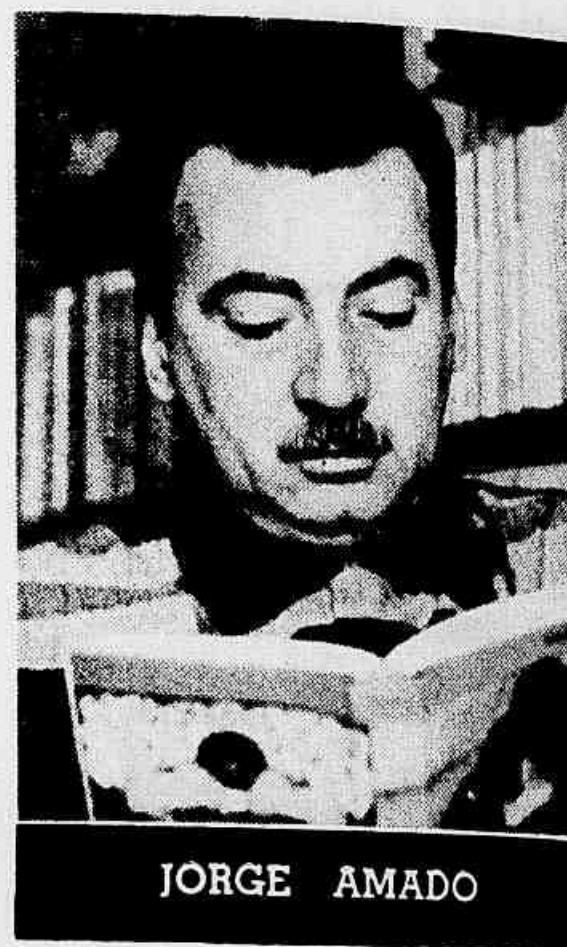
Entre as várias cerimônias e homenagens de que foi alvo o Presidente da Itália em sua estada de quatro dias na Capital da

República, podemos salientar as inaugurações de hospitais, igrejas e escolas da colônia italiana, o banquete e recepção no Itamarati, participação nas solenidades da parada militar do Sete de Setembro, visitas ao Congresso Nacional e ao Museu de Arte Moderna, bem como a sua visita à Brasília, na segunda-feira — onde houve a entrega do terreno da futura Embaixada da Itália. Convênios foram firmados entre os dois países — todos eles da mais alta relevância e que têm, como resultado, uma maior aproximação entre as duas nações amigas — dois dos quais sobre interesses do imigrante italiano: um sobre serviço militar e outro sobre assistência social.

Na terça-feira, o presidente Gronchi e sua comitiva partiram para São Paulo.



UM LIVRO HÁ VINTE E CINCO ANOS



JORGE AMADO

FOLHEIO A NONA EDIÇÃO brasileira (décima em língua portuguesa) de "Casa Grande & Senzala". Folheio suas páginas, examino o mapa desenhado por Cícero Dias, agora publicado em cores, leio a frase inicial do prefácio à primeira edição: "Em outubro de 1930 ocorreu-me a aventura do exílio". E de súbito sou atirado para o passado, para vinte e cinco anos atrás quando esse livro foi lançado e recordo os dias de seu aparecimento, sua repercussão e importância em nossa vida cultural.

Não sei se em nossa vida literária voltaremos a sofrer um impacto igual ao que significou então a publicação de "Casa Grande & Senzala". Naqueles anos que sucederam ao movimento vitorioso de 30, iniciava-se esse crescer de nossa cultura, do público, do interesse pelas coisas brasileiras. Já antes de 30, José Américo de Almeida publicara "A Bagaceira", abrindo uma fase nova em nosso romance, desbravando o caminho para uma geração de romancistas que foi, em muito, responsável pelo público hoje existente no Brasil, pelo interesse em torno da literatura. Os escritores voltavam-se para os problemas brasileiros, para o povo. "O Quinze", "Menino de Engenho", "Os Corumbas", "Cacetés", eis os primeiros títulos a sacudir a crítica e os leitores, a criar leitores. E então apareceu "Casa Grande & Senzala". Já não era apenas o romance, era o ensaio, o estudo, o levantamento de nossa formação. Foi como um "sputnik" na época. Últimamente tivemos a publicação de "Grande Sertão — Veredas", acontecimento literário que abalou a opinião e o público. Algo semelhante ao impacto de "Casa Grande & Senzala". Mas o livro de Guimarães Rosa apareceu quando já nos acostumáramos com o desenvolvimento de nossa literatura, com o crescimento do país, de sua indústria, com um Brasil em marcha. "Casa Grande & Senzala" sucedeu no começo de tudo, foi mesmo o começo. Naquele tempo não existiam as Faculdades de Filosofia, a Editora José Olímpio ainda não estava no Rio, a fome de ler apenas se adivinhava.

Todos nós podemos e qualquer um pode discordar de idéias e conceitos de Gilberto Freyre. O pernambucano é homem de muito escrever, de muito publicar e de muito discutir. Por isso mesmo, pelo muito que realiza, nem sempre é possível estar de acordo com tudo que ele diz e faz. Mas não creio ser isso o que importe quando nos debruçamos sobre a décima edição de "Casa Grande & Senzala" e recordamos a significação deste

livro — e de toda a obra do homem de Apipucos — em nossa cultura, em nosso crescimento como povo e como país. Só um idiota ou um invejoso sem remédio poderia negar a enorme significação e a enorme importância de "Casa Grande & Senzala", importância e significação permanentes. Muitos livros sérios e grandes — alguns escritos pelo mesmo Gilberto — foram publicados depois. Mas nenhum sacudiu o Brasil como esse primeiro de Gilberto Freyre, nenhum abalou tão profundamente a opinião e tanto concorreu para que se escrevesse e lesse em nossa pátria.

Recordo aqueles tempos de há vinte e cinco anos, difíceis e alegres, e compreendo o que houve de heróico e romântico naquele período. Era um despertar e um abrir de caminhos, um entusiasmo de pioneiros, tínhamos a força e a generosidade dos desbravadores. Nasciam editoras, jornais literários, crescia a poesia no consultório de Jorge de Lima, Murilo Mendes era um Don Quixote solto no Rio. E o livro de Gilberto deslumbrava o país, falava-se dele onde jamais se falara de livros, empregava-se a palavra "mestre" como na Europa. Nós todos que começávamos a escrever e publicar, sentiamo-nos orgulhosos do grosso volume que era uma revolução.

Muito tempo passou, muita água correu, hoje multiplicam-se os livros e o público. "Casa Grande & Senzala" guarda a mesma grandeza de há vinte e cinco anos. Discorde-se de idéias, de afirmações, de pontos-de-vista. Mas como não sentir a alegria de admirar, de compreender e afirmar sua importância?

Em nota sobre o autor recorda a editora ter sido o nome de Gilberto Freyre proposto para o Prêmio Nobel pela Comissão de Educação e Cultura da Câmara de Deputados eleita em 1945 e salienta ter-se encontrado entre os componentes daquela comissão o autor desta notícia. "Ocorrerá-me a aventura" do parlamento e fui realmente dos que levantaram o nome de Gilberto para o Prêmio Nobel. Eu o faria novamente hoje. Creio que já possuímos alguns escritores dignos de tal recompensa: homens do estudo, da ficção, da poesia. Gilberto o merece há vinte e cinco anos.

Ao folhear essa décima edição sinto como foi alegre e importante para mim ter assistido e participado do nascer deste livro.

Uma nova vitória da mulher brasileira

— Adalgisa indica a suas patrícias o caminho certo para Long-Beach...

Como uma flôr luminosa desabrochando na carícia de pétalas macias e perfumadas, Adalgisa Colombo parece mostrar a tôdas as môças bonitas dêste imenso e querido Brasil o poder misterioso de seu talismã — Leite de Rosas — o insuperável leite de beleza hoje mundialmente consagrado como o supremo embelezador da mulher.

A vitória de Adalgisa, sagrando-se vice-"Miss Universo" no prélio elegante de Long-Beach, em competição com a alucinante multiplicidade de beldades de 36 países, fez com que, mais uma vez, o encanto da

mulher brasileira brilhasse na constelação da beleza universal, tão bem representado pela formosa carioca que assim repetiu e enriqueceu a tradição de elegância, graça e cultura das jovens brasileiras — tradição firmada através dos famosos certames, graças ao eficiente e feliz patrocínio de Leite de Rosas, também vitorioso na preferência feminina, no mundo inteiro.

Assim, as jovens brasileiras têm na ilustração desta página a indicação segura de como chegar à glorificação de seus encantos.



Leite
de Rosas

O supremo embelezador da mulher

Rua Ana Nery, 321 - Tel.: 34-2014 - Rio

* Agora em 2 tamanhos: pessoal e família.



MARTIN GARCIA

Uma pequena lição

EU SEI TUDO



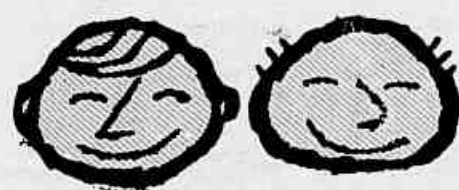
TU SABES TUDO



ÊLE SABE TUDO



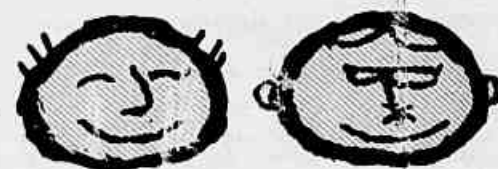
NÓS SABEMOS TUDO



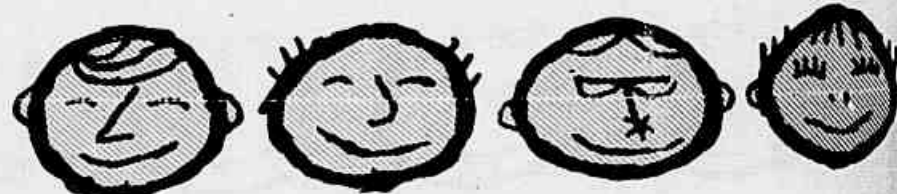
VÓS SABEIS TUDO



ÊLES SABEM TUDO



TODOS SABEM:



EU SEI TUDO

a revista que

TUDO SABE · TUDO CONTA · TUDO EXPLICA

REDAÇÃO: RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO